

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE ARTES - CEART
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROF-ARTES

Dissertação de Mestrado

**Abordagem
interdisciplinar no
ensino curricular de
música: a percepção dos
educadores envolvidos
no projeto “Regiões
brasileiras”**

ROSE DE FÁTIMA PINHEIRO AGUIAR E SILVA

FLORIANÓPOLIS, 2016

ROSE DE FÁTIMA PINHEIRO AGUIAR E SILVA

**ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NO ENSINO
CURRICULAR DE MÚSICA: A PERCEPÇÃO DOS
EDUCADORES ENVOLVIDOS NO PROJETO
“REGIÕES BRASILEIRAS”**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Subárea: Educação Musical

Orientadora: Prof^a. Dra. Teresa Mateiro

FLORIANÓPOLIS, SC

2016

S5
86a Silva, Rose de Fátima Pinheiro Aguiar e
Abordagem interdisciplinar no ensino curricular de música: a
percepção dos educadores envolvidos no Projeto “Regiões Brasileiras” /
Rose de Fátima Pinheiro Aguiar e Silva. - 2016.
160 p. il. color ; 29 cm

Orientadora: Teresa Mateiro

Bibliografia: p. 143-149

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Florianópolis,
2016.

1. Música – Ensino fundamental. 2. Conhecimento – Abordagem
Interdisciplinar. I. Mateiro, Teresa. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Artes. III. Título.

CDD: 372.87 – 20.ed.


ROSE DE FÁTIMA PINHEIRO AGUIAR E SILVA

**ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NO ENSINO CURRICULAR
DE MÚSICA: A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES ENVOLVIDOS
NO PROJETO "REGIÕES BRASILEIRAS"**

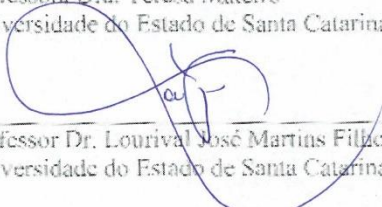
Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes.
Subárea: Educação Musical

Banca Examinadora

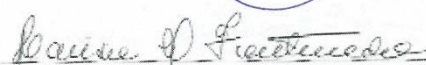
Orientadora


Professora Dra. Teresa Mateiro
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)


Membro


Professor Dr. Lourival José Martins Filho
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro


Professora Dra. Marisa Trench de Oliveira Fonterrada
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Membro


Professor Dr. Sérgio Figueiredo
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Florianópolis, 11 de JULHO de 2016.

À minha netinha Luiza,
luz das nossas vidas,
minha poesia e minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

A gratidão foi um sentimento que me acompanhou desde o primeiro dia em que coloquei os pés na primeira aula do PROF-ARTES. Eu, professora de uma rede pública de ensino, após dezoito anos em sala de aula, me ver como aluna de mestrado na UDESC, recebendo uma bolsa de estudos da CAPES, fruto de um programa de política pública federal para qualificação de professores. Aguenta coração!

Por isso, prossigo meus agradecimentos citando o professor André Carreira, que, na função de coordenador nacional do PROF-ARTES, abraçou a causa e trabalhou para que o programa estivesse aqui.

À Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, na função de funcionária dessa Rede, agradeço pela concessão da licença de vinte horas para o mestrado, pela oportunidade de participar e apresentar trabalhos nos Congressos da ABEM e pela autorização para que meu campo de pesquisa fosse a escola Batista Pereira.

Agradeço com carinho a todos que foram meus professores nesses dois anos: professor Vicente, professor Vargas, professora Maria Cristina, professora Viviane, professora Márcia, professor André e, em especial, ao professor Sérgio Figueiredo, que generosamente nos acolheu em suas disciplinas do mestrado acadêmico para que pudéssemos cumprir nossos créditos na área da educação musical.

À professora Teresa Mateiro, minha orientadora, me faltam palavras para expressar minha gratidão. Com competência, firmeza, cuidado, atenção e humildade, foi me conduzindo nesse imenso desafio que foi, para mim, escrever uma dissertação. Soube me impulsionar nos momentos de crise, soube me apoiar na minha indecisão. Agradeço pela parceria que, mesmo em situações difíceis, não deixou de me socorrer. Para mim foi um privilégio poder dividir essa caminhada contigo. Gratidão imensa por tudo.

Ao nosso adorável grupo de pesquisa Educação Musical e Formação Docente, que muito auxiliou na descoberta de soluções nos momentos de impasse. Agradeço aos colegas pelas leituras criteriosas de meus textos e pelas relevantes sugestões que recebi de todos para ir amadurecendo minha escrita. É um espaço precioso de trocas que vou querer continuar seguindo.

Aos professores presentes na minha qualificação, professor Lourival Filho e professor Sérgio Figueiredo, agradeço pelo apoio, pelas sugestões e tantas contribuições que fizeram com que eu amadurecesse e tomasse decisões significativas na condução da minha pesquisa. Agradeço igualmente à professora Marisa Fonterrada, por aceitar o convite para integrar essa banca.

Agradeço imensamente aos meus colegas de trabalho da escola Batista Pereira, que tão gentilmente aceitaram participar da pesquisa e concederam as entrevistas que tornaram possível a realização desta pesquisa. E a todos os demais professores e funcionários da escola que de alguma forma colaboraram para que eu pudesse concluir este trabalho.

Agradeço a cada um dos meus colegas de turma, pessoas incríveis, e aos deliciosos almoços e festas que fizemos juntos. Em especial aos meus companheiros da música, Rafael, Ramiro, Rodrigo e Suellen, pelas palhaçadas, piadas, almoços, pizzas, cafés, *petit gateau* e as tantas experiências estéticas que nos permitimos viver. Vocês fizeram o meu mestrado ser feliz.

Gratidão especial às preciosas pessoas de minha família. Agradeço à minha mãe, Silvia, por me incentivar o tempo todo e compartilhar comigo cada passo e cada conquista da pesquisa. Agradeço a minha irmã Thais (Cavala) e a seu marido Murilo pela valiosa orientação na escrita do meu portfólio. Ao meu querido genro Tiago, que tanto me socorreu nos gráficos e formatações na minha ignorância em relação aos recursos da tecnologia, e pelas nossas produtivas discussões a respeito da interdisciplinaridade. A minha filha linda Amira,

companheira, confidente, amiga que soube estar presente nos momentos certos, me dando seu carinho e sua atenção toda vez que eu precisava. Gratidão ao meu companheiro e amor, Paulo, pela sua paciência, compreensão e pelas inúmeras vezes que enxugou minhas lágrimas durante as crises que enfrentei no caminho da pesquisa. Ao meu irmão Dedé, gratidão pelas saídas noturnas durante a semana para espairer, comer e ser feliz. Ao querido sobrinho Tico, gratidão pelas palhaçadas, imitações e tolices que me fazem rir até chorar e depois pedir tudo de novo. À minha irmã Malu, pela alegria da vizinhança e pelos creminhos que aliviaram minhas dores na coluna de tanto escrever. Em especial, gratidão imensa pelas minhas duas adoráveis florezinhas, Luiza, minha netinha, e Emilie, minha sobrinha. Quanta ternura, alegria, inocência e carinho eu tive o privilégio de receber desses anjinhos. A minha irmã Tetê (*in memorian*) e a meu pai Irineu (*in memorian*), que continuam presentes em tudo que realizo.

Às pessoas incríveis que estão no meu caminho. A Simone Ribeiro, que compartilhou comigo a dor e a delícia de fazer uma pesquisa, gratidão pela amizade, cumplicidade e carinho. Ao companheiro de mestrado e de profissão, vizinho e amigo, Rafael, gratidão pela parceria. Ao querido Rodrigão, pela orientação e apoio para escrever o portfólio e por batalhar por nossas conquistas. À querida amiga Waleska, pela cumplicidade, amizade, pelo apoio nesse caminho da educação. Ao “meu caro amigo” Ricardo Pinho, companheiro no PROF-HISTÓRIA, com quem tenho o privilégio de tomar as duas doses e compartilhar a vida.

Agradeço a Deus pela vida, pela saúde, pela coragem de enfrentar o imenso desafio de escrever este trabalho.

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, a partir da percepção dos educadores envolvidos. Como objetivos específicos, busquei compreender, segundo a percepção dos educadores, os efeitos do ensino curricular de música realizado no projeto interdisciplinar para os alunos envolvidos e para a escola como um todo; identificar os obstáculos e desafios enfrentados pelos educadores durante a concretização do projeto interdisciplinar. Tal projeto foi realizado na Escola Básica Municipal Batista Pereira, em Florianópolis, SC, durante o ano letivo de 2014, com duas turmas do sétimo ano que tiveram a disciplina de Música no currículo desde o sexto ano. Para alcançar os objetivos do trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa e o método da História Oral Temática. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas temáticas semiestruturadas, realizadas com oito educadores que participaram integralmente da proposta interdisciplinar. A fundamentação teórica está pautada na discussão acerca do conceito de interdisciplinaridade e nos trabalhos da área da educação musical em que se ressalta a importância do diálogo entre o ensino de música e as demais áreas do conhecimento na concretização de experiências interdisciplinares. Os resultados indicaram que o ensino curricular de música realizado durante o projeto contribuiu para a formação dos estudantes do sétimo ano envolvidos, e apontaram o desenvolvimento de aspectos como foco, organização, disciplina, trabalho coletivo, responsabilidade, postura, respeito aos colegas e professores. O repertório trabalhado nas aulas de música possibilitou experiências com ritmos diversificados, e os estudantes conseguiram associar esse repertório com os conteúdos da maioria das disciplinas. O estudo apontou também que alunos que apresentavam

dificuldades motoras e cognitivas conseguiram participar ativamente das atividades musicais, superando as expectativas quanto ao que normalmente desempenham nas demais disciplinas. Quanto ao papel do ensino de música para a escola, houve uma maior integração da equipe envolvida no projeto, em função dos eventos realizados. Esses eventos foram apontados como oportunidade para maior aproximação entre professores e alunos, possibilidade para outros públicos apreciarem o trabalho realizado em sala de aula, e valorização da escola como parte da rede pública de ensino. Os resultados também sinalizaram a necessidade de incluir os alunos nas decisões e envolver os professores na escolha do repertório musical. Sendo assim, a partir das falas dos educadores e do diálogo com a literatura, esta pesquisa gerou uma consideração relevante: um projeto plenamente interdisciplinar deve buscar solucionar um problema ou questão por meio do envolvimento e da parceria entre alunos, professores, pais, comunidade e equipe pedagógica num planejamento coletivo, ação que não foi almejada no projeto em questão. Seria esse o próximo desafio, elaborar um projeto interdisciplinar com a proposta de incluir todos os setores nas decisões, e buscar um tema com o objetivo de solucionar alguma questão que seja relevante para a comunidade escolar.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação musical. Ensino Fundamental. Ensino curricular de música.

ABSTRACT

This research proposes to investigate the role of curricular Music Education in the interdisciplinary project called “Regiões Brasileiras” (“Brazilian Regions”), from the point of view of the involved educators. It proposes specifically to understand, from the educators’ viewpoint, the effects of curricular Music Education towards the students involved in the interdisciplinary project and towards the school as a whole; and to identify the obstacles and challenges faced by the educators during the development of that interdisciplinary project. That project was carried out at Escola Básica Municipal Batista Pereira, a municipal basic school, in Florianópolis, SC, Brazil, during the school year of 2014, with two classes of the seventh grade that had had curricular music classes since sixth grade. As a method to achieve the aims of this research, we used a qualitative approach and Thematic Oral History. Data was collected through thematic semi-structured interviews, applied to eight educators who participated of the entire interdisciplinary proposal. Theoretical fundamentals are based on the discussion about interdisciplinarity and on researches on musical education that reaffirm the importance of dialogue between Music Education and the other areas of knowledge in order to make possible interdisciplinary experiences. This research analyzed the speech of the interviewed educators in dialogue with literature. Results indicate that curricular Music Education performed throughout the project contributed to form the students involved. It also points aspects such as focus, organization, discipline, collective work, responsibility, posture, respect toward classmates and teachers. The repertoire practiced in music classes allowed experiences with various rhythms, and the students were able to associate this repertoire with contents of most school subjects. This study also indicated that students who present motor and cognitive difficulties were able to

participate in the musical activities, overcoming the expectations about their usual performance in other subjects. About the role Music Education played in school, we have observed a more consistent integration of the team involved in the project. Interviewees attributed such integration to the public music performances, which they see as opportunities to improve contact between teachers and students, and as a possibility for other publics to appreciate the work done in classes and to value school as part of the public educational network. Results have also signed the necessity to include the students in the decisions, and to involve teachers in the choice of musical repertoire. As a conclusion, this research generated an important consideration: a fully interdisciplinary project must solve a problem or a question elaborated through involvement and partnership of students, teachers, parents, community and pedagogic team in a common plan, which was not a purpose of the project we analyzed. That would be the next challenge, to elaborate an interdisciplinary project aiming to include all sectors in decisions, and to search a theme with the purpose to solve some question of relevance to the school community.

Keywords: Interdisciplinarity. Music Education. Elementary school. Curricular Music Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-------|
| Figura 1 - Gráfico com a quantidade de trabalhos selecionados por fonte..... | p. 34 |
| Figura 2 – Convite para o evento Dia do Artista na Escola..... | p. 74 |
| Figura 3 – Mapa das categorias nº 1..... | p. 89 |
| Figura 4 – Mapa das categorias nº 2..... | p. 90 |

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sequência das entrevistas.....p. 83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CELESC - Centrais Elétricas de Santa Catarina

CEULS/ULBRA - Centro Universitário Luterano de Santarém

PROF-ARTES – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina.

SESC - Serviço Social do Comércio

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIESC - Unidade de Educação de Santa Catarina

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 27 |
| 1 O ENSINO DE MÚSICA COM ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR | 33 |
| 1.1 Projetos interdisciplinares no Ensino Fundamental..... | 34 |
| 1.2 A música em projetos interdisciplinares no Ensino Superior..... | 41 |
| 1.3 Educação musical e interdisciplinaridade em escolas de artes..... | 43 |
| 2 INTERDISCIPLINARIDADE: PROPOSTA METODOLÓGICA E FILOSOFIA DE TRABALHO..... | 47 |
| 2.1 O diálogo, a parceria..... | 47 |
| 2.2 Manutenção das disciplinas..... | 53 |
| 2.3 Obstáculos para a prática interdisciplinar..... | 54 |
| 2.4 O que dizem os documentos oficiais..... | 56 |
| 2.5 Interdisciplinaridade e educação musical..... | 60 |
| 2.6 A experiência de Paulo Freire..... | 63 |
| 3 CAMINHAR METODOLÓGICO | 67 |
| 3.1 A Escola Básica Municipal Batista Pereira..... | 67 |
| 3.2 O projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”..... | 69 |
| 3.2.1 Planejamento do projeto interdisciplinar..... | 69 |
| 3.2.2 Desenvolvimento das aulas..... | 71 |
| 3.2.3 Resultados do projeto..... | 73 |
| 3.3 Abordagem qualitativa..... | 77 |
| 3.4 História Oral Temática..... | 78 |
| 3.5 Coleta de dados..... | 80 |

| | |
|--|-----|
| 3.5.1 As entrevistas..... | 81 |
| 3.5.2 Os entrevistados..... | 84 |
| 3.6 Organização e categorização dos dados..... | 87 |
| 3.7 Procedimentos éticos..... | 91 |
| 4 PARTICIPAR DO PROJETO INTERDISCIPLINAR | 93 |
| 4.1 Motivação para participar..... | 93 |
| 4.2 O diálogo faz a diferença..... | 97 |
| 4.3 Significado da experiência..... | 104 |
| 5 O ENSINO DE MÚSICA NO PROJETO | 111 |
| 5.1 Na música os alunos são destaque..... | 111 |
| 5.2 A música pode ir além da sala de aula..... | 120 |
| 5.3 Desafios e obstáculos..... | 125 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 137 |
| REFERÊNCIAS | 145 |
| ANEXOS | 153 |

INTRODUÇÃO

A interdisciplinaridade gera várias discussões acerca de seu significado e de sua prática, e essas são questões que permeiam minha atuação como professora de Música desde que comecei a perceber o isolamento e a solidão aos quais, muitas vezes, nos submetemos quando fechamos a porta de nossa sala de aula. Cada professor¹, centrado em seus conteúdos, trabalhando e planejando sem olhar o todo, sem buscar dialogar com seus pares. O isolamento e a solidão que senti possibilitaram o surgimento de uma certa inquietude, e percebi que poderia propor parcerias na tentativa de construir um trabalho coletivo, no intuito de tornar o ensino curricular de música mais integrado e articulado com as demais disciplinas.

Ingressei na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis em 1998, no primeiro concurso que selecionou professores efetivos para atuarem em sua área de habilitação, que na ocasião eram Música, Teatro e Artes Visuais. Desde então, atuo como professora no ensino curricular de música na Escola Básica Municipal Batista Pereira, inicialmente com a carga horária de vinte horas e, desde 2014, com carga horária de quarenta horas.

No ano de 2004, fiz um convite ao professor de Geografia da sexta série² para planejarmos uma atividade que fosse desenvolvida durante todo o ano letivo, buscando aliar o conteúdo das regiões brasileiras, que seria abordado por ele, com um trabalho de educação musical utilizando canto, flauta doce e percussão. O projeto foi desenvolvido de acordo com nosso planejamento, e conseguimos alcançar nossos objetivos

¹ Expressão referente aos homens e mulheres que atuam na educação básica”.

² A terminologia “série” e “ano”, referente aos níveis de ensino, será mantida de acordo com o ano de realização do projeto, ou seja, antes e após o ano de 2010, prazo final para essa adaptação.

iniciais, além de vários desdobramentos que os resultados nos trouxeram, tais como a participação intensa de todos os alunos, as apresentações que foram realizadas na escola e o convite para apresentar o trabalho em um seminário a respeito do ensino de artes.

A partir dessa primeira experiência, alguns trabalhos foram realizados na Escola Básica Municipal Batista Pereira com bons resultados, envolvendo um número cada vez maior de disciplinas e professores. Observei, ao longo das experiências vivenciadas, que o ensino de música poderia tornar-se mais articulado e rico, em função da contextualização fornecida pelas demais disciplinas.

Sendo assim, em 2006 foi realizado outro projeto em que estiveram envolvidas duas turmas de quinta série em uma parceria com o professor de História, abordando a temática da cultura indígena (SILVA, 2008, p. 106). Nas aulas de História, o estudo das etnias Suruí, Guaraní, Xokleng, Carijós e Xavante foi elaborado e desenvolvido por meio de pesquisas de textos e imagens na sala informatizada, documentários acerca da cultura, a realidade e as lutas dos grupos que restaram, confecção de cartazes e textos a respeito de cada grupo étnico, elaborados pelos próprios alunos. Nas aulas de Música foram trabalhadas canções das etnias Suruí, Karitiana e Guaraní, cantadas em suas línguas originais. A parte instrumental foi executada na flauta doce e em instrumentos musicais de origem indígena, sendo que alguns foram confeccionados pelos alunos. O resultado final dessa experiência foi apresentado no Seminário de Educação Étnico-Racial realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, em 2006.

Outro projeto concretizado foi “O Rap da Saúde”, em que a temática do *Rap*, vivenciada pela disciplina de Música em conjunto com Ciências e Matemática, abordou questões de nutrição, pirâmide alimentar, composição dos alimentos, construção de gráficos e tabelas nutricionais, que resultaram na composição de um *rap* por alunos e professores abordando as

questões alimentares. Este trabalho foi realizado em 2009 com duas turmas de sétima série, e seus resultados foram apresentados na escola.

Em 2010, duas turmas de sexta série, professores de Português, História, Geografia, Matemática e Ciências, além das professoras dos laboratórios de informática e de ciências, trabalharam conjuntamente em um projeto a respeito da música erudita³. O estudo do repertório foi abordado de forma interdisciplinar pela disciplina de Música, com a execução e apreciação de algumas peças de Beethoven, Villa-Lobos, Bach, Tchaikovsky e Vivaldi. Em Ciências, foi trabalhado o sistema auditivo, o caminho do som e doenças relacionadas ao ouvido. Os alunos pesquisaram acerca da musicoterapia e aprofundaram a discussão com uma musicoterapeuta convidada. Mapas foram confeccionados, identificando os países e os continentes de origem dos compositores eruditos. O conteúdo de dança foi desenvolvido com vivências e vídeos do balé *Quebra Nozes* e *Lago dos Cisnes*. Ao final, algumas apresentações foram realizadas.

Em 2013, foi a vez de estudar novamente a cultura indígena (SILVA; PINHO; RIBEIRO, 2014), especificamente a de quatro etnias: Guarani, Krenak, Suruí e Pataxó. O projeto contou com a participação de nove professores e duas turmas de sextos anos. As disciplinas participantes foram: Música, Ciências, Matemática, História e Geografia. Nas aulas de Música, canções de cada etnia em suas respectivas línguas foram aprendidas na flauta doce e em instrumentos de percussão. Nas demais disciplinas, outras atividades foram desenvolvidas, tais como: localização espacial das quatro

³ O relato desta experiência foi apresentado, mas não publicado, no Congresso de Educação Básica – COEB 2013, evento realizado pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, com o título “A Música Erudita: um projeto interdisciplinar”.

etnias, confecção de mapas, importância do território para continuidade das nações indígenas, alimentação, vocabulário, estudo e leitura de mitos indígenas. Foram feitas experiências práticas no laboratório de ciências com a extração de pigmento vegetal do urucum, e a simulação de um ritual de imagem e criação de arte gráfica, utilizando conceitos etnomatemáticos para a pintura corporal e caracterização dos alunos nas apresentações musicais que aconteceram ao final do ano letivo.

Em 2014, realizamos um outro projeto interdisciplinar na escola Batista Pereira com o título “Regiões brasileiras” (SILVA, 2015). A experiência contou com a participação de duas turmas dos sétimos anos, seis professores e três membros da equipe pedagógica. As disciplinas envolvidas eram Música, Geografia, Educação Física, Ciências e História. O projeto durou todo o ano letivo de 2014 e obteve alguns resultados.

Nesse mesmo ano, ingressei no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES/ UDESC), com o desejo de pesquisar a interdisciplinaridade no intuito de aprofundar o assunto e investigar minha própria prática. Escolhi, então, o projeto interdisciplinar que realizamos na escola em 2014 como o contexto da pesquisa e, como foco, o papel do ensino de música no projeto a partir do olhar dos colegas que participaram comigo dessa experiência.

Sendo assim, o principal objetivo dessa pesquisa é investigar o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, a partir da percepção dos educadores envolvidos. Os objetivos específicos são: compreender, segundo a percepção dos educadores, os efeitos do ensino curricular de música realizado no projeto interdisciplinar para os alunos envolvidos e para a escola como um todo; identificar os obstáculos e desafios enfrentados pelos educadores durante a concretização do projeto interdisciplinar.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. Após a introdução, apresento, no primeiro capítulo, a revisão de literatura, que consta de trabalhos a respeito de projetos

interdisciplinares na área da educação musical, realizados no ensino fundamental, no ensino superior e em escolas de artes.

No segundo capítulo, trago a fundamentação teórica, que está subdividida em partes que abordam: os conceitos de interdisciplinaridade por Japiassu (1976), Fazenda (2002; 2014), Paviani (2008), Santomé (1998), Lück (2002) e Freire (2005), no sentido de conhecer como cada um aborda o tema e quais os pontos em comum; os obstáculos para a prática interdisciplinar, segundo Fazenda (1996; 2002); o que dizem os documentos oficiais quanto à prática interdisciplinar no contexto da escola básica; a interdisciplinaridade na educação musical com Penna (2006), Lima (2007) e Fucci Amato (2010); e a experiência de Paulo Freire com o projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador”, descrita por Ferrari (2007).

No terceiro capítulo descrevo os caminhos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Inicialmente apresento a estrutura da Escola Básica Municipal Batista Pereira e os passos para a realização do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, ou seja, o planejamento, o desenvolvimento e seus resultados. Em seguida exponho a abordagem qualitativa e o método da História Oral Temática. Nele, esclareço a respeito das entrevistas temáticas semiestruturadas, descrevo a forma como foram realizadas, e apresento os entrevistados e o processo de organização e categorização dos dados e os procedimentos éticos.

Os capítulos quatro e cinco compõem-se da análise dos dados. No capítulo quatro, apresento a percepção dos educadores quanto à participação no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” quanto à motivação para envolver-se na proposta interdisciplinar, a importância do diálogo no processo e o significado da experiência para cada um dos educadores. No capítulo cinco, evidencio os aspectos relacionados ao papel do ensino curricular de música no projeto, trazendo a percepção dos educadores com relação aos alunos e à escola

como um todo, e destaco os desafios e obstáculos enfrentados para a realização da proposta interdisciplinar apontados pelos participantes da pesquisa.

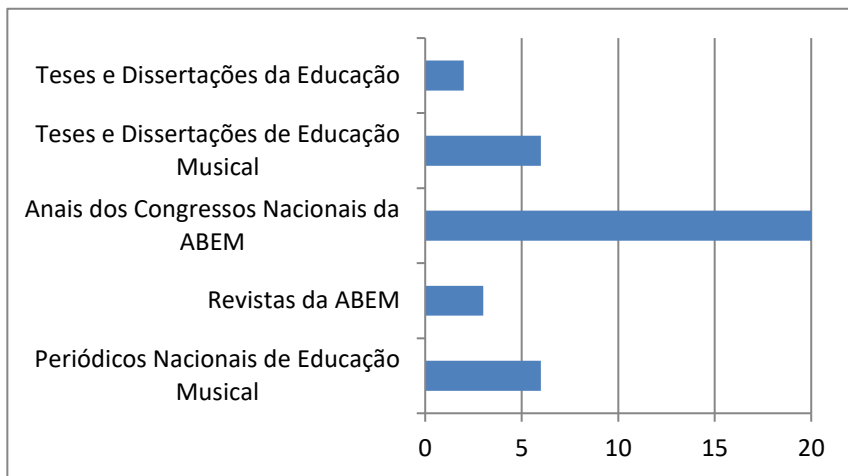
Por fim, apresento as considerações finais com minhas conclusões acerca do papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar em questão, e trago reflexões acerca dos elementos que precisariam ser agregados para que o projeto “Regiões brasileiras” pudesse atender plenamente os requisitos de uma proposta plenamente interdisciplinar, como, por exemplo, a participação de alunos, educadores, pais e comunidade no planejamento e realização do projeto, buscando solucionar algum problema ou questão pertinente às necessidades do grupo.

1 O ENSINO DE MÚSICA COM ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Com a intenção de encontrar pesquisas acerca do ensino de música com abordagem interdisciplinar, uma revisão de literatura foi realizada nas publicações da área nos últimos dez anos (2005 – 2015). Foram consultadas as *Revistas* e os *Anais* da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), os *Anais* do Simpósio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão – Região Sul, os periódicos nacionais de educação musical e outras áreas, *Claves*, *DaPesquisa*, *Em Pauta*, *Ictus*, *Música em Perspectiva*, *Música Hodie*, *Nupeart*, *Opus*, *Per Musi* e *Percepta*. Foram consultadas teses e dissertações de programas de pós-graduação em educação musical, o Índice de Autores e Assuntos da ABEM (MATEIRO, 2013), bem como o banco de teses e dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Foram encontrados trinta e sete trabalhos com os temas de busca “educação musical e interdisciplinaridade” e “ensino de música interdisciplinar”. Para esta pesquisa, foram analisados quinze trabalhos que trazem experiências interdisciplinares no ensino fundamental, no ensino superior e em escolas específicas para o ensino de artes.

Figura 2 - Gráfico com a quantidade de trabalhos selecionados por fonte.



Fonte: Produção da autora

1.1 Projetos interdisciplinares no Ensino Fundamental

As experiências realizadas no ensino fundamental aparecem em maior número nesta revisão de literatura, por estarem relacionadas ao tema de minha pesquisa. São trabalhos desenvolvidos integrando música, artes visuais, teatro, dança e outras disciplinas do currículo. Foi feita a análise de uma tese na área da educação e linguagem (Ferrari, 2007), que não trata especificamente de educação musical, mas apresenta uma pesquisa realizada em escolas que trabalham com projetos interdisciplinares. Foram encontrados ao todo nove trabalhos: Faria (2009), Prado (2010), Campos e Ferreira (2006), Ferrari (2007), Cordeiro (2007), Leme, Repsold e Marinho (2008), Oliveira (2007), Jardim (2010), Queiroz e Cruvinel (2010). Estes trabalhos podem ser assim distribuídos: três dissertações, uma tese, três relatos de experiências e duas monografias. Os

trabalhos apresentam os desafios e possibilidades de desenvolver projetos no contexto escolar do ensino fundamental, trazendo conceitos, propostas, obstáculos, avanços, experiências exitosas e outras nem tanto.

A dissertação de Faria (2009) teve como objetivo descrever os processos de integração entre as linguagens artísticas que ocorrem em três escolas de Goiânia. São elas: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação – Cepae/UFG (escola regular), Centro Livre de Artes CLA (escola pública de ensino específico de artes) e Mvsika! Centro de Estudos (escola particular de ensino específico de artes). Portanto, o tema central do trabalho são as artes integradas. Essa integração pode ocorrer de várias formas, que vêm sendo descritas como pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Baseados nos cinco princípios de Fazenda que subsidiam uma prática interdisciplinar, foram estabelecidos os critérios para a análise dos dados. A metodologia da pesquisa tem um enfoque qualitativo e apresenta as práticas de integração de linguagens artísticas observadas no formato de estudos de caso. Para descrever a realidade das práticas de integração de linguagens, foram aplicados questionários aos educadores das escolas de Goiânia e a quatro educadores de outros lugares do país. As respostas dadas possibilitaram a análise da concepção e da prática dos educadores quanto à integração de linguagens artísticas. Foram feitas, também, nas escolas de Goiânia, observações sistemáticas das aulas com propostas integrativas. Os resultados indicaram que cada escola buscou fortalecer as relações com os alunos a partir da sua compreensão de integração, e que as relações em uma instituição de ensino não podem ser separadas da sua visão pedagógica, o que vai ao encontro da valorização do aluno, do conhecimento e dos processos.

O papel da interdisciplinaridade e suas implicações no ensino de física, matemática e música para a educação básica,

em um estudo histórico-epistemológico da evolução da música no Renascimento, foi o tema da dissertação de Prado (2010). São propostas dez oficinas interdisciplinares em que essas três disciplinas possam de algum modo estar presentes. Tais oficinas têm também por objetivo instigar o aluno e convidá-lo a ter um enfoque reflexivo e crítico, assim como enriquecer o potencial de aprendizado com uma complementação do ensino tradicional, pela inclusão da interdisciplinaridade, quando possível. O resultado do trabalho são as oficinas sugeridas para utilização em sala de aula.

Utilizando a pesquisa-ação como metodologia, Campos e Ferreira (2006) apresentaram uma experiência de professores de artes que integraram um projeto de pesquisa no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG), cuja temática é a associação de linguagens artísticas no âmbito da escola de educação básica. Os fundamentos teóricos estão nos conceitos de Barbosa, Fonterrada, Schafer e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*. As atividades ocorreram por meio de conexões entre os programas específicos de cada linguagem a partir de um tema gerador comum, e tiveram como objetivo final a elaboração de uma proposta curricular integrada. Os procedimentos metodológicos foram: pesquisa bibliográfica, encontros do grupo de estudos e dois estudos empíricos; um foi a atuação conjunta dos professores da oitava série de artes visuais, teatro e música, a partir de um tema gerador comum (o período da ditadura militar no Brasil); no outro, os professores de música e artes visuais da quarta série do Ensino Fundamental, a partir do tema gerador comum (da arte indígena, europeia e negra à arte brasileira) atuaram em conjunto num trabalho artístico integrado. A equipe de professores buscou refletir acerca de questões como a interdisciplinaridade, a obrigatoriedade da arte na escola, a questão curricular e a discussão entre polivalência e formação específica do educador artístico.

Em sua tese na área da linguagem e educação, Ferrari (2007) tem por objetivo saber em que medida o conceito de interdisciplinaridade está presente no discurso dos educadores, e o que esse discurso sugere com relação às práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. O tema foi pesquisado em três escolas públicas de São Paulo no Ensino Fundamental II. A pesquisa foi feita em uma escola da Rede Estadual, uma Escola da Rede Municipal e uma Escola de Aplicação mantida com recursos da Universidade Pública. Um total de dezesseis reuniões nas três escolas foram acompanhadas, questionários foram aplicados a dezenove professores e setenta alunos de três turmas de 8^a série⁴ de cada escola. Os questionários dos professores abordavam: conceitos e práticas interdisciplinares, conceitos de aprendizagem, interação professor-aluno e importância da leitura como objeto interdisciplinar. O questionário dos alunos continha questões a respeito de: conceito de escola e educadores, as disciplinas escolares, os projetos interdisciplinares e a leitura. É apresentado um percurso acerca dos estudos interdisciplinares no Brasil nas concepções de Japiassu e Fazenda. A Análise do Discurso foi discutida a partir dos estudos de Foulcault, Pêcheux, Bakhtin, Orlandi e Brandão. O trabalho relata o “Projeto da Interdisciplinaridade via tema gerador”, implementado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo na gestão de 1989 a 1992, quando Paulo Freire era Secretário da Educação. Foi realizada em 10 escolas-piloto em 1990, e envolveu mais de 180 escolas até 1992. Com a descrição e análise desse projeto, foram feitas reflexões quanto às inter-relações entre política e educação. Os resultados apontaram que na Escola Municipal as reuniões coletivas mostraram um maior empenho dos professores em determinar o conceito e os objetivos da interdisciplinaridade e na implantação dos projetos. Os discursos enfatizaram o sentimento de pertencimento e

⁴ Corresponde atualmente ao nono ano.

identificação com o espaço escolar e com seus objetivos. Os resultados acima da média indicados pelos sistemas de avaliação estaduais e nacionais em 2005 sugerem que as três escolas pesquisadas realizam um trabalho pedagógico voltado para as necessidades de aprendizagem do aluno, embora a concretização de um currículo interdisciplinar ainda exija mudanças nas políticas educacionais, bem como maior fundamentação entre educadores, educandos e comunidade escolar.

O relato de experiência de Cordeiro (2007) teve como objetivo mostrar o resultado de um projeto interdisciplinar em uma escola de ensino fundamental, com alunos de 1^a a 4^a ⁵série, onde a música teve uma grande importância no resultado final. A proposta inicial uniu todas as disciplinas em torno de um único tema – o sertão pernambucano. Cada disciplina tratou do assunto em um enfoque interdisciplinar. Assim, os temas abordados em sala de aula foram: 1^a série, a fauna e flora e suas curiosidades; 2^a série, repentes acerca de sabedoria popular e credences; 3^a série, cordel quanto ao êxodo rural; 4^a série, a transposição do Rio São Francisco. Nas aulas de música os alunos aprenderam a respeito de baião, coco e embolada, vivenciando esses ritmos com instrumentos de percussão, expressão corporal e criação de arranjos. Como resultados apontados, houve a realização de uma apresentação artística na escola e o reconhecimento, por parte dos alunos, do valor do universo sertanejo.

O trabalho de Leme, Repsold e Marinho (2008) apresenta o relato de uma experiência interdisciplinar em Música Informática Educativa, desenvolvida no Colégio Pedro II com a criação do Portal de Educação Musical do Colégio Pedro II, patrocinado pela Petrobrás, por meio da Lei Rouanet, que tem como objetivo desenvolver e partilhar conteúdos e

⁵ Correspondem atualmente ao segundo e quinto ano. Esta relação serve para toda esta página.

atividades voltadas para o ensino-aprendizagem de música de seus alunos, ampliando essa demanda a todos os alunos da rede pública de ensino. O projeto disponibiliza o acesso a conteúdos de Educação Musical tais como apostilas, exercícios e partituras para flauta-doce, violão, coral e arranjos, todos disponíveis para *download*. O portal disponibiliza aulas interativas a respeito da história da música ocidental, étnica e brasileira, além de uma área para *links* que facilitam a construção do conhecimento acerca da música em geral. Como resultados, são apontadas as possibilidades de aulas mais dinâmicas, além de um maior interesse pelos conteúdos, demonstrado no bom aproveitamento que os alunos apresentaram nas avaliações feitas logo após as aulas e nas avaliações gerais.

Em seu relato, Oliveira (2007) descreve uma proposta interdisciplinar desenvolvida em uma oficina englobando as disciplinas de Educação Musical e Língua Inglesa com um grupo de alunos de 5^a e 6^a série do ensino fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo foi propiciar aos alunos o desenvolvimento de uma prática musical significativa utilizando o canto-coral e a língua inglesa, além do uso da expressão corporal e cênica. O trabalho está fundamentado em Souza, Swanwick, Penna, entre outros. Como resultados, a experiência demonstrou caminhos para a ampliação de vocabulário e repertório na língua inglesa e na história da música. Possibilitou também aos docentes vivências cotidianas nos aspectos da aprendizagem pedagógica, convívio em grupo e possibilidade de uma experiência interdisciplinar.

Jardim (2010), em seu artigo, apresentou uma síntese do trabalho de conclusão de curso de Especialização em Educação Matemática, realizado em uma Universidade do Rio de Janeiro. O trabalho consistiu na investigação de canções e criação de propostas de trabalho que pudessem integrar Educação Musical e Educação Matemática. Os autores que fundamentaram o

trabalho foram: Sekeff, Libâneo, Freire, Souza. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tentando adquirir o máximo de informações e conhecimentos produzidos pela comunidade acadêmica para, então, se promover um diálogo da pesquisadora com as informações obtidas. As canções selecionadas foram organizadas em folclóricas, didáticas e cotidianas. A meta inicial do trabalho não era somente criar as atividades, mas aplicá-las em uma turma do ensino fundamental no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). Entretanto, por falta de tempo essa experiência não se concretizou.

Queiroz e Cruvinel (2010) apresentaram, em seu artigo, uma pesquisa monográfica do Curso de Especialização Ensino da Música e Processos Interdisciplinares da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa teve como objetivo investigar o ensino coletivo de flauta doce a partir de uma abordagem interdisciplinar. O projeto ocorreu na Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA) de uma Escola Municipal de Goiânia. A pesquisa fundamentou-se nos princípios de Morin e Fazenda, e a metodologia foi a pesquisa-ação. O trabalho interdisciplinar ocorreu entre as disciplinas de ciências, história e música, com o ensino coletivo de flauta doce numa turma da oitava série. O título do projeto foi: “O Nordeste do nosso Brasil: o ensino de música em uma perspectiva interdisciplinar”. O projeto teve como objetivo oportunizar aos alunos a compreensão de elementos da região nordeste. Os conteúdos foram abordados pelas disciplinas tendo como ponto de partida a canção *Asa Branca*, do compositor Luiz Gonzaga. A conclusão do projeto seria uma apresentação artística ao final do processo, porém, segundo as autoras, não houve continuidade, pois os professores de ciências e história foram desmotivando-se e retiraram-se do projeto, restando somente a parte musical. Nas considerações finais, as autoras destacam que a prática interdisciplinar no contexto escolar é um grande desafio, pois há a necessidade de

mudança do pensamento e que todos estejam engajados no processo para que ela ocorra efetivamente.

1.2 A música em projetos interdisciplinares no Ensino Superior

Foram analisados quatro trabalhos relacionados com experiências interdisciplinares no ensino superior: Fonterrada (2007), Kleber e Cacione (2010), Giupato (2011), Mateiro e Ferreira (2013). Os estudos trazem experiências de integração entre as diferentes áreas acadêmicas e projetos de estágios que buscam promover vivências e práticas interdisciplinares aos seus estudantes no contexto escolar.

Fonterrada (2007), em seu artigo, faz uma revisão histórica da educação musical brasileira nos últimos 50 anos, apontando como ela se enfraqueceu no contexto escolar, mostrando, no entanto, fortalecimento nos projetos culturais e cursos de pós-graduação. A autora sugere que, como um caminho às necessidades atuais, que a educação musical dialogue com outras áreas do saber, como a psicologia, a medicina, a antropologia e a educação ambiental. Resultados parciais desse diálogo interáreas são mostrados com projetos concluídos e em andamento, desenvolvidos nos cursos de graduação e pós-graduação da Unesp. Tais projetos têm por objetivo pesquisar o papel da música junto a pessoas pertencentes a diferentes contextos, procurando desvendar seu significado para elas e se, de fato, elas são beneficiadas pela prática da música.. A autora espera que essas pesquisas possam contribuir para o melhor entendimento do papel da arte e, em especial, da música neste início de século e comprovar sua eficácia na promoção de qualidade de vida aos contemplados na investigação.

O artigo de Kleber e Cacione (2010) relata aspectos da experiência de realizar o projeto integrado intitulado “Formação de professores: consolidação das práticas

interdisciplinares nas licenciaturas”, que envolveu quinze professores, dezoito estagiários e oito cursos de licenciatura da Universidade Estadual de Londrina (UEL): Biologia, Ciências Sociais, Educação Física, História, Letras Estrangeiras Modernas, Matemática, Música e Química. O projeto propôs desenvolver uma experiência acadêmica, relacionando ensino e pesquisa, voltada para a prática do estágio curricular cujo eixo conceitual se construiu mediante a interdisciplinaridade. O projeto, cujo tema foi Diversidade, foi realizado em duas escolas públicas de Londrina (PR) com as primeiras séries do ensino médio, envolvendo 220 alunos e 18 professores das escolas. Como resultados, as autoras destacam que houve um avanço qualitativo dos cursos de graduação envolvidos com o projeto, uma vez que foi propiciado um maior conhecimento da complexidade da escola, dos saberes escolares e da formação de professores para a educação básica, especialmente para o ensino médio. O projeto possibilitou ações integradas e interdisciplinares na realização de um estágio diferenciado.

Um relato das aulas de estágio que integraram conteúdos de música e artes visuais com uma turma de 8ª série de uma escola pública de Londrina (PR) foi apresentado por Giupato (2011). O trabalho fundamentou-se na pedagogia relacional segundo Lenoir, no que esta trata de interdisciplinaridade científica e escolar. O trabalho propôs a análise de obras de pintores e músicos de diferentes períodos. Os alunos criaram composições musicais para instrumentos de percussão e xilofones, de acordo com as características do movimento artístico estudado.

Fundamentado em Fazenda, Lenoir e Morin, o artigo de Mateiro e Ferreira (2013)⁶ apresenta um projeto interdisciplinar desenvolvido nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de Licenciatura em Música e

⁶ Outra versão do trabalho foi publicada no livro de Gauthier *et al.* (2014, p. 145).

Teatro. O projeto nasceu da inquietação das autoras, professoras orientadoras, na busca de procedimentos de ensino e aprendizagem que proporcionassem vivências diferenciadas aos acadêmicos no período de estágio curricular nas escolas públicas de educação básica e, também do intuito de motivar aqueles que não se sentiam atraídos pela formação docente. Durante os três anos de realização do Projeto Interdisciplinar de Estágio, os procedimentos metodológicos foram alternados entre: leituras, debates, palestras, minicursos, mostra de vídeos e propostas práticas para o ensino de música e para o ensino de teatro. Como parte dos resultados do projeto, foi apontado um trabalho integrado com uma turma de crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos, do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI/UFSC), em que as aulas foram permeadas de vivências teatrais e musicais. Vislumbra-se também a continuação do projeto com a inclusão de estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais e com estagiários de Pedagogia.

1.3 Educação musical e interdisciplinaridade em escolas de artes

Os dois trabalhos analisados, Santa Rosa (2006) e Geyer e Pecker (2007), trazem pesquisas em espaços específicos para o ensino de artes que buscam o diálogo entre as linguagens artísticas. São experiências de produção de um musical e de práticas interdisciplinares com crianças de dois a quatro anos.

Em sua dissertação, Santa Rosa (2006) faz uma pesquisa qualitativa descritiva na área de educação musical, articulando-se com as áreas de Arte-educação, Psicologia, Filosofia e Sociologia. Foi realizada a observação participante do processo de construção, desenvolvimento e análise dos resultados da prática educacional do Musical Lamento Sertanejo, com 14 alunos na faixa etária de 14 a 20 anos no

contexto do Coral Juvenil da Escola de Música da UFBA, Salvador, BA. O processo avaliativo considerou a visão dos alunos, da professora e de três especialistas. Os resultados indicaram que a prática interdisciplinar na construção do Musical contribuiu para o desenvolvimento dos educandos nos aspectos musicais relacionados à percepção rítmica, melódica e harmônica. Trouxe maior desenvoltura no trabalho de expressão corporal, coordenação motora e interpretação teatral. Nos aspectos psicossociais, houve mais entrosamento no grupo, superação de bloqueios emocionais e elevação da autoestima. Cognitivamente foram desenvolvidos aspectos relativos à criatividade, memorização e aquisição de conteúdos culturais.

Geyer e Pecker (2007), em seu relato, oferecem uma nova proposta curricular estruturada na escola Estação Musical, espaço de música e arte, em Porto Alegre (RS). A partir de uma necessidade da escola de oferecer cursos que pudessem explorar a estética de óperas e musicais como prática pedagógica, surgiu o desejo de criar um espaço apropriado para experimentação e vivência das artes de forma interdisciplinar. A partir desse novo desafio, nasceu o Projeto Integrado da Estação Infantil, que foi criado com o objetivo de estabelecer conexões entre as áreas de música, teatro e artes visuais, visando o desenvolvimento das crianças de dois a quatro anos em sua totalidade. Os autores que fundamentam o trabalho são: Piaget, Ciornai, Maffioletti, Japiassu, Beyer. Foram desenvolvidas atividades de musicalização, jogos teatrais e arteterapia. Como resultados parciais são observados: maior engajamento das crianças e suas famílias na escola, acompanhamento do desenvolvimento dos alunos compartilhado entre os professores das disciplinas, e a quantidade e qualidade de informações trocadas entre os docentes, que acabam inserindo conhecimentos das outras áreas em suas práticas, o que as têm tornado mais ricas e dinâmicas.

Na análise dos trabalhos encontrados, principalmente os que relatam pesquisas e experiências de educação musical com abordagem interdisciplinar no ensino fundamental, não encontrei estudos semelhantes à minha questão de pesquisa, que é: qual o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, a partir da percepção dos educadores envolvidos? As pesquisas de Ferrari (2007) e de Queiroz e Cruvinel (2010) percorreram caminhos similares, porém, a primeira é da área de linguagem e, na segunda, os resultados mostraram que os professores desistiram e não conseguiram concluir o projeto interdisciplinar.

2 INTERDISCIPLINARIDADE: PROPOSTA METODOLÓGICA E FILOSOFIA DE TRABALHO

2.1 O diálogo, a parceria

Segundo Fazenda (2014), o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados da década de 1960, época em que emergem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidade e de escola. Os movimentos estudantis nasceram como oposição ao que privilegiava o conhecimento pautado em fatores econômicos, à alienação da Academia em relação às questões do cotidiano e também em oposição às organizações curriculares que evidenciavam a excessiva especialização, levando os alunos a uma “única, restrita e limitada direção” (FAZENDA, 2014, p.19).

Um dos principais precursores do movimento em prol da interdisciplinaridade foi Georges Gusdorf⁷. Ele apresentou à UNESCO em 1961, um projeto de pesquisa que, segundo Fazenda (2002), tinha como principal objetivo reunir um grupo de pesquisadores para produzirem uma “teoria do interdisciplinar”. Gusdorf pretendia, nesse projeto, construir um paradigma vocabular em que haveria conceitos-chaves a serem decodificados por todos os integrantes do projeto⁸. O projeto de Gusdorf não obteve êxito, e o que restou de tal projeto foi um trabalho isolado do autor no intuito de resgatar a história dos movimentos das ciências humanas. (FAZENDA, 2002)

⁷ Georges Gusdorf (1912-2000). Filósofo francês que pensou sobre o papel e a importância do professor em uma nova sociedade. Nasceu em Bourdeaux. Foi professor na Universidade de Estrasburgo. Sua principal obra educativa é “Professores, para quê?”, publicada em 1963.

⁸ Esse projeto encontra-se descrito na introdução de seu livro *Les sciences de l'homme sont des sciences humaines* (1967).

Alguns anos após essa iniciativa de Gusdorf, na tentativa da construção de uma teoria interdisciplinar, foi realizado em Nice, de 7 a 12 de setembro de 1970, organizado pela OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico), um *Seminário sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade nas Universidades*. Segundo Fazenda (2002), o evento resultou em um documento, publicado em 1972, que tenta reproduzir o trabalho de quarenta e três delegados e catorze especialistas provenientes dos vinte e um países-membros da OCDE, presentes no seminário. O documento registra os diferentes posicionamentos a respeito da terminologia, conceitos, problemas e soluções com relação à interdisciplinaridade.

Um dos objetivos desse Seminário, segundo Fazenda (1996), era tornar claro os conceitos de pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade à luz de uma reflexão epistemológica. Entre os especialistas presentes nesse Seminário encontravam-se H. Heckhausen, Guy Michaud, J. Piaget, E. Jantsch, M. Boisot e A. Lichnerowicz.

Fazenda (2002), a partir da análise das discussões advindas dos especialistas presentes no Seminário, conclui que existe uma preocupação em definir a terminologia adotada, embora ela esteja baseada em diferentes pressupostos. Constata também que existe uma gradação nesses conceitos e que eles se estabelecem na esfera da coordenação e cooperação entre as disciplinas.

Para Fazenda (2002), na pluridisciplinaridade ou na multidisciplinaridade, temos uma justaposição de conteúdos de diferentes disciplinas ou a integração de conteúdos numa mesma disciplina. Na interdisciplinaridade, ocorre uma relação de interação e diálogo e o estabelecimento de uma intersubjetividade. Já a transdisciplinaridade seria o mais alto nível das relações iniciadas nos níveis multi, pluri e interdisciplinares. Entretanto, para Fazenda (2002), a

transdisciplinaridade trata-se de uma utopia, e apresenta incoerência na medida em que pressupõe uma autoridade sobre as demais, negando a possibilidade do diálogo, condição essencial para o exercício efetivo da interdisciplinaridade.

Para esta pesquisa, não trarei as discussões existentes a respeito dos conceitos de pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade presentes nas obras dos demais autores que abordam o tema. Restringirei o estudo aos conceitos de interdisciplinaridade, já que esse será o foco desta pesquisa.

É consenso entre os autores que a interdisciplinaridade não possui um único conceito, uma única definição, mas que pode ser uma tentativa de romper com aquilo que está estabelecido. Neste trabalho, trarei essa discussão com alguns autores – Japiassu (1976), Fazenda (2002; 2014), Paviani (2008), Santomé (1998), Lück (2002) e Freire (2005) –, no sentido de conhecer como cada um aborda o tema, e como a interdisciplinaridade pode ser traduzida em prática na escola de educação básica.

Para Paulo Freire (2005), todo educador deve compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que exige, entre outras coisas, reflexão crítica com relação à prática, disponibilidade para o diálogo e aceitação de novos desafios. Sendo assim, o autor faz referência à postura dos professores com relação aos conteúdos das suas disciplinas quando afirma: “Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos” (FREIRE, 2005, p. 103). Partindo, inicialmente, desses elementos trazidos por Freire (2005), que vão de encontro às necessidades para uma prática interdisciplinar, seguem as discussões dos demais autores que tratam diretamente do assunto.

Uma das principais características da interdisciplinaridade, segundo os autores referidos acima, é a

abertura ao diálogo, a integração das disciplinas e o interesse pelo outro como uma forma para enfrentar a fragmentação do conhecimento. Hilton Japiassu (1976), um dos pioneiros no Brasil nos estudos acerca de interdisciplinaridade, apontou como um dos objetivos de sua obra mostrar outros caminhos que permitissem reajustar o ensino universitário das ciências humanas às exigências da sociedade e proceder a uma revisão total dos métodos e do espírito desse ensino. Sendo assim, segundo Japiassu (1976), um dos objetivos da prática interdisciplinar é engajar os especialistas na pesquisa em equipe para que aprendam a conhecer os limites da sua própria metodologia, para que possam dialogar em busca de um trabalho em comum. O princípio de distinção é sempre o mesmo: “A interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (JAPIASSU, 1976, p. 74).

Fazenda (2002) também ressalta que uma das características essenciais da interdisciplinaridade é a “intersubjetividade”, pois é por meio dela que será possível o encontro e a troca contínua de experiências entre os sujeitos e seu objeto de trabalho. Destaca que “A interdisciplinaridade depende então, basicamente, de uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela unitária do ser humano” (p. 31). Para a autora, a palavra “atitude” está relacionada à postura do educador diante do conhecimento e, conseqüentemente, diante da vida. Seria uma forma de abertura ao diálogo, ao novo, ao outro. Diz respeito também à humildade e reconhecimento das próprias limitações do saber, e à capacidade de envolvimento e de comprometimento com as pessoas e com os projetos.

Luck (2002), assim como Fazenda (2002), destaca que para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é essencial que haja diálogo, engajamento e participação dos professores com o objetivo de superar a fragmentação do ensino e de seu processo

pedagógico. Assim, todo o esforço na construção da interdisciplinaridade, é um processo contínuo, com significados cada vez mais vastos. Uma prática que vai ampliando a compreensão dos educadores envolvidos e paralelamente transformando a realidade pedagógica. O objetivo da interdisciplinaridade é “promover a superação da visão restrita de mundo e a compreensão da complexidade da realidade” (p. 60). Assim sendo, a interdisciplinaridade, para a autora, se constitui em um processo que vai sendo construído com as dúvidas, dificuldades, encontros, desencontros, avanços e recuos.

A interdisciplinaridade, para Paviani (2008), ocorre em cada situação de forma diversa. O autor compartilha das ideias de Japiassu (1976), Fazenda (2002) e Lück (2002), quando ressalta que, para ocorrer interdisciplinaridade, é necessário que se estabeleça a integração de conhecimentos e de pessoas e a cooperação entre professores e pesquisadores. Para o autor, a interdisciplinaridade também é um sintoma da fragmentação do conhecimento e da crise das disciplinas. Paviani destaca que: “Em síntese, a interdisciplinaridade pode ser vista como uma teoria epistemológica ou uma proposta metodológica” (PAVIANI, 2008, p. 14). Porém, Paviani esclarece que não adianta dizer que a interdisciplinaridade envolve integração de educadores e de disciplinas, se não estiver claro em que consiste essa integração e de que modo ela é colocada em prática. Para o autor, intenções e desejos não são suficientes para se conseguir resultados, pois a interdisciplinaridade é uma categoria de ação.

Da mesma forma que Paviani (2008), Santomé (1998) enfatiza que a interdisciplinaridade não é simplesmente uma proposta teórica, mas, sobretudo, uma prática, e seu aperfeiçoamento ocorre num processo de experiências reais de trabalho em grupo e no enfrentamento dos problemas e dos obstáculos, não havendo apenas um processo, e muito menos uma linha rígida de ações a seguir. Assim como os demais

autores, Santomé considera que a interdisciplinaridade surge como uma possibilidade de corrigir possíveis erros oriundos de uma ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação e integração. O autor associa a compartimentação das matérias ao trabalho fragmentado nos sistemas de produção da sociedade capitalista, que se pauta na hierarquização e na ausência de comunicação democrática entre os diferentes cargos de trabalho. Ele cita também a separação entre teoria e prática, a disjunção entre trabalho manual e intelectual, entre humanismo e técnica.

Para Santomé (1998, p.65), “A interdisciplinaridade é fundamentalmente um processo e uma filosofia de trabalho que entra em ação na hora de enfrentar os problemas e questões que preocupam em cada sociedade”. Para ele, essa visão do trabalho interdisciplinar pode chegar a desenvolver nos alunos um senso de responsabilidade e de lealdade com povos e grupos sociais marginalizados. “Destá maneira, gerarão uma empatia por outros povos e culturas e aprenderão a relativizar sua própria cultura e realidade” (SANTOMÉ, 1998, p.93). Os alunos precisam ter consciência de que sua vida cotidiana, os recursos que os rodeiam e suas ações produzem consequências em outros países distantes e que o mundo é um sistema interdependente.

Santomé (1998) igualmente destaca que a interdisciplinaridade está associada a comportamentos e posturas como flexibilidade, confiança, paciência, intuição, capacidade de adaptação, aceitação de riscos e de novos papéis, pois implica em diversos especialistas trabalhando em um contexto de estudo de caráter mais coletivo. O autor ressalta que, na interdisciplinaridade, “cada uma das disciplinas em contato são por sua vez modificadas e passam a depender claramente umas das outras” (SANTOMÉ, 1998, p. 73). Dessa forma, Santomé entra em comum acordo com Japiassu (1976) e Fazenda (2002), quando coloca que se estabelece entre as disciplinas uma intercomunicação e enriquecimento recíproco,

com transformações nas metodologias de trabalho e nos conceitos, ocorrendo então um equilíbrio nas relações de importância entre elas, gerando integração e intercâmbio.

Nessa mesma linha de pensamento, Freire (2005, p.136) enfatiza que “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente”. Para este autor, como também afirmou Santomé (1998), a disponibilidade para o diálogo, a tolerância, a humildade, a abertura ao novo e à mudança são ações e saberes necessários a toda prática educativa.

Japiassu (1976) compartilha com Fazenda (2002; 2014), Paviani (2008), Santomé (1998) e Lück (2002) a afirmação de que a interdisciplinaridade é uma forma de superar a fragmentação do conhecimento, e que para isso é necessário que haja integração de pessoas com o intuito de desenvolver um projeto educativo na busca da solução de problemas e questões. Os autores concordam também que não existe uma fórmula e nem um só conceito para a interdisciplinaridade, e que é necessária a manutenção do conhecimento produzido pelas disciplinas.

2.2 Manutenção das disciplinas

Para Japiassu (1976, p.35), “é preciso que cada um esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade”. Assim como Japiassu (1976), Fazenda (2014, p.29) ressalta ainda que “a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas”. A autora conclui que não existe um conceito único para a interdisciplinaridade, e que uma ação interdisciplinar não está na junção de conteúdos ou de disciplinas, mas nas pessoas que

se dedicam a pensar e realizar um projeto educativo. Com relação à realização de projetos interdisciplinares, Fazenda (2002) destaca que é necessário compreender o modo de ser de cada um, respeitando o caminho de busca da autonomia de cada pessoa e suas escolhas teóricas. Segundo a autora, é no “ponto de confluência, e não na justaposição das diferentes identidades, contudo, que podemos captar a dimensão da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2002, p.68).

Paviani (2008), em seus estudos, afirma que o conceito de interdisciplinaridade requer um permanente esforço racional e crítico. Da mesma forma que Fazenda (2002), Paviani (2008, p.18) indica que “Não existem fórmulas nem modelos de interdisciplinaridade”. Para o autor, em seu nível mais elevado, a interdisciplinaridade “é uma modalidade de relação que, sem eliminar as contribuições individuais das disciplinas, as integra num único projeto de conhecimentos” (PAVIANI, 2008, p.48). Santomé (1998) também aponta que a própria riqueza da interdisciplinaridade depende do grau de aprofundamento das disciplinas. Lück (2002, p.67) concorda com os demais autores, quando ressalta que “a interdisciplinaridade não consiste numa desvalorização das disciplinas e nem do conhecimento produzido por elas”. Para essa autora, não existem receitas prontas para a construção da interdisciplinaridade na escola. Na mesma direção, Santomé (1998) propõe que a interdisciplinaridade deve ser um trabalho permanentemente buscado, pois os seus objetivos e metas nunca são completamente alcançados.

2.3 Obstáculos para a prática interdisciplinar

Além dos benefícios de uma prática interdisciplinar, Fazenda (1996; 2002) destaca também os obstáculos que podem surgir entre as disciplinas e as pessoas que pretendem desenvolvê-la. Dentre estes, realçamos os que a autora denomina “obstáculos epistemológicos e institucionais”.

Segundo Fazenda (2002, p.33), “a interdisciplinaridade torna-se possível quando se respeita a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor”. Sendo assim, é necessária a eliminação das barreiras existentes entre as disciplinas e da rigidez apresentada nas instituições de ensino, que reforçam a supremacia de algumas ciências sobre as demais, aliada a interesses econômicos.

A autora nomeia de “obstáculos psicossociológicos e culturais” aqueles que, segundo ela, estão relacionados ao “desconhecimento do real significado do projeto interdisciplinar” (FAZENDA, 2002, p.33). Muitas vezes, aderir a um projeto interdisciplinar é considerado uma aventura e uma forma de rejeitar a especialização de cada disciplina. Tal atitude é fruto da ausência de uma formação específica, gerando barreiras entre as pessoas e também uma acomodação pessoal e coletiva à situação estabelecida, pois a participação num projeto interdisciplinar requer um envolvimento maior e um aumento na carga de trabalho. Segundo a autora, também o medo de perder o prestígio pessoal leva os profissionais a dificultarem a organização de uma equipe de trabalho que busque uma linguagem comum.

Já os “obstáculos metodológicos”, para Fazenda (2002, p. 33), estão relacionados à falta de flexibilidade para rever e refletir quanto à “forma de desenvolvimento dos conteúdos das disciplinas em função do tipo de indivíduos que se pretende formar”. Isso implica, segundo a autora, em um questionamento da estrutura do ensino e das diferentes disciplinas, onde cada qual possa observar as relações da sua disciplina com as outras, sem, contudo, negligenciar a sua própria especificidade.

Segundo Fazenda (2002), podem também surgir “obstáculos quanto à formação”, que implicam em um novo tipo de formação de professores, exigindo uma mudança na relação entre quem ensina e quem aprende. A relação deixa de ser baseada na transmissão do saber e passa a ser uma relação

dialógica. Torna-se necessário que, ao lado de uma formação teórica acerca de interdisciplinaridade, ocorram experiências concretas de trabalho interdisciplinar na construção do conhecimento, pois, segundo Fazenda (1996, p. 56), “interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se”.

Os “obstáculos materiais”, para Fazenda (2002, p. 33), dizem respeito ao tempo, ao espaço necessário e às questões financeiras: “para a efetivação da interdisciplinaridade, é primordial um planejamento de espaço e tempo, bem como uma previsão orçamentária adequada”. Muitos projetos, segundo a autora, caem na improvisação, e as dificuldades financeiras acabam por desmotivar a participação das pessoas. Para Fazenda (1996, p. 57), “a interdisciplinaridade só se efetuará quando a instituição conscientizar-se de seu valor real”. Os obstáculos materiais, muitas vezes, impossibilitam a eliminação das barreiras entre as pessoas para a concretização de uma proposta interdisciplinar.

2.4 O que dizem os documentos oficiais

Para auxiliar a fundamentação desta pesquisa, apresento o que dizem alguns documentos oficiais quanto à prática da interdisciplinaridade na sala de aula na educação básica. Consultei os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), para o ensino de Artes no terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (2013), a *Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis* (2008) e, por fim, o *Projeto Político Pedagógico* (2015)⁹ da escola onde a pesquisa se desenvolveu.

⁹ *Projeto Político Pedagógico* (PPP) da Escola Básica Municipal Batista Pereira, abril/2015. Material não publicado, disponibilizado pela supervisora escolar.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p.101) citam que uma das orientações didáticas para o ensino de artes é o trabalho por projetos: “cada equipe de trabalho pode eleger projetos a serem desenvolvidos em caráter interdisciplinar”. O documento ressalta que é necessário o estabelecimento de algumas ações para que a proposta de ensino possa se caracterizar como um projeto, tais como: a escolha de um tema em parceria com os alunos; o registro das pesquisas e produções para que possam ser compartilhadas; atividades práticas que simulem situações reais; criação e estruturação de um produto final como um filme, uma peça teatral, um grupo musical ou um livro.

O Ensino Fundamental, segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 102) para o ensino de Artes, permite que as áreas se incorporem umas às outras: “na prática, os projetos podem envolver ações entre disciplinas, como Língua Portuguesa e Arte, ou Matemática e Arte e assim por diante”. Segundo o documento, é importante que o aluno possa ser o principal encarregado de realizar as relações entre as disciplinas, e que os educadores estejam abertos para isso. Os projetos devem correlacionar os conteúdos por série, oportunizando que os alunos façam as conexões entre os distintos conhecimentos, cabendo à escola dar essa liberdade e autonomia cognitiva para os seus estudantes.

Nesse sentido, as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (2013) ressaltam que há necessidade de superar a fragmentação das áreas na busca por uma integração no currículo, e que os conteúdos sejam mais significativos e contemplem as experiências de vida, habilidades e interesses dos alunos, favorecendo a sua participação. O documento, em sua Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, fixa Diretrizes curriculares para o Ensino Fundamental de nove anos. Em seu artigo 24, no 1º parágrafo, a resolução estabelece que:

§ 1º A oportunidade de conhecer e analisar experiências assentadas em diversas concepções de currículo integrado e interdisciplinar oferecerá aos docentes subsídios para desenvolver propostas pedagógicas que avancem na direção de um trabalho colaborativo, capaz de superar a fragmentação dos componentes curriculares. (BRASIL, 2013, p. 135)

O documento, ainda em seu artigo 24, no 2º parágrafo, aponta possibilidades de integração de currículo, como, por exemplo, “projetos interdisciplinares com base em temas geradores formulados a partir de questões da comunidade e articulados aos componentes curriculares e às áreas de conhecimento” (BRASIL, 2013, p. 135). Também destaca a possibilidade de as propostas curriculares estarem ordenadas em torno de eixos articuladores, conceitos-chave ou conceitos nucleares que permitam um trabalho com as questões cognitivas e também culturais numa perspectiva transversal. Os esforços para integração do currículo buscam uma maior conexão com os problemas que os alunos e a comunidade enfrentam e com as questões sociais e institucionais que a escola precisa responder.

No entanto, segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* (2013), é necessário que não ocorra uma banalização dos conteúdos curriculares para que não se caia em extremos. A literatura educacional tem mostrado que os alunos das camadas populares acabam sendo excluídos do aprendizado de conhecimentos essenciais à sua formação, pois a escola “desconhece o universo material e simbólico das crianças, adolescentes, jovens e adultos e não faz a ponte de que necessitam os alunos para dominar os conhecimentos veiculados” (BRASIL, 2013, p. 119). Por outro lado, alguns currículos muito centrados somente nas culturas dos alunos acabam permitindo somente “para as elites uma educação que trabalha com abstrações e estimula a capacidade

de raciocínio lógico” (BRASIL, 2013, p. 119). Assim sendo, esses conhecimentos tornam-se mecanismos internos de exclusão na escola, onde as elites acabam sendo privilegiadas. Os segmentos populares, no seu direito à educação, “aspiram apossar-se dos conhecimentos que, transcendendo as suas próprias experiências, lhes forneçam instrumentos mais complexos de análise da realidade e permitam atingir níveis mais universais de explicação dos fenômenos” (BRASIL, 2013, p. 119).

Na *Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis* (2008), são feitas considerações com relação à tarefa de professores, gestores e demais profissionais da educação na ressignificação do currículo, no intuito de promover aprendizagens significativas e qualificação da educação. “Destaca-se que a forma como a escola percebe e concebe as necessidades e potencialidades das crianças e jovens se reflete diretamente na organização do trabalho escolar” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p.25). O documento ressalta que cada unidade educativa está inserida em comunidades com características e realidades diferenciadas, não havendo um modo único de organização, mas que é necessário que haja alguns eixos em comum para que atuem como Rede. São trazidos relatos de experiências com propostas interdisciplinares na área da educação musical, realizadas pelos professores de Música da Rede. Uma delas denomina-se “Música e cultura indígena na sala de aula: uma experiência interdisciplinar” (FLORIANÓPOLIS, 2008, p.106), realizada por mim em parceria com os demais educadores da unidade escolar.

O *Projeto Político Pedagógico* (2015) da escola Básica Municipal Batista Pereira ressalta que o trabalho dos educadores é fazer com que os educandos participem de seu processo de aprendizagem, tornando-se autônomos quanto à sua capacidade de busca e compreensão do conhecimento, capazes de pensar e desenvolver o senso crítico e a ideia global

do mundo que os cerca. “Esta perspectiva de desenvolver uma visão crítica e global acerca do mundo será possível por meio de um trabalho interdisciplinar, que visa à construção do conhecimento rompendo os limites da disciplina”¹⁰. Segundo o documento, tal visão tem como objetivo a construção do conhecimento por meio de um trabalho de integração dos conteúdos e conceitos, rompendo os limites das disciplinas. Desta forma, segundo o *Projeto Político Pedagógico* (2015), ficou estabelecido, desde 2013, que os professores dos anos finais do Ensino Fundamental terão assegurado, ao início do primeiro bimestre, um espaço para a exposição dos planejamentos e projetos no intuito de garantir a concretização de trabalhos interdisciplinares entre as áreas.

2.5 Interdisciplinaridade e educação musical

Na área da educação musical, a interdisciplinaridade é abordada por Penna (2006), Lima (2007) e Fucci Amato (2010). As autoras apresentam possibilidades de trabalhos interdisciplinares entre a área de educação musical e as demais áreas, como uma forma de enriquecimento do ensino de música, seja na pesquisa ou na docência.

Penna (2006) destaca que a área de educação musical precisa estar em diálogo não só com as outras linguagens artísticas, mas com as ciências sociais, a filosofia, a pedagogia, a história e as demais disciplinas, buscando o diálogo para uma maior compreensão da realidade. A interdisciplinaridade, segundo a autora, não pode estar restrita à pesquisa ou pós-graduação, ela deve estar presente na licenciatura, fazendo parte da formação do educador musical. A proposta não é diluir os currículos perdendo os conteúdos específicos da

¹⁰*Projeto Político Pedagógico* (PPP) da Escola Básica Municipal Batista Pereira, abril/2015. Material não publicado, disponibilizado pela supervisora escolar. p. 10.

educação musical. “A ideia é ‘abrir’ esses currículos, estabelecendo pontes de diálogo e de inter-relação” (PENNA, 2006, p.14).

Outra possibilidade, conforme aponta Penna (2006), é a organização e atuação de grupos de pesquisa interdisciplinares no intuito de enriquecer o diálogo, a formação e a pesquisa na área da educação musical. Segundo a autora, “grupos de pesquisa e extensão interdisciplinares poderiam voltar-se, inclusive, para a educação formal – a educação básica – que também precisa de propostas para trabalhar a diversidade cultural” (PENNA, 2006, p. 41).

Segundo Lima (2007, p. 63), para falar de uma prática musical interdisciplinar, precisamos pensar em um ensino musical que caminhe para um amplo processo de humanização; “sendo assim, problemas importantes da sociedade passariam a gerir as pesquisas musicais interdisciplinares”. Tais pesquisas, segundo a autora, poderiam abordar:

a projeção de um ensino musical que considere de forma integrada o trabalho, a sociedade e a cultura; [...]a análise e inclusão de parcerias direcionadas para o ensino musical; um olhar voltado para as práticas musicais como possibilidade de criação de novos conhecimentos na área; a análise atenta das relações entre a formação do professor e o contexto cultural em que ela intervém; o estudo atento do cotidiano escolar sob uma perspectiva de melhoria do ensino musical; a implantação da pesquisa em todos os setores de ensino musical como projeto social de produção de conhecimento, entre outros.(LIMA, 2007, p. 63)

Para Lima (2007), se os trabalhos de pesquisa na área da educação musical caminharem nessa direção, novos valores serão anexados à pedagogia musical, trazendo modificações

relevantes para o ensino de música. Esse aspecto da humanização citado por Lima (2007) é a principal característica do pensamento de Paulo Freire, desde suas primeiras obras, perpassando toda sua pedagogia. Segundo Freire (2010, p. 156), “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização”. Uma das diferenças entre uma educação dominadora, desumanizante, e uma educação para a liberdade e que caminhe para a humanização, está em que a primeira se constitui em transferência de conhecimento, ao passo que a segunda é um ato de conhecer. “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”, afirma Freire (2010, p. 32).

A interdisciplinaridade, segundo Fucci Amato (2010), no âmbito da pesquisa e da docência, pode oferecer contribuições relevantes no campo da ciência musical, quando são incluídas contribuições vindas de outras áreas do conhecimento. Muitos campos podem ser explorados na interdisciplinaridade da música e da educação musical, segundo Fucci Amato (2010, p.43), como por exemplo, “os estudos históricos, filosóficos, sociológicos, estéticos, etnológicos, físicos, biológicos, neurocientíficos e tantos outros”. Para a autora, a música e seu ensino podem ser aprimorados de diversas formas, “transcendendo fronteiras entre artes e ciências e entre ciências exatas, biológicas e humanas” (FUCCI AMATO, 2010, p.43).

A autora exemplifica algumas possíveis interações interdisciplinares na educação musical. Fucci Amato (2010, p.40) fala que uma das possibilidades pode ser o canto coral e afirma que este “é extraordinária ferramenta para se desenvolver a integração interpessoal, a motivação dos cantores, a inclusão sociocultural e a educação vocal e musical”. Outra possibilidade de construção interdisciplinar na

educação musical é com a sociologia da educação: “Nesse sentido, pode-se construir uma imagem de quem são os alunos de uma sala de aula ou de uma escola de música” (FUCCI AMATO, 2010, p.42). Além de conhecer os interesses musicais dos alunos, essa ação interdisciplinar pode revelar também “históricos familiares, em termos de condição socioeconômica, capital escolar e capital cultural” (FUCCI AMATO, 2010, p.42). Com base nesses dados poderá ser elaborado um plano de ensino. A autora salienta que a música, desde a sua origem, é considerada como um elemento essencial para a formação integral das pessoas, “e hoje são maiores ainda as possibilidades de se desenvolver, no ensino musical escolar, uma grande integração de conhecimentos a partir de uma educação musical que amalgame várias disciplinas do currículo escolar” (FUCCI AMATO, 2010, p. 43).

2.6 A experiência de Paulo Freire

Um trabalho realizado no Brasil no campo da interdisciplinaridade que merece ser destacado foi o projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador”, coordenado por Paulo Freire no município de São Paulo. Ferrari (2007, p. 69), em sua tese de doutorado, apresenta o projeto como “um dos maiores avanços educacionais encaminhados por uma instância superior”. Segundo a autora, o projeto foi realizado entre 1989 e 1992, num movimento de Reorientação Curricular proposto pela prefeitura de São Paulo, e mais especificamente, pelo então Secretário da Educação, Paulo Freire.

O projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador”, segundo Ferrari (2007), trazia em sua formulação alguns pressupostos teóricos estipulados pelo próprio Paulo Freire, em seu livro de maior repercussão, *Pedagogia do oprimido* (1983). Tratava-se de uma proposta ousada, pois deveria manter coerência com os ideais democráticos de Paulo Freire e propunha uma mudança conceitual e metodológica a respeito

do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o projeto não foi apresentado como uma proposta fechada imposta às escolas, mas como uma opção para aqueles educadores que acreditassem no sucesso do projeto.

Segundo Ferrari (2007), o que mais interessava ao grupo de trabalho no projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador” era destacar a necessidade de maior diálogo entre educadores e educandos, a partir do conhecimento da realidade da vida dos estudantes. Nesse caso, o currículo era entendido como “a relação existente entre o universo escolar, com as contradições que o caracterizam, e as condições determinantes das relações éticas, econômicas, políticas e culturais que caracterizam o mundo contemporâneo”. (CAMARGO, 1997, p. 156 *apud* FERRARI, 2007, p. 71).

O projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador” propunha a aplicação de um método pedagógico dividido, segundo Ferrari (2007), nas seguintes etapas:

O estudo preliminar da realidade, a investigação temática e a redução temática. No estudo da realidade local, a partir do levantamento de uma série de dados junto a organismos e instituições, bem como às pessoas que moram ou trabalham no local, pretendia-se identificar características e problemas da comunidade. Entre os dados coletados, deviam estar os geográficos, sociais, culturais e econômicos. Numa segunda fase, o processo de investigação temática pretendia agrupar informações que demonstrassem uma maior frequência ou um maior sentido interpretativo. Iniciava-se o levantamento de situações significativas para a comunidade e para a escola. [...] dessa discussão, surgia o tema gerador, considerado o enfoque ou perspectiva sempre presente em todo o processo. Só após a seleção do tema gerador, iniciava-se a redução temática, com a qual se construiria um esboço do programa. (FERRARI, 2007, p. 71)

Todo esse processo, segundo Ferrari (2007), estava associado à ideia de professor-pesquisador, desenvolvida por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (2004), pois o professor deveria assumir seu papel de pesquisador, consciente de sua prática e das teorias que o embasavam, e não aceitar as fórmulas prontas dos livros didáticos. Sendo assim, a proposta do projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador” não pretendia entregar um projeto pronto para que as escolas o colocassem em prática da forma que quisessem, mas que fossem estabelecidas parcerias com as universidades, de forma que o projeto fosse dialogado pelos educadores que o adotassem.

O projeto, segundo Ferrari (2007), foi iniciado em dez escolas-piloto em 1990 e terminou em 1992 com mais de cento e oitenta escolas participantes. Dessa forma, a autora conclui que, apesar das dificuldades enfrentadas para a aplicação real de toda a proposta, considerando a inexperiência e o comodismo, o projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador” foi uma experiência corajosa e que propunha uma mudança na forma de pensar e de fazer educação no Brasil, apresentando como um de seus alicerces, o diálogo.

3 CAMINHAR METODOLÓGICO

3.1 A Escola Básica Municipal Batista Pereira

Esta pesquisa foi realizada na Escola Básica Municipal Batista Pereira, unidade educativa da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. A escolha do local deu-se pelo fato de eu ser professora efetiva da disciplina Artes-Música¹¹ dessa Unidade desde 1998, e um dos critérios do Programa de Pós-Graduação PROF-ARTES/UDESC é que a pesquisa seja desenvolvida no local onde o pesquisador atua.

A escola está localizada no bairro Ribeirão da Ilha¹², região sul da cidade, distante aproximadamente 30 km do centro da capital. Fundada em 1957, atende atualmente um total de 850 alunos do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), nos períodos matutino e vespertino, distribuídos em 29 turmas, sendo 15 turmas dos anos iniciais (1º ao 5º ano) e 14 dos anos finais (6º ao 9º). Os alunos são provenientes de diferentes localidades do sul da Ilha, como: Ribeirão da Ilha, Costeira do Ribeirão, Rio Tavares, Caieira da Barra do Sul, Campeche, Armação, Areias, Sertão do Ribeirão, Tapera, Pedregal, Barro Vermelho e Freguesia do Ribeirão.

No período noturno funciona a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem por objetivo atender estudantes que, por motivos diversos, não tiveram acesso ou continuidade ao processo de escolarização formal do Ensino Fundamental na idade regular. A EJA é composta por quatro turmas, sendo três de segundo segmento (duas de intermediário e uma de final) e uma de primeiro segmento (alfabetização). O grupo é formado

¹¹ Denominação dada pela Secretaria Municipal de Educação para a disciplina curricular de Música. Porém, neste trabalho, adotarei a expressão Música quando me referir à disciplina curricular de música.

¹² Todos os dados sobre a Escola Básica Municipal Batista Pereira foram extraídos do *Projeto Político Pedagógico* (PPP) da escola, abril/2015. Material não publicado, disponibilizado pela supervisora escolar.

por uma coordenadora, um auxiliar de ensino, nove professores, e possui 93 alunos.

O quadro de docentes do Ensino Fundamental é formado por cinco professores de Língua Portuguesa, quatro de Matemática, quatro de História, três de Ciências, três de Geografia, três de Artes (uma de Artes-Música, duas de Artes Visuais), três de Inglês, quatro de Educação Física e oito professoras dos Anos Iniciais.

Quanto aos demais funcionários, a escola conta com uma equipe pedagógica formada pela Diretora, três Orientadores Educacionais e duas Supervisoras. Para assuntos administrativos, uma Secretária e uma Administradora Escolar. O quadro de professores Auxiliares de Ensino é composto por seis profissionais. Possui também uma bibliotecária, uma professora para a sala informatizada, uma para o laboratório de ciências, uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais, seis professores para Educação Especial, sete Merendeiras, nove Auxiliares de Serviços Gerais e oito funcionários readaptados que desempenham funções na biblioteca, secretaria e almoxarifado.

A escola trabalha com a proposta de salas-ambiente exclusivas para cada disciplina. Dessa forma, quem troca de sala ao término de cada aula são os alunos e não os professores. O objetivo dessa proposta é que alunos e professores possam usufruir de ambientes apropriados, materiais didáticos e recursos tecnológicos com mais qualidade. São dez salas-ambiente, sendo que duas são de Matemática, duas de Português, duas de Artes (uma de Música e uma de Artes Visuais), uma de Ciências, uma de Geografia, uma de Inglês, uma de História e oito salas para os Anos Iniciais. A escola possui ainda um laboratório de Ciências, uma sala informatizada, uma sala de vídeo, uma biblioteca e uma sala para apoio pedagógico para os Anos Iniciais.

O ensino curricular de música acontece na escola desde 1998, inicialmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Após a aprovação da lei nº 11.769/2008 que regulamenta o ensino de música em todo o país, a disciplina passou a fazer parte também dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A sala de música, onde ocorrem as aulas, possui teclado, violões, instrumentos de percussão, equipamento de som, projetor *Datashow*, tela retrátil para projeção e flautas para empréstimo aos alunos.

Nessa Unidade Escolar funciona um polo da Sala Multimeios, que visa oferecer Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse espaço tem como função, segundo a Resolução CNE/CEB nº 4/2009 no seu artigo 2º, complementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. Assim sendo, são considerados público alvo do AEE os alunos com deficiência, com Transtornos Globais do Desenvolvimento e com Altas Habilidades/ Superdotação. Esse polo da sala Multimeios atende nove Unidades Educativas dos bairros Alto Ribeirão, Costeira do Ribeirão da Ilha, Caieira da Barra do Sul e Tapera.

O espaço físico da escola consta também de um pátio interno onde funciona o refeitório, uma cozinha, almoxarifado, sala dos professores, sala para rádio escolar e vários banheiros. O pátio externo possui um ginásio, uma quadra de esportes e dois parques infantis com área verde.

3.2 O projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”

3.2.1 Planejamento do projeto interdisciplinar

No início do ano letivo de 2014, no dia 26 de fevereiro, foi realizada uma reunião de planejamento com todos os professores dos sétimos anos, coordenada pela Supervisora dos Anos Finais, conforme se encontra previsto no *Projeto Político*

Pedagógico da escola. Essa reunião tinha como objetivo a socialização dos planejamentos e de possíveis propostas de trabalhos com projetos entre os professores. Eu, na função de professora da disciplina de Música das turmas 73 e 74, lancei a meus colegas a sugestão de trabalhar com um projeto interdisciplinar com o tema das regiões brasileiras, que seria abordado pela disciplina de Geografia. A sugestão foi colocada em forma de convite e cada um ficou livre para participar ou não do projeto. Todos os professores presentes acolheram a ideia, e o passo seguinte seria a elaboração do projeto com seus objetivos, justificativa e a especificação do que cada disciplina abordaria quanto ao conteúdo relacionado com o tema das regiões brasileiras. Inicialmente, o projeto contou com a participação da Supervisora, dos professores de História e Geografia, e das professoras de Educação Física, de Ciências e da professora responsável pela Sala Informatizada¹³. Com o transcorrer do ano letivo, a Orientadora e a Diretora também passaram a atuar diretamente na realização da proposta interdisciplinar. Outros dois professores, de História e de Inglês, mesmo não sendo professores das turmas envolvidas, colaboraram com a parte musical do projeto, acompanhando as canções ao violão, e por isso foram considerados como colaboradores especiais.

Após a primeira reunião de planejamento, no mês de fevereiro, aconteceram mais três reuniões durante o ano letivo de 2014 entre o grupo de educadores participantes do projeto, em que foram avaliadas e discutidas as ações empreendidas individualmente pelos professores, e levantadas as dificuldades enfrentadas pela equipe. Nessas reuniões, foram planejados e organizados também o Dia do Artista na Escola, os encontros entre as duas turmas e todos os professores e as apresentações

¹³ A Sala Informatizada é o espaço onde os alunos têm acesso aos computadores e outras mídias. Não é considerada uma disciplina, e sim um ambiente onde são desenvolvidos projetos e outras atividades.

do projeto fora da escola. Nessa etapa do trabalho ocorreu a ação apontada por Santomé (1998, p.65), “construir e manter a comunicação através de técnicas integradoras”, pois houve um empenho de toda a equipe para que as atividades e o projeto pudessem ter continuidade.

Sendo assim, o projeto “Regiões brasileiras” iniciou-se no mês de março de 2014 e estendeu-se durante todo o ano letivo, com algumas apresentações realizadas ainda em 2015. Foram realizadas quatro reuniões entre os educadores para planejamento e organização, e dois encontros entre as duas turmas e todos os professores.

3.2.2 *Desenvolvimento das aulas*

No contexto das aulas de Música, deu-se o estudo de ritmos e canções características de cada região, utilizando o canto, a percussão, o teclado, o violão e a flauta doce. Os alunos das turmas 73 e 74, nas quais o projeto “Regiões brasileiras” ocorreu, já haviam tido aulas de Música curricular no sexto ano, ministradas por mim. Dessa forma, os estudantes já possuíam conhecimento de leitura musical, flauta doce e percussão, sendo esse o motivo pelo qual essas duas turmas foram escolhidas para a execução do projeto interdisciplinar.

O repertório trabalhado buscou propiciar a vivência de ritmos e canções ligados a elementos que retratassem cada uma das cinco regiões brasileiras. Sendo assim, ligada à região Sul foi executada a canção *Barra da Lagoa*, cujo compositor, Orlando Carlos da Silveira Mello, popularmente conhecido como “Neco”, é morador da cidade de Florianópolis. A região Sudeste foi abordada com o samba *Conversa de Botequim*, de Noel Rosa, e com a canção *Trenzinho Caipira*, de Heitor Villa-Lobos. Ligado à região Nordeste, o ritmo do baião foi trazido com a canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. A região Centro-Oeste foi vivenciada com a música *Por Enquanto*, do compositor Renato Russo, evidenciando o

surgimento de várias bandas de Rock na década de 80, oriundas da cidade de Brasília. Relacionada à região Norte foi executada a canção indígena *Koi Txangaré*, dos índios Ladei-Suruí de Rondônia.

Na disciplina de Geografia, as atividades realizadas proporcionaram reflexões acerca da formação territorial brasileira por meio de pesquisas, construção de mapas, localização e identificação das regiões. Foram abordadas também as características do povo brasileiro, distribuição da população, condições de vida, urbanização, desigualdade social, migrações e degradação ambiental.

Em Ciências foi feito o estudo dos parasitas endêmicos por meio de uma pesquisa referente à doença de chagas e à malária. Quanto ao reino animal, foi realizado um trabalho de regionalização dos animais que foram elencados a partir de uma saída de estudos ao Museu do Homem, onde, pesquisando em grupos, os alunos estudaram a onça, a arara, o lobo-guará, o jacaré-de-papo-amarelo, entre outros. Foram destacados nesse trabalho aspectos a respeito da habitação, alimentação e movimentação desses animais dentro do território nacional. Também foram consideradas a visão ecológica da biodiversidade, a sustentabilidade e a importância de cada animal para a população e para o equilíbrio dos biomas brasileiros.

Nas aulas de História, o professor abordou a colonização portuguesa do Brasil e foram discutidas as especificidades regionais e temporais do processo. Dessa forma, foram estudados temas como: o Nordeste como centro econômico e político do país, a sociedade e a escravidão na economia mineradora, a interiorização e urbanização do Brasil, a colonização açoriana do litoral sul catarinense, a fortificação da Ilha de Santa Catarina, entre outros, oferecendo assim referências para os alunos entenderem e valorizarem as diferenças econômicas e culturais de cada região.

Durante as aulas de Educação Física o objetivo das atividades era que os alunos conhecessem as manifestações culturais de cada região do Brasil, principalmente no que se refere à cultura do movimento, como as danças regionais, os jogos populares e as brincadeiras. Os alunos, divididos em grupos, fizeram pesquisas e socializaram os trabalhos com toda a turma, além de serem realizadas vivências com as danças e jogos com o intuito de aprofundar o tema.

A professora coordenadora da sala informatizada mediou e incentivou o uso das tecnologias digitais, oferecendo suporte para as pesquisas, fotos, filmagens, digitalizações e divulgação do projeto interdisciplinar. Outra atividade desenvolvida foi a entrevista com o compositor da canção *Barra da Lagoa*, realizada no Dia do Artista na Escola pelos alunos do projeto Rádio Escolar¹⁴, que também era coordenado pela professora da sala informatizada. Essa entrevista foi editada e colocada no ar, para que todos pudessem acessá-la e conhecer a trajetória artística do compositor.

3.2.3 Resultados do projeto

O Dia do Artista na Escola aconteceu no dia 10 de julho de 2014. Foi uma atividade organizada dentro do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, onde o compositor da canção *Barra da Lagoa*, Orlando Carlos da Silveira Mello, popularmente conhecido como Neco, que reside em Florianópolis, veio até a escola por meio de um convite feito

¹⁴ O Projeto da Rádio Escolar tem por objetivo utilizar a comunicação radiofônica como um instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando ao educando a expressão livre e responsável, como forma de ampliar o universo de acesso ao conhecimento e cultura. Todo início de ano letivo é feita a seleção dos alunos que participarão do projeto durante o respectivo ano. A rádio fica à disposição de toda a comunidade escolar. (Dados extraídos do *Projeto Político Pedagógico* da escola, abril/2015. Material não publicado, disponibilizado pela supervisora escolar).

por um professor que era seu amigo pessoal, e que fez o primeiro contato com o artista. O objetivo desse evento era que ele assistisse os alunos dos dois sétimos anos tocarem e cantarem a música *Barra da Lagoa* em sua homenagem, e que os alunos pudessem conhecê-lo pessoalmente. Sendo assim, após a homenagem, a qual deixou o artista bastante emocionado, seguiu-se o momento em que ele tocou para o público presente e relatou a respeito da forma como a música foi composta. Também nesse dia, o professor de Inglês, que também era músico, e estava fazendo o acompanhamento das músicas ao violão, fez uma apresentação musical, e ao final os dois músicos tocaram juntos. Essa atividade foi realizada no pátio da escola e contou com a presença de todos os alunos dos anos finais, professores, equipe pedagógica e demais funcionários. Além da música *Barra da Lagoa*, os alunos dos sétimos anos também tocaram e cantaram a música *Asa Branca* e *Por Enquanto*, que faziam parte do repertório trabalhado no projeto. Após o término do evento no pátio, o compositor foi entrevistado pelos alunos do projeto da Radio Escolar.

Figura 2 – Convite para o evento Dia do Artista na Escola



Fonte: produção da professora coordenadora da sala informatizada, para o projeto “Regiões brasileiras”.

Outra etapa do projeto interdisciplinar foram os dois encontros em que foram reunidas as duas turmas dos sétimos anos com a presença de todos os professores envolvidos no processo numa mesma sala de aula. Toda a produção que fora desenvolvida em cada disciplina integrou-se, dando continuidade ao conhecimento adquirido ao longo do projeto, ou seja, os mapas, as pesquisas, os textos, as canções e as imagens. Estes encontros tinham como objetivo realizar trocas mais intensas entre os participantes e organizar a socialização do trabalho em forma de apresentação musical.

Sendo assim, após a realização desses dois encontros, o projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” foi apresentado no XXII Seminário Estadual dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina, no auditório da CELESC, a convite da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, por meio de contato realizado pela orientadora que participou do projeto. Esse evento contou com a presença de todos os educadores que se envolveram nesse trabalho.

No ano seguinte, em 2015, foram realizadas mais duas apresentações fora da escola, que, no entanto, contaram somente com a parte musical do projeto. Uma delas foi o ECOFESTIVAL 2015, realizado no auditório da sede do SESC, no bairro Cacupé. A outra foi a abertura do XXIII Seminário Estadual dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina, realizado no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ambos os eventos foram promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. Antes de encerrar o ano letivo de 2015, uma apresentação com a parte musical do projeto foi feita no pátio da escola para todos os professores da unidade escolar.

3.3 Abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa foi escolhida para este trabalho por contemplar o objetivo de investigar o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” a partir da percepção dos educadores envolvidos, pois segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 73) “a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente”.

Na pesquisa qualitativa, segundo Creswel (2014, p.51), o pesquisador “mantém o foco na captação do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão”. Busquei investigar, na percepção dos professores e equipe pedagógica, o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, realizado em 2014, com as duas turmas de sétimo ano do período vespertino da Escola Básica Municipal Batista Pereira, em Florianópolis, desde o planejamento até sua conclusão. Para Creswel (2014, p.51), “os significados dos participantes sugerem muitas outras perspectivas sobre um tópico e visões diferentes”.

O ambiente da pesquisa foi a escola onde o projeto foi realizado, e eu, ministrando a disciplina de Música nas duas turmas envolvidas, participei integralmente do processo como professora e pesquisadora. Nesse sentido, Creswel (2014, p.50) destaca que “os pesquisadores qualitativos reúnem informações bem de perto, falando diretamente com as pessoas e vendo como elas se comportam e agem dentro de seu contexto”.

Uma pesquisa qualitativa, de acordo com Creswel (2014, p. 52), é utilizada quando “desejamos dar poder às pessoas para compartilharem suas histórias, ouvir suas vozes e minimizar as relações de poder que frequentemente existem entre um pesquisador e os participantes de um estudo”. Houve,

neste trabalho, a possibilidade de, como pesquisadora, estar mais próxima de meus colegas de trabalho, ouvir suas opiniões, suas experiências e impressões, tornando-os protagonistas de uma pesquisa científica que tem como um de seus objetivos compartilhar conhecimento.

3.4 História Oral Temática

Para investigar o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” a partir da percepção dos educadores envolvidos, adotei o método de História Oral que, segundo Queiroz (1991, p. 5), é “um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar”.

A definição de História Oral não se estabelece facilmente. Como aponta Alberti (2005, p. 17), dependendo da orientação do trabalho, “pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados”. Para Alberti (2005), a História Oral não é um fim em si mesma, mas um meio de conhecimento, e deve estar articulada com um projeto de pesquisa previamente definido, em que haja questões que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação.

Alberti (2005) ressalta que a História Oral estuda acontecimentos históricos, grupos sociais, instituições, categorias profissionais, à luz de depoimentos das pessoas que deles participaram. No caso desta pesquisa, foram colhidos depoimentos de cinco professores e três membros da equipe pedagógica que participaram do mesmo projeto interdisciplinar. Segundo Queiroz (1991, p. 5) a História Oral “registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade”.

No que se refere aos seus princípios, de acordo com Meihy (2000, p. 25), a “História Oral é um recurso moderno

usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”. Outro aspecto quanto à utilização da História Oral como método de pesquisa é destacado por Alberti (2005, p. 21), quando diz que “só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos seres humanos alcance”.

Meihsy (2000) identifica três modalidades de História Oral: história oral de vida, tradição oral e História Oral Temática. Segundo o autor, a história oral de vida é “a narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (MEIHSY, 2000, p. 61). A tradição oral “trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo e de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto” (MEIHSY, 2000, p. 71). A História Oral Temática, para Meihsy (2000, p.67), caracteriza-se “por basear-se em um assunto específico e previamente estabelecido”. Para este trabalho, utilizei a História Oral Temática, tendo em vista as entrevistas com os educadores, acerca de um assunto específico, no caso o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, realizado durante o ano letivo de 2014. É durante a entrevista que são reconstruídas e revividas as lembranças daquele contexto, buscando-se resgatar o significado da experiência.

A História Oral Temática trabalha com a memória dos entrevistados, e, quanto a esse tema, Farias (1996, p.166) coloca que “o depoente, consciente ou inconscientemente, seleciona determinados assuntos para se aprofundar e afastar outros da discussão”. A autora ressalta que, nas entrevistas, cada participante reconstrói os fatos à sua maneira, e relata “a sua percepção do que viveu no passado. Fala hoje sobre ontem” (FARIAS, 1996, p.167).

Para Berger (1980, p. 68), por meio da memória, as lembranças do passado são reconstruídas, também, de acordo com as ideias atuais, “o passado é maleável e flexível, modificando-se constantemente à medida que nossa memória reinterpreta e reexplica o que aconteceu”. Pela memória, as experiências vividas no passado podem ser lembradas e reconstruídas pelo indivíduo. Essas lembranças são evocadas de acordo com o grau de relevância para a pessoa que rememora.

Portanto, a memória resgatada por cada um dos entrevistados é individual, porém cada um fala de uma experiência que foi comum a todos, trazendo um processo dinâmico e coletivo. Quanto às concepções de “memória individual e coletiva”, Halbwachs (2004, p. 55) ressalta que “cada memória individual é ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. O autor esclarece que uma sucessão de lembranças, mesmo as que são mais pessoais, “explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos” (HALBWACHS, 2004, p. 56).

No caso de um grupo específico de profissionais da educação (professores e equipe pedagógica) de uma mesma escola, a memória é um “*locus*’ privilegiado de reconstrução de experiências, de vivências, de saberes, de valores, de crenças, de expectativas, de comportamentos vividos pelos professores, possibilitando uma sistematização das singularidades e da cultura como produção de um grupo social” (OLIVEIRA, 2002, p. 106).

3.5 Coleta de dados

A coleta de dados, segundo Creswell (2014), tem como características obter permissões, desenvolver meios para

registrar as informações e prever questões éticas que possam surgir. Nesse sentido, fiz um contato pessoal com cada um dos participantes no intuito de convidá-los e esclarecer o objetivo de pesquisa. Todos concordaram em contribuir com o trabalho dando entrevistas individuais e colocaram-se à disposição para que fossem marcados o dia e horário dos encontros. Foram entrevistados o professor de Geografia, o professor de História, as professoras de Ciências, de Educação Física e da sala informatizada, uma supervisora, uma orientadora e a diretora da unidade escolar.

Para Creswel (2014), o processo de pesquisa não pode ser rigidamente prescrito, pois as fases podem se modificar depois que os pesquisadores entram em campo e começam a coletar os dados. As perguntas, a coleta de dados, os indivíduos podem ser modificados durante o estudo. Segundo o autor, “a ideia-chave por trás da pesquisa qualitativa é aprender sobre o problema ou a questão com os participantes e adotar as melhores práticas para obter tais informações” (CRESWEL, 2014, p. 52). No caso desta pesquisa, precisei flexibilizar e me adaptar aos compromissos profissionais, pessoais e horários de cada entrevistado, procurando facilitar e agilizar a coleta de dados.

3.5.1 As entrevistas

Nos trabalhos com História Oral, Alberti (2005) apresenta duas modalidades de entrevistas, que variam de acordo com o tema, com os objetivos e o propósito da pesquisa. São elas a entrevista temática e a entrevista de história de vida. As entrevistas temáticas, de acordo com a autora, são aquelas que versam “prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido”. Já a entrevista de história de vida “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos

e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (ALBERTI, 2005, p. 37-38).

Para a presente pesquisa, a escolha da entrevista temática justifica-se porque, segundo Alberti (2005, p. 38), a entrevista desse tipo “é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos”. Assim sendo, utilizei como principal instrumento de coleta de dados entrevistas temáticas semiestruturadas, realizadas com cinco professores e três membros da equipe pedagógica, cujo critério de escolha foi a participação durante todo o ano letivo de 2014 no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”. Os entrevistados foram identificados de acordo com a função que desempenhavam: professor de Geografia, supervisora escolar, professora da sala informatizada, orientadora escolar, professor de História, professora de Ciências, professora de Educação Física, diretora escolar.

Foram elaborados dois roteiros de entrevistas: um para os professores e outro para a equipe pedagógica. Elenquei os seguintes temas para serem abordados: formação, concepção acerca de interdisciplinaridade, o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar, os motivos que levaram a participar do projeto e significado da experiência. Na entrevista semiestruturada, segundo Moreira e Caleffe (2006), o entrevistador é livre para deixar os entrevistados desenvolverem as questões da forma que quiserem, sendo possível também exercer certo tipo de controle sobre a conversação.

As entrevistas foram realizadas conforme a disponibilidade dos entrevistados e nos locais previamente escolhidos por eles. Quatro entrevistas foram feitas na própria escola: uma na sala de música, duas na sala de artes visuais e

outra na sala da direção. Três nas respectivas residências dos entrevistados, e uma em um bar do bairro em que a escola se situa (ver Tabela 1). Alberti (2005, p. 107) ressalta que “o importante é que o local da realização da entrevista contribua para se atingir os objetivos que a geraram e não prejudique a relação estabelecida, nem a gravação do depoimento”.

Tabela 1 – Tabela da sequência das entrevistas

| Educadores | Data e horário da entrevista | Duração da entrevista | Local |
|----------------------------------|-------------------------------------|------------------------------|------------------------------------|
| Professor de Geografia | 27/08/2015 9 h e 30 min | 30 min | Sala de Artes Visuais da escola |
| Supervisora escolar | 27/08/2015 10 h e 30 min | 21 min | Sala de Artes Visuais da escola |
| Professora da sala informatizada | 27/08/2015 14 h | 13 min | Residência da professora |
| Orientadora escolar | 02/09/2015 11h e 30 min | 20 min | Sala de música da escola |
| Professor de história | 02/09/2015 17h e 30 min | 46 min | Bar do bairro Ribeirão da Ilha |
| Professora de Ciências | 03/09/2015 10h e 30 min | 30 min | Residência da professora |
| Professora de Educação Física | 10/12/2015 16 h | 30 min | Residência da professora |
| Diretora escolar | 23/02/2016 15 h e 35 min | 33 min | Sala da direção |

Fonte: produção da autora.

O tempo das entrevistas variou de treze a quarenta e seis minutos, e utilizei o gravador digital do celular para fazer o registro. Observei que o roteiro das entrevistas proporcionou uma sequência natural, em que cada resposta continha uma espécie de “gancho” para a próxima pergunta, criando uma relação de interação, conforme nomenclatura de Lüdke e André (1986), havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Para os autores “na medida

em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica". (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 4). Foi o que pude observar durante as entrevistas, um clima de confiança e descontração, mas ao mesmo tempo, seriedade, respeito e cuidado para resgatar de forma íntegra o que realmente foi relevante e significativo dentro da experiência vivida.

Antes de iniciar cada entrevista, busquei avivar a memória das pessoas com imagens e textos que foram produzidos durante a realização do projeto interdisciplinar no ano de 2014. Alberti (1990, p. 71) recomenda a utilização de "recursos concretos que incentivem o entrevistado, como fotografias, artigos de periódicos ou outros documentos da época em questão, a partir dos quais pode ser mais fácil conversar". Foi apresentado também o documento correspondente ao planejamento do projeto interdisciplinar, redigido por toda a equipe no início do ano letivo de 2014, com os objetivos, justificativa e conteúdos de cada disciplina.

3.5.2 Os entrevistados

Professor de Geografia

O primeiro entrevistado foi o Professor de Geografia. Formou-se em licenciatura pela UFSC em 2013 e em bacharelado em 2015. Trabalhou como professor durante um ano para o governo estadual, quando ainda estava na universidade, e há dois anos atua como professor de Geografia na escola Batista Pereira. Foi a primeira vez que ele participou de um projeto com proposta interdisciplinar.

Supervisora escolar

A segunda entrevistada foi a supervisora escolar. A entrevista, igualmente, foi realizada na sala de Artes Visuais da escola. Ela é formada em Pedagogia pela UDESC e possui duas habilitações: séries iniciais e supervisão escolar. Fez pós-

graduação em Práticas Interdisciplinares nas Séries Iniciais. Atua na educação desde 2003, inicialmente como auxiliar de ensino, depois como professora das séries iniciais e então como supervisora. A função de supervisora ela iniciou no município de Biguaçu, mas em seguida efetivou-se na Rede Municipal de Florianópolis e está na escola Batista Pereira desde 2009 com esta função. Ela participa de forma intensa de todos os projetos desenvolvidos pela escola. No caso deste projeto interdisciplinar, foi responsável pela organização de todas as reuniões de planejamento, registros, diários, saídas de estudo, ensaios, autorizações e apresentações dentro e fora da escola.

Professora coordenadora da sala informatizada

A terceira entrevista foi com a professora coordenadora da sala informatizada. A entrevista aconteceu na residência da professora. Ela é graduada em Pedagogia pela UNISUL, em Palhoça, SC. Tem especialização em tecnologia educacional pela UNIESC de Florianópolis, que é conveniada com a Faculdade Dom Bosco de Cascavel, PR. Em 2010 ela prestou concurso para coordenadores das salas informatizadas na Prefeitura Municipal de Florianópolis, e efetivou-se na escola Batista Pereira, onde desempenha essa função. Atualmente faz o Mestrado Acadêmico em Tecnologias em Educação na UFSC. Pela função que desempenha na sala informatizada, tem como prática trabalhar com as diversas disciplinas e com o grupo de professores, tanto dos anos finais como dos anos iniciais. Porém, foi sua primeira experiência com participação efetiva em um projeto interdisciplinar com esses objetivos e características.

Orientadora escolar

A quarta entrevistada foi a orientadora escolar. A entrevista foi realizada na sala de música da escola. Ela é graduada em Pedagogia pela UDESC. Ingressou na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis em 1994 e efetivou-se na escola

Batista Pereira atuando como orientadora, onde permaneceu por cinco anos. Passou a atuar então em uma unidade escolar no bairro Barra da Lagoa, porém, em 2002 retornou para a escola Batista Pereira onde atua até hoje. Foi a primeira vez que ela participou de forma efetiva em um projeto interdisciplinar, principalmente na organização das apresentações do projeto nos eventos da área da Educação.

Professor de História

O quinto entrevistado foi o professor de História. A entrevista ocorreu em um bar que fica no bairro em que a escola se situa, no Ribeirão da Ilha. O professor é graduado em História pela UFSC, mas também chegou a frequentar os cursos de Artes Visuais na UDESC, Filosofia em Minas Gerais e Letras na UFSC sem concluí-los. Como professor de História ele iniciou sua carreira em 1999 em duas escolas estaduais. Nesse mesmo ano ingressou na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis como professor efetivo, completando em 2015 dezesseis anos na escola Batista Pereira. Atualmente ele cursa o Mestrado Profissional em História pela UFSC. O professor já participou de outras experiências interdisciplinares além do projeto “Regiões brasileiras”.

Professora de Ciências

A sexta entrevista foi feita com a professora de Ciências. A entrevista foi realizada na residência da professora. Ela é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A professora possui especialização em Práticas Interdisciplinares no Ensino Fundamental. Ela atua em sala de aula há vinte e um anos e está desde 2002 na escola Batista Pereira como professora da disciplina de Ciências. A professora já possui como prática pedagógica trabalhar com interdisciplinaridade e costuma propor projetos com essa proposta para os demais professores da escola.

Professora de Educação Física

A sétima entrevistada foi a professora de Educação Física. A entrevista ocorreu na residência da professora. Ela graduou-se no ano de 1987 em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, RS. Tem especialização em Educação Física Escolar pelo Núcleo de Estudos de Educação Física da UFSC. Trabalhou como professora efetiva no Município de Gaspar, SC. Veio para Florianópolis, onde efetivou-se na Rede Municipal de Ensino, atuando há vinte anos na escola Batista Pereira como professora dessa área. A professora tem como prática pedagógica um envolvimento significativo com os diversos projetos desenvolvidos na escola, sejam eles interdisciplinares ou com outras abordagens.

Diretora escolar

A última entrevistada foi a diretora escolar. A entrevista foi realizada na sala da direção da escola. Ela é graduada em Pedagogia: Educação Infantil e Anos Iniciais, em Alegrete, no Rio Grande do Sul. Tem especialização em Administração e Planejamento para Docentes na ULBRA, em Santarém, PA. Está na escola Batista Pereira desde 2009, sendo que por dois anos atuou como professora dos anos iniciais e desde 2011 como diretora da escola. Como diretora dessa Unidade, ela participa da elaboração e execução de vários projetos educativos. No caso do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, ela atuou de forma efetiva na organização das reuniões, encontros e eventos que ocorreram na escola e fora dela ao longo de todo o desenvolvimento da proposta interdisciplinar.

3.6 Organização e categorização dos dados

Realizei a transcrição das oito entrevistas, que foram enviadas aos participantes para que pudessem revisar e aprovar o conteúdo, acrescentando ou retirando dados que achassem

inapropriados. Em seguida, passei para o processo de organização e análise das falas dos entrevistados, tendo como suporte do trabalho as questões que orientaram a elaboração do projeto de pesquisa. Este é, segundo Moreira e Caleffé (2006), verdadeiramente o ponto culminante do trabalho. Para Creswel (2014, p. 146), o processo de análise dos dados envolve “a organização dos dados, a realização de uma leitura preliminar da base de dados, a codificação e organização dos temas, a representação dos dados e a formulação de uma interpretação deles”

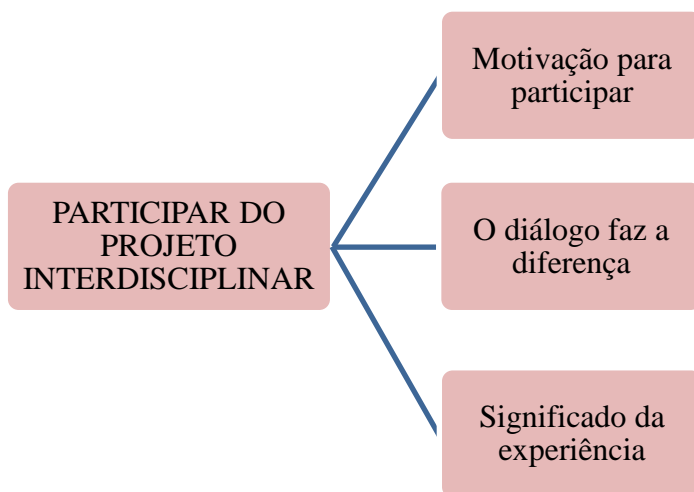
Dessa forma, as transcrições das entrevistas foram lidas e relidas diversas vezes e foram organizadas as categorias de análise, subdivididas em tópicos temáticos, utilizando cores diferenciadas para identificá-los, no intuito de facilitar a manipulação dos dados. O desenvolvimento das categorias de análise na investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), não necessita partir somente dos dados, pois o olhar do próprio investigador pode e deve ser levado em consideração. Para os autores, “as diferentes perspectivas teóricas dos investigadores modelam a forma como abordam, consideram e dão sentido aos dados” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 231). Sendo assim, nos tornamos parte do trabalho quando apontamos as categorias que irão integrar a análise de dados, na medida em que nos encontramos imersos nas entrevistas.

As categorias de análise desta pesquisa foram originadas a partir dos dados recolhidos em campo, no caso, as entrevistas temáticas semiestruturadas, em conjunto com a fundamentação teórica da pesquisa e também com questões que foram levantadas no processo de qualificação do trabalho, no intuito de esclarecer a questão de pesquisa, ou seja, investigar qual o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”.

No processo de organização dos dados, as falas dos educadores entrevistados permitiram a categorização dos dados, primeiramente, em dois temas; o primeiro deles abordou

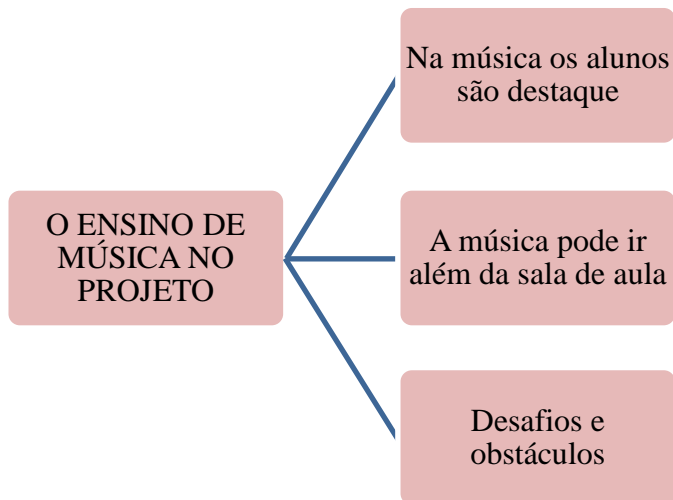
a participação no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” (participar do projeto interdisciplinar). Esse tema foi dividido em três subcategorias, que trataram: dos motivos que levaram os educadores a participar da proposta interdisciplinar (motivação para participar); da importância da troca e do diálogo que se estabeleceu entre o grupo de trabalho (o diálogo faz a diferença); e do significado da experiência para cada um dos educadores (significado da experiência). O segundo tema abordou de que forma aconteceu o ensino curricular de música no projeto (o ensino de música no projeto), e igualmente foi dividido em três subcategorias, que abordaram a visão dos educadores com relação à educação musical desenvolvida com os alunos das duas turmas do sétimo ano envolvidas no projeto (na música os alunos são destaque); os desdobramentos dessa educação musical para a escola como um todo (a música pode ir além da sala de aula); e os obstáculos e desafios enfrentados na concretização da proposta interdisciplinar (desafios e obstáculos).

Figura 3 – Mapa das categorias nº 1



Fonte: produção da autora.

Figura 4 – Mapa das categorias nº 2



Fonte: produção da autora.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 49), a categorização não esgota a análise, pois o pesquisador deverá acrescentar algo na discussão já existente acerca do assunto, “tentando estabelecer conexões que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações”. Este processo, segundo as autoras, pode significar desde uma nova perspectiva teórica até “o simples levantamento de novas questões e questionamentos que precisarão ser mais sistematicamente explorados em estudos futuros” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 49). Dessa forma, faz parte do processo a escrita e reescrita do texto, na busca de uma maior compreensão e aprofundamento da experiência vivida pelos educadores nessa proposta interdisciplinar. Sendo assim, as falas tornaram-se parte das minhas reflexões acerca do ensino de música e a interdisciplinaridade, fazendo com que eu reelaborasse meus conceitos e buscasse um maior diálogo com a literatura.

3.7 Procedimentos éticos

Para a realização desta pesquisa foram entregues aos oito entrevistados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que obtivessem todas as informações quanto aos termos das entrevistas e então o assinassem. Para Alberti (1990), essa assinatura de um documento pode ser um momento delicado, porque, “o entrevistado pode sentir o peso da responsabilidade de tudo que tenha dito e hesitar em permitir que aquilo se torne público” (ALBERTI, 1990, p. 96). Todos os entrevistados assinaram o documento sem apresentar qualquer tipo de desconforto. Esclareci que o conteúdo das entrevistas transcritas seria enviado para que pudessem aprovar, retirar ou acrescentar tópicos que achassem mais apropriados.

Foram apresentados também o Termo de Ciência e Concordância das instituições envolvidas, bem como Declaração de Ciência emitida pela Secretaria Municipal de Educação com relação ao reconhecimento da pesquisa em andamento. Todos os documentos solicitados e o projeto de pesquisa foram encaminhados via Plataforma Brasil e aprovados pelo Comitê de Ética da UDESC, sob o parecer de número 1.251.539.

Aos participantes da pesquisa, foi esclarecido que suas identidades seriam preservadas, e que seriam identificados no trabalho pela sua área de atuação, como, por exemplo, professor de Geografia, professora de Ciências, supervisora escolar.

4 PARTICIPAR DO PROJETO INTERDISCIPLINAR

4.1 Motivação para participar

Neste texto, procuro apresentar os motivos e estímulos que levaram os educadores a participarem do projeto “Regiões brasileiras”, pois todos estavam livres para optarem pelo envolvimento ou não. Na escola não existe qualquer tipo de cobrança da equipe pedagógica para que os professores façam parte de projetos. Essa decisão é avaliada individualmente pelo profissional e assumida sem nenhum tipo de constrangimento.

Os relatos demonstram que a motivação para trabalhar com interdisciplinaridade surgiu, para alguns, pela curiosidade de conhecer como se concretiza um projeto dessa natureza na escola; para outros, por já possuírem como prática pedagógica os projetos interdisciplinares ou pelo simples fato de receberem um convite de alguém para fazer parte do trabalho. Quanto a esse aspecto, Fazenda ressalta que:

O projeto interdisciplinar surge, às vezes, de uma pessoa (a que já possui em si a atitude interdisciplinar) e espraia-se para as outras e o grupo. Geralmente deparamos com múltiplas barreiras – de ordem material, pessoal, institucional e gnosiológica – que, entretanto, podem ser transpostas pelo desejo de criar, de inovar, de ir além. (FAZENDA, 2002, p. 18)

Para além das barreiras encontradas, e que não foram poucas, o grupo inicial que aceitou participar do projeto se manteve até a sua conclusão, ao final do ano letivo de 2014. Com relação aos motivos para participar de um projeto, o Professor de História comenta que precisa ser chamado, pois ele não tem forças para buscar por si mesmo a interdisciplinaridade.

Eu sou um pouco resistente, porque eu... vivo ocupado... é uma coisa meio obsessiva, aqueles estudos, aquela preparação das aulas... então, para me tirar disso, não é fácil! É preciso haver uma força monumental externa (risos)... e essa força acabou vindo de uma figura que está aí desde que eu estou na Prefeitura, junto comigo (risos), e que acaba me tirando daquela minha vivência obsessiva dos meus afazeres, do meu modo de trabalhar, e me leva para esse contato, junto com os professores e tal. Então, se não fosse a iniciativa da professora de Música... eu não buscaria por mim mesmo a interdisciplinaridade, eu não teria forças para buscar isso. (Professor de História, setembro 2015)

A professora da sala informatizada também ressalta que o convite foi a principal motivação para o envolvimento no projeto. “Foi a professora de Música, que nos convidou, que nos cativou e nos instigou a fazer, mostrando que era possível sim, que a gente tinha condições de fazer... e isso foi o que mais motivou” (professora da sala informatizada, ago. 2015).

A orientadora comenta que se envolveu no projeto porque sabia que iria resultar em algo positivo, pois havia muitas disciplinas envolvidas e os alunos estavam estimulados. Ela fala a respeito da importância do trabalho da equipe pedagógica e a função desses profissionais na realização de trabalhos que integram o grupo: “O papel da Equipe Pedagógica é de articular os projetos na escola” (orientadora escolar, set. 2015).

Não é tarefa fácil lançar uma proposta interdisciplinar para um grupo, pois se cria uma espécie de compromisso maior com a qualidade e continuidade do trabalho, para quem propõe. Nesse sentido, Penna (2006, p.41) enfatiza a necessidade da nossa área de educação musical estar em diálogo não só com os demais campos artísticos, mas com as diversas áreas da educação: “Com as ciências sociais, com a filosofia, a história,

a psicologia, ou outras tantas disciplinas que, por sua vez, o diálogo com a realidade – ou o diálogo que busca uma maior compreensão da realidade – mostre ser necessárias.”

Para a professora de Ciências, o projeto “Regiões brasileiras” foi uma boa oportunidade para abordar o tema da Zoologia de uma forma diferente e inovadora. Ela relata:

Quando você veio com essa oportunidade do projeto de regiões, na mesma hora, eu me *antenei* para usar o meu conteúdo nessa parceria. Então, para mim foi um certo alívio, entendeu? Porque eu nunca tinha feito um projeto de sétimo ano... que são animais. O sétimo ano estuda toda Zoologia. É muito extenso! Pode tornar-se até meio chato para o aluno. Embora ele [o aluno] goste muito de saber sobre animais..., mas, a gente que é professora, a gente quer fazer aquilo ficar melhor. A nossa intenção é fazer com que o jeito que o livro entrega para você aquele conteúdo seja melhor. [...]. Então, na hora que você veio com o projeto, eu falei: “Eu vou me encaixar nesse projeto, porque eu quero que esse sétimo ano seja diferente!” Queria ter essa experiência. (Professora de Ciências, set. 2015)

Repensar a forma de trabalho, reorganizar metodologias, criar novas estratégias de ensino pode ser a resposta para o esforço de um trabalho coletivo. Nesse assunto, Penna (2012, p. 43) destaca:

Mas, se a transformação da educação como um todo não se opera pela ação isolada de um professor ou em apenas uma área de conhecimento, ela também se realiza através dessas várias instâncias: através da ação e da atitude de cada educador, através de cada matéria escolar etc. Por isso é tão necessário repensar profundamente a nossa prática e seus

pressupostos, articulando esforços tanto no plano da ação como da reflexão.

A “ação” e a “atitude” mencionadas por Penna (2012) estão presentes no relato da professora de Educação Física. Ela relata que se integrou ao projeto porque acha que cada um dando aula na sua sala “não agrega”. Para ela, o fato de ser professora de uma turma onde vai acontecer um projeto, faz com que ela se sinta “na obrigação de ir para a reunião e achar uma forma de se encaixar”. A professora destaca a sua necessidade de fazer pontes com o trabalho que está sendo proposto, pois acha “inadmissível” falar em interdisciplinaridade e somente duas pessoas se envolverem, pois não ocorrerá plenamente. Ela ressalta que: “Fazer juntos é que faz a diferença!” (Professora de Educação Física, dez. 2015)

A supervisora reforça a mesma postura da professora de Educação Física, quando comenta que seu envolvimento no projeto se deu pelo fato de acreditar que o “trabalho tem que ser integrado”, pois é nisso que acredita a educadora. Para ela, é necessário desenvolver um trabalho em conjunto porque “enquanto um estiver no norte e o outro no sul, as coisas não fluem para a criança” (supervisora escolar, ago. 2015).

A questão da curiosidade foi outro elemento que surgiu como um fator inicialmente estimulante para participar do projeto. O professor de Geografia afirmou que teve vontade de saber como um projeto interdisciplinar se desenvolve na prática: “No caso do trabalho, o estudo das regiões brasileiras, a partir do olhar da Geografia, eu consegui dialogar com os outros olhares, das outras disciplinas, e ver como aquilo poderia contribuir no dia a dia das turmas, das discussões, dos conteúdos” (professor de Geografia, ago. 2015).

A diretora também revelou sua curiosidade em como iríamos conseguir envolver tantas disciplinas, como seria a organização, como a Música conseguiria se articular com as outras linguagens e tornar aquele projeto realmente

interdisciplinar. “Isso me deixava assim... Como que eles vão fazer isso? Isso me intrigou muito!”, disse ela (diretora, fev. 2016). A importância da curiosidade no ato de educar está presente no discurso de Paulo Freire. Ele afirma:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. (FREIRE, 2005, p.85)

A curiosidade, a flexibilidade, a aceitação de riscos, a capacidade de adaptação foram traços apresentados pelos educadores que assumiram o desafio de trabalhar no projeto das “Regiões brasileiras”, pois não havia certezas e sim vontades de fazer diferente. Para Freire (2005), quando nos abrimos ao mundo e aos outros, criamos uma relação de diálogo que se confirma como uma capacidade de irmos além de nossos próprios condicionamentos.

4.2 O diálogo faz a diferença

Nos relatos dos educadores, destacou-se a importância do espaço para o diálogo que ocorreu entre os professores e a equipe pedagógica, para que o projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” pudesse ter acontecido. No ambiente escolar encontramos-nos com várias pessoas, conversamos na sala dos professores, fazemos amizades, porém, as reais possibilidades para uma troca de experiências de ensino e para a realização de projetos muitas vezes não ocorrem. Menciono, na introdução deste trabalho, a solidão e o isolamento que sentimos quando fechamos a porta de nossa sala de aula. Parece contraditório nos sentirmos sós num ambiente onde circulam tantas pessoas, mas me refiro a uma espécie de isolamento pedagógico em que

são cada vez mais escassos os momentos para que as parcerias entre os educadores possam acontecer.

Os autores que discutem o tema da interdisciplinaridade ressaltam a importância do diálogo e da abertura ao outro. Japiassu (1976, p.138) destaca que “O espírito interdisciplinar não exige que sejamos competentes em vários campos do saber, mas que nos interessemos, de fato, pelo que fazem nossos vizinhos em outras disciplinas”. O autor ressalta que a prática interdisciplinar engaja os especialistas na pesquisa em equipe e faz com que aprendam a conhecer os limites da sua própria metodologia, para que possam dialogar em busca de um trabalho em comum.

Quanto a esse aspecto, a professora de Ciências coloca que a riqueza da interdisciplinaridade está no ato de “você trocar, você ser generoso, você se abrir para o outro. Você está abrindo o seu conhecimento, você está abrindo a sua metodologia, você está mostrando: Olha como é que eu sou!” (Professora de Ciências, set. 2015). Ela destaca que, quando você está aberto, percebe que no final ficou mais rico de conhecimento, de metodologias novas e de estratégias de trabalho, e conclui que não dá mais para ficar isolado. Porém, ela enfatiza que cada professor não deve abrir mão dos conteúdos da sua disciplina e da importância que ela tem.

Em relação à importância das disciplinas para a prática interdisciplinar, Santomé (1998, p.61) ressalta que “convém não esquecer que, para que haja interdisciplinaridade, é preciso que haja disciplinas. As propostas interdisciplinares surgem e desenvolvem-se apoiando-se nas disciplinas”.

Outro ponto destacado nas falas foi o fato de os espaços criados para o diálogo conseguirem atingir os professores novos, ou aqueles que demonstravam dificuldade em aceitar trabalhar com projetos. A professora de Ciências destaca que:

Primeiro porque tem professores que você mal conhece. Tinham acabado de chegar na escola, tinham um ano na escola somente, estavam se

adaptando. Professores que a gente já tem um certo contato, já mais antigos, e aí você numa reunião, como fizemos reuniões de projetos, para você discutir o projeto, você vê as ansiedades dos professores, e aí você se encaixa, entendeu? Você se encaixa em algumas. É muito bom! (Professora de Ciências, set. 2015)

Nesse sentido, a supervisora comenta: “Eu vejo que professores que estão chegando, dizem: ‘Deixa eu ver como é que está rolando tal projeto, porque eu quero saber como eu posso contribuir!’ Porque está trazendo o grupo, os outros vão percebendo que é legal” (supervisora, ago. 2015). Ela ressalta a importância de os professores fazerem atividades em conjunto, conversarem e saberem o que acontece na sala de aula uns dos outros, e que, assim, podem influenciar “outros professores que não acreditam muito, eles têm até vontade de participar, mas não sabem como. Então eu penso que vai ajudando, até porque tem como mostrar: ‘Olha, dá certo!’” (Supervisora, ago. 2015) A supervisora complementa dando como exemplo o professor de Geografia.

Eu acho que isso trouxe o professor de Geografia, pois ele havia trabalhado uns meses antes em uma escola estadual, totalmente diferente, ele chegando no município, a gente já o envolve num projeto... eu acho que ele ganhou muito, começar com esse monte de professores *fera* (risos) [...] Eu acho que o projeto motiva não só os que estão aqui, eu acho que ele influencia os que estão fora e que começam a ver o que está acontecendo, porque eles veem as crianças estimuladas, as crianças participando... Então eu penso que esses professores que estão fora... os olhos começam a brilhar. (Supervisora, ago. 2015)

O professor de Geografia reforça o que foi dito pela supervisora acerca do valor do diálogo que se estabeleceu entre o grupo assim que ele chegou na escola, pois ele havia experimentado uma relação em outra unidade, onde as trocas não existiam. Ele afirma:

Eu acho que para mim tem uma importância muito grande, porque... eu tive uma experiência enquanto professor no primeiro ano, que não existia muito diálogo entre os professores, era cada um na sua, e... fazendo o seu, sem troca nenhuma. Eu acho que com esse projeto, me fez entender um pouco melhor, assim, é... como a educação pode ser melhor do que ela é hoje, e como a escola pode ser melhor, como esse processo de ensino e aprendizagem pode ser muito melhor do que ele vem sendo, com ações... como essa, de projetos interdisciplinares. (Professor de Geografia, ago. 2015)

Quanto às colocações feitas pelo professor de Geografia, a professora de Ciências confirma que “não é qualquer escola que faz isso, a gente coloca, a gente discute, a gente conversa, a gente consegue alguns momentos de encontro, difíceis, porque a dinâmica da escola é difícil” (professora de Ciências, set. 2015). Lück (2002) ressalta que, no desenvolvimento da interdisciplinaridade, é fundamental que haja diálogo e engajamento entre os professores, para que consigam superar a fragmentação do ensino e de seu processo pedagógico. Mas pondera também:

No entanto, essas não são características facilmente encontradas nas escolas em geral. Registra-se, em muitas delas, muito mais um desejo de que tal situação ocorra, acompanhado de grande lamentação pela dificuldade da prática pedagógica, em decorrência dessa falta. (LÜCK, 2002, p.80)

Para a orientadora, as reuniões realizadas no início do ano letivo, quando os professores puderam compartilhar seus planejamentos, possibilitaram uma espécie de acolhimento para os demais profissionais e um estímulo para participarem do projeto. Nesse sentido, a professora da sala informatizada enfatiza: “Esse projeto, como envolveu a escola toda, todas as áreas, então, houve mais abertura, mais dinâmica, mais tempo pra gente se organizar, planejar, pensar em estratégias todos juntos” (professora da sala informatizada, ago. 2015). Também a diretora aponta que, quando o planejamento inicial foi se concretizando, as pessoas foram se envolvendo com o projeto e tornando-se parceiras:

Eu acho que as pessoas foram se encantando e aos poucos não precisava mais pedir ajuda, quando a gente via já se sentia parte do projeto. Cada um fez a sua parte, pessoas que estavam fora da sala de aula se envolvendo [...]. Quando a gente via, a gente estava encantado com o projeto, assim como os outros projetos que aconteceram envolvendo música. (Diretora escolar, fev. 2016)

Fazenda (2002, p.31) ressalta que a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas, e que é necessário haver uma relação de reciprocidade, melhor dizendo, “um regime de copropriedade, de interação que irá possibilitar o diálogo entre os interessados, dependendo basicamente de uma atitude cuja tônica primeira será o estabelecimento de uma intersubjetividade” (p. 31). Ou seja, a semente de um trabalho de integração entre profissionais de diferentes áreas está no interesse pelo outro, em tecer novas relações e aceitar novos desafios.

Com relação a esse assunto, a professora de Educação Física destaca que, em função de seu próprio perfil, não conseguiria ficar isolada em suas aulas, e que se sente

agradecida por estar em uma escola que proporciona essa interação entre as pessoas. “Então eu acho que isso que é legal, esse pensar coletivamente, interdisciplinarmente... eu acho que isso é que faz a diferença!” (Professora de Educação Física, dez. 2015). Ela comenta a respeito da função da equipe pedagógica no sentido de proporcionar um suporte para que os professores possam ter encontros para dialogar acerca do projeto e complementa dizendo: “Porque os barcos que andam para frente a gente quer colocar todo mundo dentro dele, né? A gente não quer ver o povo se afundando na solidão da sala (risos). A gente quer puxar!” (Professora de Educação Física, dez. 2015)

O professor de História fala da relevância dos momentos de troca e de diálogo entre os colegas e como isso contribuiu para alargar as discussões nas suas aulas, pois ele conseguiu ter noção do que os professores já haviam trabalhado ou iriam trabalhar com a turma. “Então o projeto, ele contribui para esse diálogo interdisciplinar dentro de uma aula, dentro da minha aula. Eu acabo falando de aspectos de Ciências, de Geografia, de Artes, dentro da minha aula, coisa que eu não faria se não tivesse dentro do projeto” (professor de História, set. 2015). Ele vai um pouco além, e fala de encontros que aconteceram entre os professores fora do contexto escolar, em caráter informal, e como desses momentos surgiram projetos que se realizaram e que conseguiram envolver e motivar as pessoas:

Então... os trabalhos interdisciplinares que nós conseguimos fazer, aqueles que conseguimos mais êxito, os que mais lembramos, e que mais nos estimulam, foram aqueles que a gente conseguiu sair da escola e conversar sobre ele em outros momentos. Então... daí a gente sai, vai para um lugar maravilhoso, estamos agora aqui no Ribeirão da Ilha, a gente toma uma cerveja, come uma casquinha de siri, e isso estimula (risos), estimula a conversa, a gente

fala sobre o que já fez e o que pretende fazer, cria um monte de ilusões, e desse monte de ilusões, aparece uns dez por cento de coisas concretas e realizáveis... e esses dez por cento já são suficientes pra gente fazer uma coisa muito bacana e muito diferente. E assim, por mais que a gente gaste um pouco mais de energia, muito mais energia, quando a gente faz um projeto desse tipo... isso nos traz também uma carga de energia maior do que a gente gastou... se anima mais com o nosso trabalho, se anima mais com a nossa profissão. (Professor de História, set. 2015)

As relações estabelecidas para além do âmbito profissional trouxeram oportunidade para a efetivação de trocas e planejamento que extrapolaram as formas tradicionais de reuniões em salas fechadas dentro da escola, proporcionando motivação e disponibilidade para criar novos projetos interdisciplinares, como fala o Professor de História. Segundo Freire (2005), a disponibilidade para o diálogo é uma das exigências da tarefa de ensinar. O autor destaca que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 2005, p. 136). Freire ressalta que a abertura aos outros, a disponibilidade para o novo e seus desafios são saberes necessários à prática educativa, que podem trazer reflexões críticas da própria prática.

Participar do projeto “Regiões brasileiras” foi um exercício de confiança, de paciência e de flexibilidade para os educadores. Só foi possível concretizar o projeto com as parcerias entre professores e equipe pedagógica, e com a conquista por todo o grupo dos momentos de encontros, de conversas, de trocas a respeito do projeto. Fica claro que a prática interdisciplinar se concretiza à medida que o diálogo possa fazer parte do cotidiano dos profissionais envolvidos,

mediante uma abertura para o outro, para o novo, para a incerteza e para a aceitação de novos papéis, confirmando os princípios para a interdisciplinaridade propostos por Santomé (1998).

4.3 Significado da experiência

Os relatos apresentados neste texto pelos educadores apontam os diferentes olhares que cada um atribuiu à experiência de participar de um projeto interdisciplinar e as contribuições advindas do envolvimento no trabalho, desde a sua proposta inicial, uma ideia, até sua conclusão, ao final do ano letivo, com seus resultados.

A professora de Ciências afirma que, depois dessa experiência com a interdisciplinaridade, percebeu que ficou mais rica de conhecimentos, de metodologias novas e de estratégias de trabalho. Ela diz que se sente melhor durante e depois do projeto e que faz muita autocrítica do que poderia ter feito e não fez:

Eu adquiri muito mais conhecimento porque eu tive que fazer *links* também, não é só o aluno que tem que fazer *links*. Você, quando prepara suas aulas e faz o seu planejamento, você também vai fazendo *links* na tua própria aula, mistura tudo! [...] É uma riqueza muito grande, a gente tem que estudar muito para fazer isso. Não é fácil! É um desafio! [...] A gente vai melhorando mais. A própria equipe vai entendendo que tem que melhorar um pouco aqui, um pouco ali. É uma construção eterna. (Professora de Ciências, set. 2015)

Buscar novas estratégias de trabalho, estudar, pesquisar, conforme as colocações da professora de Ciências são, segundo Freire (2005), ações essenciais para todo educador. Ele ressalta que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”

(FREIRE, 2005, p. 29). O autor destaca que atualmente se fala no professor pesquisador, mas, para ele, isso não seria uma qualidade ou uma forma de atuar que seja acrescentada à de ensinar: “O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (FREIRE, 2005, p. 29). Quanto à pesquisa na prática educativa, Freire enfatiza que uma ação está ligada à outra:

Enquanto ensino continuo buscando, reprovando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2005, p. 29)

As experiências interdisciplinares, de maneira geral, segundo o professor de História, lhe deram provas concretas de que “isso faz muito bem para os alunos, faz muito bem pra gente, faz muito bem pra escola”. Ele coloca que os resultados do trabalho não se restringem aos momentos de sala de aula e nem àquele ano letivo somente, e afirma que “acaba colhendo frutos para os anos posteriores” pois constrói relações junto aos professores, mas principalmente junto aos alunos, que não se desfazem mais:

A gente passa a ter uma relação muito mais próxima, muito mais respeitosa junto aos alunos. Então, o que eu acho que posso tirar de ensinamento mesmo dessa experiência, acho que principalmente é isso! A gente acaba se aproximando mais deles, se aproximando de uma forma tal que continuamos a ser professor, mas... diminui a distância entre professor e aluno. (Professor de História, set. 2015)

A professora de Educação Física também enfatiza como fruto da experiência do projeto interdisciplinar a aproximação

com os alunos. Ela destaca que acompanhar os estudantes em uma saída, conversar com eles em outro ambiente, que não a escola, visitar um local onde eles nunca foram, fazer um lanche, receber um elogio, uma atenção especial, são pequenos detalhes que fazem a diferença nas relações pessoais entre professores e alunos. A influência benéfica que pequenos gestos de um professor podem exercer sobre os educandos é destacada por Freire (2005) em sua fala:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 2005, p. 42)

A transformação da realidade pedagógica é, segundo Lück (2002), um dos resultados da construção da interdisciplinaridade. Essa construção deve fazer parte de um processo contínuo, com estágios sucessivos de significados cada vez mais amplos, que vai progressivamente alargando o entendimento dos professores envolvidos. A melhora na qualidade do relacionamento entre professores, alunos e equipe pedagógica pode representar a ausência de uma série de conflitos que são tão comuns, de maneira geral, na realidade de nossas escolas. Esse fator, para Lück, já seria, por si só, um aspecto para se refletir na importância de trabalhar com projetos interdisciplinares de uma maneira mais sistematizada.

Para a supervisora, participar do projeto mostrou a ela “o quanto é importante cada pessoa, cada função para que as coisas funcionem... e quanto uma escola precisa estar articulada, para que a gente consiga fazer um trabalho pedagógico”. Ela complementa dizendo que houve um crescimento pessoal e um olhar diferenciado para o aprendizado dos alunos e que, quando os professores estão “falando a mesma língua” e a equipe pedagógica tem

conhecimento do projeto e colabora na articulação, as coisas caminham e mostram resultados positivos (supervisora, ago. 2015).

Segundo a orientadora, o fato de ter participado pela primeira vez de um projeto interdisciplinar trouxe como aprendizado “um outro olhar sobre os alunos e sobre a equipe dos professores”. Ela observa que essa experiência revelou boas surpresas para o seu trabalho de orientadora, proporcionando novos conhecimentos e desafios que ela levará como aprendizado para sua vida (orientadora, set. 2015).

O envolvimento no projeto “Regiões brasileiras”, para o professor de Geografia, significou uma possibilidade real de transformação da escola, da educação e, por consequência, do mundo. Ele relata que esse trabalho conseguiu reforçar sua vontade de ser professor:

Eu acho que, com esse projeto, me fez entender um pouco melhor, assim, como a educação pode ser melhor do que ela é hoje, e como a escola pode ser melhor, como esse processo de ensino e aprendizagem pode ser muito melhor do que ele vem sendo, com ações... como essa, de projetos interdisciplinares. Eu acho que isso contribuiu muito para que eu de fato tivesse convicção da profissão de professor, inclusive. Porque, quando se trabalha com pessoas que também estão envolvidas e se importam e... querem construir coisas juntos, isso não deixa a peteca cair. Você se estimula e procura mais, se envolve, e tenta fazer da educação algo que de fato contribua para a formação de pessoas que aprendam a ver o mundo da forma como elas, com sua autonomia, queiram enxergar, e etc. E... quem sabe também transformar. Transformar esse mundo, buscar fazer, da vida, uma vida um pouco melhor do que está aí hoje. Eu acho que essa vida que se criou em torno do projeto, e tal, foi fundamental para mim, para

minha formação enquanto professor. É uma coisa que eu acho que eu levo daqui pra frente! (Professor de Geografia, ago. 2015)

A fala do professor de Geografia vai ao encontro do que postula Lück (2002), quando coloca que o desenvolvimento de uma consciência e uma atitude de um trabalho interdisciplinar faz com que o professor produza conhecimento útil, interligando a teoria e a prática, conseguindo estabelecer relações entre o conteúdo do que ensina com a realidade social existente no contexto escolar.

Para a professora da sala informatizada, o fato de confirmar que é possível realizar projetos interdisciplinares na escola, apesar das dificuldades encontradas, foi apontado como o aprendizado mais significativo:

O principal de tudo foi a gente realmente descobrir que é possível. Que é possível fazer, que você consegue... com muito trabalho, com muita perseverança, você consegue, a escola consegue, e sempre buscando uma forma melhor de ensinar, de trazer conhecimento, de troca de experiências com os alunos, e isso foi bem importante nesse projeto, mostrando isso, que é possível fazer sim! (Professora da sala informatizada, ago. 2015)

Segundo a diretora, a concretização do projeto mostrou que os conceitos já preestabelecidos que dizem que “escola pública não tem condições, que as coisas não acontecem, que os professores não querem nada com nada”, não se cumpriram nessa escola. Para ela, a experiência mostrou a possibilidade de “transformação de um aluno, a transformação de um professor, a transformação de um grupo todo de trabalho”. Ela coloca que muitos foram os obstáculos, mas que em nenhum momento esses obstáculos impediram a realização do projeto, pois o grupo permaneceu unido e conseguiu enfrentar os desafios. Ela destaca que, como resultado desse esforço coletivo, houve um

crescimento dela como diretora e um amadurecimento de todo o grupo de profissionais que se envolveu no projeto interdisciplinar. “É possível tornar possível! Basta as pessoas se envolverem” (diretora escolar, fev. 2016).

Nesse sentido, as falas da professora da sala informatizada e da diretora vão ao encontro de Freire (2005), quando o autor ressalta que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Para Freire (2005, p.79),

É a partir desse saber fundamental: mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação política-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

Estudar mais, pesquisar, rever a própria prática, buscar novas metodologias, estreitar a relação com os alunos e com os demais professores, valorizar a profissão, reconhecer a importância de uma escola articulada, constatar que é possível fazer interdisciplinaridade na escola foram alguns dos significados apontados pelos educadores acerca da experiência vivida no projeto “Regiões brasileiras”. Sem ignorar os percalços e obstáculos enfrentados durante o caminho, os educadores mostraram em suas falas que houve conquistas individuais e um amadurecimento do grupo, e que a realidade das escolas públicas pode sim ser modificada, com ações coletivas e com o envolvimento de todos os setores responsáveis pela educação.

5 O ENSINO DE MÚSICA NO PROJETO

5.1 Na música os alunos são destaque

As possíveis contribuições que o ensino curricular de música trouxe aos alunos do sétimo ano e a forma como eles se envolveram com a disciplina de Música durante a realização do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” foram destacadas pelos educadores como um trabalho conquistado ao longo do tempo, e que se refletiu no comprometimento, no interesse e na organização dos alunos nas diversas atividades que fizeram parte do projeto. A importância da prática interdisciplinar na área da educação musical é ressaltada por Penna (2006, p. 40), que afirma: “Os conteúdos musicais, em sua especificidade, são sem dúvida fundamentais nessa formação, que, entretanto, não pode se restringir ao domínio de tais conteúdos, necessitando se enriquecer com a interdisciplinaridade”.

Os aspectos relacionados à organização e ao comportamento apresentados pelos alunos em vários momentos vivenciados junto aos educadores foram ressaltados nas falas dos entrevistados. A professora de Ciências destaca:

Porque quando a gente vê uma apresentação dos nossos alunos, a gente fica extasiado... porque eles cantam muito bem, eles são disciplinados, cada um sabe a sua função. Isso tudo você leva para todas as disciplinas. Cada um tem que saber a sua função na sala de aula também, tem que ter foco, tem que ter disciplina. Então, a Música ajuda muito todas as disciplinas, porque são princípios que a gente quer do aluno também: disciplina, foco, organização. Então não é algo: ‘Música é diferente.’ Não! Música é a mesma base, para todas as disciplinas. (Professora de Ciências, set. 2015)

O professor de História relata situações em que foi necessário reunir as duas turmas em uma única sala de aula para que se realizassem os ensaios e os encontros com todos os professores envolvidos no projeto. Ele, assim como a professora de Ciências, destaca o comportamento dos alunos nesses momentos: “E... se envolvem de uma maneira muito interessante, tanto é que a gente junta duas turmas numa sala minúscula... Já aconteceu de eu relatar essa experiência para alguns professores, e eles dizem: ‘Não, isso não é possível! Não é possível!’ (risos)”. Ele diz que, por incrível que pareça, muitas vezes a atitude desses alunos num espaço pequeno é muito melhor do que quando a turma está sozinha num espaço maior. “Então é por isso, eu acho que eles gostam disso, acho que os toca de uma forma legal e por isso acaba sendo bom” (professor de História, set. 2015).

A orientadora também destaca que não imaginava que a Música pudesse proporcionar disciplina aos alunos, pois ela já havia vivenciado experiências com professores de Música, mas nenhuma que fosse assim tão intensa e tão didática. “Porque o que tu fazes, não é só aula de Música, tem todo um outro trabalho: a questão da postura, a questão da organização”. Ela ressalta que os alunos se sentem seguros quando saem da escola para uma apresentação porque cada um sabe o que vai fazer. Quanto a esse aspecto, a professora da sala informatizada comenta:

Foi a primeira vez que eu trabalhei com música na escola, [...] e para mim foi... fundamental a disciplina que a música oferece, o encantamento dos alunos pela música, a possibilidade de eles conhecerem, manusearem todos os instrumentos, conhecerem as músicas, conhecerem as histórias. Foi fundamental! Então achei importantíssimo, foi encantador ver todos os alunos participando com entusiasmo, com vontade, ao mesmo tempo com disciplina, porque eles tinham a disciplina necessária para

isso, e... com a conquista da professora e de todos os grupos que estavam juntos. Foi muito bom! (Professora da sala informatizada, ago. 2015)

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) para o ensino de Artes ressaltam que é necessário trabalhar com os alunos conteúdos relacionados a atitudes e valores, como por exemplo “Cooperação com os encaminhamentos propostos nas aulas de Arte” (BRASIL, 1998, p.52). Sendo assim, atitudes ligadas à organização, foco e colaboração durante as aulas, ensaios e apresentações, citadas pelos educadores, fizeram parte de todo o processo pedagógico como uma construção coletiva. Freire (2005), com relação a esse aspecto, fala que não há como separar o ensino dos conteúdos de uma formação ética dos alunos, e que na prática docente não podemos separar a autoridade da liberdade, o respeito ao professor do respeito aos alunos, a teoria da prática. Segundo o autor,

Como professor, tanto lido com minha liberdade, quanto com minha autoridade em exercício, mas também com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos. (FREIRE, 2005, p.95)

Ainda acerca do envolvimento dos alunos do sétimo ano com o ensino de música, a orientadora destacou o fato de que mesmo ela não estando diretamente na sala de aula com os estudantes, ela tem contato direto, em conversas, e consegue perceber o comprometimento dos educandos. “Eu ouço, eu vejo eles tocando flauta ao meio dia antes da aula, treinando, então tu vê o envolvimento deles... porque quando eles não gostam eles falam: ‘Ai que chato!’ E eles já estão no oitavo ano onde, às vezes, eles já apresentam resistência” (orientadora, set. 2015). Nesse sentido, os *Parâmetros*

Curriculares Nacionais (1998) para o ensino de Artes destacam que um dos objetivos gerais do ensino de música na escola deve ser:

Pesquisar, explorar, improvisar, compor e interpretar sons de diversas naturezas e procedências, desenvolvendo autoconfiança, senso estético crítico, concentração, capacidade de análise e síntese, trabalho em equipe com diálogo, respeito e cooperação. (BRASIL, 1998, p. 81)

Além do que foi abordado anteriormente pelos educadores, foi citada também a capacidade que a música demonstrou, durante a realização do projeto, de despertar o potencial de alunos que, a princípio, não conseguiam sair-se bem nas demais disciplinas. O professor de História comenta que a música atua em alguma parte do ser humano que outras artes não atuam. “Música, eu acho que ela tem uma peculiaridade própria, e... nesse sentido ela tem uma importância para o ser humano. É algo que eu não sei explicar, tem uma mística (risos), uma coisa meio mágica da música, enfim” (professor de História, set. 2015).

Nesse sentido, a orientadora fala que a música “proporciona isso para o aluno... essa coisa de completar, de retirar o essencial do ser humano, aquela coisa que às vezes está guardada... a música consegue mexer com isso, porque ela consegue mexer com os sentimentos” (orientadora, set. 2015). Ela destaca que costuma acompanhar os alunos desde os Anos Iniciais e observa que muitos deles não se saem tão bem em outras áreas, porém, nas apresentações musicais, muitas vezes esses alunos são destaque.

A diretora, igualmente, relata presenciar alunos com dificuldades de aprendizagem, inclusive para escrever, apresentarem uma postura exemplar diante do público. “Eu senti muito isso neles, de se verem importantes no grupo,

porque eles sabiam que naquele determinado momento teriam que utilizar tal instrumento com precisão. Eles se sentiam parte de um grupo. Foi muito bom!” (Diretora escolar, fev. 2016)

A professora de Educação Física também ressalta: “Poxa, mas esse cara pode não ser tudo aquilo que eu gostaria que ele desenvolvesse e me apresentasse aqui, mas ele é super bem na Música! Eu acho que isso é bem legal!” (Professora de Educação Física, dez. 2015). Quanto a esse assunto, o professor de História enfatiza:

Eu sinto isso, alunos que têm muitas dificuldades em todas as disciplinas, alunos com dificuldades motoras inclusive, chegam no momento da apresentação... desempenham igual a qualquer aluno. Parece que aquele espírito coletivo abarca todo mundo... todo mundo consegue entrar no mesmo ritmo, na mesma sintonia, até usando as metáforas musicais. (Professor de História, set. 2015)

Nesse sentido, Fonterrada (2007, p. 30) ressalta que “há inúmeras evidências do poder da música sobre o ser humano e de sua capacidade em atingir profundas regiões da psique”. A autora destaca que existe um número considerável de pesquisas a respeito de música e educação musical que procuram dialogar com as outras áreas do conhecimento, na busca de uma maior compreensão dos papéis da música na atualidade e seu significado para as pessoas. Segundo a autora,

Essas pesquisas procuram examinar de que modo se dá e que consequências podem ser encontradas no relacionamento do ser humano com o som e a música, averiguando sua importância para o indivíduo e a sociedade. Algumas áreas que têm dialogado com a música são: a biologia, a bioacústica, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a

medicina, apenas para citar alguns exemplos; elas têm em comum o interesse em conhecer a influência do som e da música para a vida humana e animal. (FONTERRADA, 2007, p. 31)

Um outro enfoque que surgiu na fala dos educadores foi o potencial que a Música apresentou de dialogar com as demais disciplinas do currículo e as relações que os alunos conseguiram estabelecer entre o ensino de música e as outras áreas, durante a realização do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”. A professora de Ciências cita que “os alunos iam falando pra gente que músicas eles estavam cantando, que eles iam cantar, então a gente já entendia a região que você estava trabalhando” (professora de Ciências, set. 2015).

A professora de Educação Física, igualmente, destaca que “os alunos conseguiam contextualizar o repertório com as regiões, e depois acho que se apropriaram de todos os conhecimentos que a História, que a Geografia também contribuíram, eu acho que nesse ponto foi bem legal!” (Professora de Educação Física, dez. 2015). Ela considera que a disciplina de Música foi uma espécie de fio condutor do trabalho, e que quando ela ia propor a dinâmica das aulas de Educação Física, os alunos já tinham uma noção, porque já haviam trabalhado em Música. A supervisora também percebeu a integração das demais disciplinas com a Música e sentiu os alunos mais motivados e participativos. Para ela, o trabalho de Música tornou-se mais rico com o projeto, pois “as crianças conseguem relacionar não só a música pela música, mas a música contextualizada” (supervisora, ago. 2015).

O professor de Geografia também relata que conseguiu *linkar* vários conteúdos a partir do repertório que foi trabalhado nas aulas de Música. Ele destaca que a aprendizagem dos alunos foi alavancada por discussões feitas utilizando as canções:

Então, a discussão do *Trenzinho Caipira*, do Villa-Lobos, foi importante para mim, porque ao procurar saber sobre a música eu consegui fazer relações com o conteúdo que eu estava discutindo no sétimo ano, que era a Região Sudeste. Então, a coisa das viagens de trem que ele fazia quando criança e a reprodução disso na música. Você relacionar isso com o processo de expansão do café, das ferrovias... ligar o planalto com o litoral. Então, deixa de ser só a música e pode ser para os estudantes uma música que... remeta a um processo, a um passado, a uma história do país. (Professor de Geografia, ago. 2015)

Segundo Penna (2006), as experiências de educação musical em projetos trazem os desafios de incorporar objetivos para a formação global, de comprometimento social e de troca com diversas realidades culturais, indicando a necessidade de diálogo entre a nossa área e as outras. Assim, continua a autora, “essas novas experiências de ensino de música colocam em questão a própria formação do professor” (PENNA, 2006, p. 40). Nesse sentido, o projeto possibilitou o desenvolvimento de um repertório musical que contemplasse diversas manifestações musicais, culturais e étnicas presentes no território brasileiro, fazendo com que os alunos tivessem experiências musicais de diversas origens e que os professores pudessem estabelecer pontes entre a sua disciplina e os conteúdos trabalhados na disciplina de Música.

Outra abordagem feita pela supervisora foi o protagonismo dos alunos no trabalho musical, e o fato de que, por mais que os professores estivessem presentes, no momento das apresentações, eles eram “os atores principais”. Ela também menciona o fato de as aulas de Música apresentarem um produto final, estimulando a participação dos alunos no projeto:

Eu acho que a Música tem uma coisa bem central, que primeiro ela traz sempre um produto. [...] Segundo que eu acho que a música tem o poder de encantar, ela traz a criança, ela traz aquela vontade de participar, eles gostam disso, eles são ativos na música, na música eles produzem, na música eles são os atores, eu diria. Eles são os atores principais, embora tenha a professora, que faz todo um trabalho, mas a professora meio que sai de cena quando eles se apresentam. [...] Aquele momento depende deles! (Supervisora, ago. 2015)

O professor de História relata sua observação nos momentos de trabalho coletivo, em que os alunos estavam cantando a canção *Koi Txangaré*, dos Índios Ladei-Suruí, de Rondônia, relacionada à região Norte do Brasil. Ele exemplifica o efeito daquela canção sobre o grupo e o sentido de coletividade que se instalou entre eles:

Essa importância eu não sei se é possível visualizar, não sei se é possível mensurar... eu tenho a intuição de que [a música] contribui, que isso desperta neles alguma coisa importante. Eu lembro dos alunos cantando *Koi Taxangaré*, assim, como eles se envolvem cantando.. esse é só um exemplo, mas... como eles se envolvem, como eles se deixam absorver pela música. Então eu acho que ela toca... e a música tem um lance também interessante: [...] quando eles estão todos juntos cantando, quando estão tocando, parece que a individualidade cede espaço para a coletividade, parece que eles viram uma unidade coletiva. (professor de História, set. 2015)

O fato destacado pelo professor de História mostra o caráter coletivo do aprendizado nas aulas curriculares de Música. No caso citado, foi trabalhado o canto, porém, isso

também ocorre na aprendizagem de instrumentos musicais. Nesse aspecto, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) para o ensino de Artes destacam essa peculiaridade da área artística. Segundo o documento, “a ação artística também costuma envolver criação grupal: nesse momento a arte contribui para o fortalecimento do conceito de grupo. O aluno pode compreender o outro intelectual e afetivamente e pode ter atitudes cooperativas nos grupos de trabalho” (BRASIL, 1998, p.61). Nesse sentido, Lima (2007, p. 63) destaca a importância da humanização de nossos alunos como um dos objetivos da educação musical, e afirma que a prática da interdisciplinaridade pode auxiliar no alcance dessa questão: “sob esse crivo, novos valores seriam agregados à pedagogia musical, trazendo modificações profundas para a área”.

Fucci Amato (2010, p. 43) enfatiza que a música, desde sua origem, é tida como um elemento essencial na formação integral do ser humano e que “hoje são maiores ainda as possibilidades de se desenvolver, no ensino musical escolar, uma grande integração de conhecimentos a partir de uma educação musical que amalgame várias disciplinas do currículo escolar”. A autora também coloca que, por meio da interdisciplinaridade, a prática, o ensino e a pesquisa em educação musical “hão de alargar sua paleta cromática com novos pigmentos, ampliando seu colorido com as várias vozes dos diversos espaços de conhecimento” (FUCCI AMATO, 2010, p. 44).

Dessa forma, as falas dos educadores apontam que a presença da disciplina de Música foi importante para a realização do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, pois, com os conteúdos e atividades realizadas nas aulas de Música, conseguiu motivar e envolver os alunos dos sétimos anos, fortalecendo o trabalho coletivo, despertando habilidades nos alunos com dificuldades, tornando-os protagonistas nos momentos das apresentações. Segundo os educadores, foi possível estabelecer o diálogo entre a maioria das disciplinas e

a Música, possibilitando aos alunos perceber a interligação dos conteúdos e das pessoas durante a realização do projeto.

5.2 A música pode ir além da sala de aula

Para iniciar este texto, utilizo a fala da supervisora no sentido de apresentar a concepção que os educadores têm das possíveis contribuições que o ensino de música curricular, realizado no projeto “As Regiões Brasileiras”, trouxe para a escola como um todo, já que a proposta do trabalho era proporcionar uma integração. “O trabalho de Música, ele começa a sair da sala de aula, ele não está só na sala de Música, ele está no espaço da escola e fora” (supervisora, ago. 2015).

A partir do depoimento da supervisora, os demais educadores relataram a respeito das apresentações musicais motivadas pelo projeto, realizadas no espaço escolar e em eventos externos. Segundo as colocações, foram momentos que proporcionaram um envolvimento significativo por parte dos alunos; o empenho de toda a equipe na organização das apresentações; oportunidade para aproximação entre alunos e professores; e a valorização da escola.

Para a supervisora, a Música conseguiu mostrar um resultado de todo o trabalho desenvolvido, e as apresentações foram essenciais para que os outros professores da escola pudessem conhecer o projeto. “Então eu penso que esses professores que estão fora... os olhos começam a brilhar: ‘Ah, quem sabe ano que vem eu participo de um projeto!’” (Supervisora, ago. 2015)

Foram realizadas três apresentações musicais fora da escola ligadas ao projeto “Regiões brasileiras”, durante 2014 e 2015: dois Seminários Estaduais dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina e o Ecofestival (evento organizado pela Secretaria Municipal de Educação). Cada uma dessas apresentações, segundo a fala da diretora:

Primeiramente envolveu até a Secretaria Municipal de Educação, porque todos queriam assistir à apresentação dos alunos. Ultrapassou as paredes da escola. Porque outras pessoas queriam nos convidar para que os alunos apresentassem. Foi uma influência muito positiva, tanto que chegou a ultrapassar a escola... saiu da sala de aula, foi para toda a escola, ultrapassou a escola, chegou até a Secretaria de Educação. Eu acredito que ali foram plantadas várias sementinhas que um dia irão despertar. (Diretora escolar, fev. 2016)

O professor de História consegue perceber esses momentos relativos às apresentações musicais que os alunos realizaram como uma forma de estreitar os laços entre as pessoas envolvidas, e acredita que isso se reflita também no trabalho em sala de aula:

Depois a gente faz uma apresentação, e eu acho que os alunos notam, percebem isso, que essa apresentação não é uma apresentação dos professores, é uma apresentação principalmente deles, mas que os professores estão ali atuando, nós somos um grupo. E aí, quando nós saímos para apresentar fora, entramos num ônibus juntos, levamos os instrumentos, nos dirigimos até o local, fazemos um lanche juntos, voltamos... tudo isso eu acho que quebra um pouco esse distanciamento entre professor e aluno, e a gente consegue se aproximar mais e tornar mais afetiva a nossa relação. Eu acho que tem esse lado, assim, de sociabilidade, bem importante. (Professor de História, set. 2015)

Nesse sentido, Fonterrada (2007, p. 30) ressalta que “o que se quer trazer para a reflexão é o papel da música como favorecedora da expressão e comunicação humanas, e de canal de revigoração da sensibilidade do indivíduo”. Para a

professora de Educação Física, além dos aspectos relacionados à sociabilidade e à sensibilidade citados por Fonterrada (2007), em torno de um trabalho em comum, as apresentações nos eventos geraram uma valorização da instituição escola. Ela afirma que nós, trabalhadores da educação, somos responsáveis pela valorização da escola. “Só vamos ter valorização se nós nos valorizarmos. Daí o aluno vai ver, o pai vai ver, o prefeito vai ver, o secretário vai ver... eu acho que é por aí [...] É valorização mesmo do espaço” (professora de Educação Física, dez. 2015).

Os desafios e compromissos da educação musical na escola são muitos, e muitas são as discussões feitas acerca desse tema. A valorização das redes públicas de ensino deveria ser um deles. Quanto a esse aspecto, Penna (2002) propõe:

Enfim, seja buscando novas formas de atuar na escola, seja construindo propostas pedagógicas e metodológicas adequadas para esse contexto educacional, seja ainda repensando a formação do professor, é preciso aprofundar cada vez mais o compromisso com a educação básica, pois só assim a educação musical pode de fato pretender o reconhecimento de seu valor e de sua necessidade na formação de todos os cidadãos. Este é, portanto, o grande desafio”. (PENNA, 2002, p. 18)

O professor de Geografia destaca que a Música contribuiu para trazer “a vida real” para a escola, pois os conteúdos nem sempre conseguem fazer ligação com o cotidiano das pessoas e dos alunos. “Eu acho que a música contribui muito para isso, porque ela fala da vida, e eu acho que pode contribuir muito com o ensino e a aprendizagem” (professor de Geografia, ago. 2015).

A colocação do professor de Geografia está relacionada a outro evento que foi destacado nas falas dos educadores: o Dia do Artista na Escola. Nessa atividade, organizada dentro do

projeto, o compositor da canção *Barra da Lagoa*, Neco, que reside em Florianópolis, veio à escola e assistiu os alunos tocarem e cantarem sua música. Em seguida, ele fez uma apresentação musical e relatou a história da composição dessa canção. Também o professor de Inglês, que é músico, apresentou-se nesse dia. Essa atividade foi realizada no pátio da escola e contou com a presença de todos os alunos dos anos finais, professores, equipe pedagógica e demais funcionários. Esse dia foi mencionado como uma atividade capaz de proporcionar vários desdobramentos, pois envolveu todas as turmas do sexto ao nono ano que participaram da organização do evento, além da presença do compositor. A respeito dessa experiência, a orientadora comenta:

Então, eu acho que mexeu com a escola... aquela apresentação do compositor da música *Barra da Lagoa*, aquilo foi maravilhoso, eu acho que a escola toda se emocionou, pois é uma coisa que não se vê sempre... é raro tu veres isso numa escola. Foi muito bacana, e eu acho que com certeza, a escola se envolveu como um todo, todo mundo estava envolvido, e cada um do seu jeito. Eu acho que foi muito produtivo e muito especial. (Orientadora, set. 2015)

Ainda com relação ao Dia do Artista na Escola, a professora da sala informatizada ressaltou a entrevista que os alunos que participavam do Projeto da Rádio Escolar realizaram com o compositor. Esses alunos eram de outras turmas, que não estavam participando do projeto interdisciplinar, porém foram envolvidos pela atividade musical. Ela relata:

Mas o que mais provocou, o que foi mais gratificante foi ver os alunos da rádio, depois, no momento do dia em que o artista veio à

escola, porque houve um envolvimento muito grande, especificamente, no caso desses alunos que participam do projeto da Rádio Escolar... com um encantamento muito grande de estar participando, vendo o artista na escola, poder entrevistar, poder editar essa entrevista, botar esse programa no ar, então isso foi muito gratificante pra eles...e até hoje eu tenho esse retorno deles, assim...então foi muito bom isso. (Professora da sala informatizada, ago. 2015)

O Dia do Artista na Escola foi uma atividade que mobilizou um grande número de pessoas na sua organização, pois a rotina escolar foi alterada em função da utilização de todo o pátio interno para a apresentação dos alunos, do compositor e do professor de Inglês. Também o fato de recepcionar o artista, providenciar o seu deslocamento, filmar e fotografar todo o evento, realizar a entrevista, providenciar um lanche adequado, enfim, foram ações ligadas ao projeto interdisciplinar que necessitaram do envolvimento de toda a comunidade escolar.

Na avaliação da orientadora, o projeto “Regiões brasileiras” “conseguiu mexer com os alunos, com os professores e com a escola, e mostrou que a Música pode ir muito além da sala de aula, e não ficar naquela aulinha” (orientadora, set. 2015). O professor de História, igualmente, salienta que a Música fez com que os professores, assim como os alunos, cedessem espaço da individualidade para um coletivo, e que isso trouxe ânimo para o grupo trabalhar em conjunto. Ele complementa dizendo: “E essa coletividade é uma fonte de energia muito rica, e que faz a gente ter forças pra continuar e com prazer, o que é mais importante” (professor de História, set. 2015).

Os fragmentos extraídos das entrevistas realizadas com os educadores mostram que a presença da Música no projeto “Regiões brasileiras” abriu novos espaços de convivência na

escola e fora dela, e, segundo Fonterrada (2007), esse é um dos papéis da música:

No nosso entender, a grande função da música na atualidade é abrir espaço para que indivíduos e comunidades possam desfrutar do fazer musical e da apreciação legítima e profunda da música e se utilizem dela como fonte de desenvolvimento e crescimento. Sem qualquer forma de exclusão. (FONTERRADA, 2007. p. 33)

As reflexões dos educadores apontam que o ensino de música possibilitou a realização de experiências que extrapolaram a sala de aula e os muros da escola, com atividades que exigiram a cooperação de alunos, professores e equipe pedagógica. O “fazer musical” e a “apreciação legítima” citados por Fonterrada (2007) atingiram não só os alunos dos sétimos anos que participaram do projeto interdisciplinar, mas também outros públicos que puderam apreciar e conhecer o trabalho que foi realizado na escola.

5.3 Desafios e obstáculos

A participação no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” tornou-se um desafio, segundo os relatos dos educadores participantes da pesquisa, tanto para os novatos como para os que já atuam há mais tempo na escola e possuem algumas experiências com projetos interdisciplinares. Os desafios e obstáculos foram apontados como aspectos importantes para serem refletidos e superados.

O ensino interdisciplinar, segundo Fazenda (2002), surge da proposição de novos métodos, de novos objetivos e de uma nova pedagogia, em que um dos aspectos principais é a prática dialógica. Para que isso ocorra, “faz-se necessária a eliminação de barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que

pretendem desenvolvê-las.” (FAZENDA, 2002, p. 33). Segundo a autora, podem surgir certos obstáculos, quais sejam: obstáculos epistemológicos e institucionais, obstáculos psicossociológicos e culturais, obstáculos metodológicos, obstáculos quanto à formação e obstáculos materiais. No presente capítulo, esses obstáculos serão identificados e esclarecidos, de acordo com os relatos dos entrevistados.

Um dos obstáculos apontados pela professora de Ciências foi o fato de não conseguir identificar a interdisciplinaridade entre a disciplina de Música com a sua respectiva disciplina. Ela relata:

Esse momento, para mim, está sendo o mais difícil de relatar. Por exemplo, a música eu via que acontecia, que estava acontecendo, eles comentam da música: “Vamos apresentar! Vai ter ensaio!” Eu sabia disso. Agora... a relação do meu trabalho, do meu conteúdo, com a música... é o que eu te falei, não me encaixou, entendeu? (Professora de Ciências, set. 2015)

A professora de Ciências destacou que o trabalho poderia ter sido mais interessante, se as músicas pudessem ser escolhidas e discutidas por todos os professores do projeto: “Por exemplo, o lobo-guará lá do cerrado, com certeza deve ter uma música de dezenas de anos que resgataria isso. História, Geografia... eu acho que seria muito trabalhoso, [...] mas poderia ter sido bastante interessante” (professora de Ciências, set. 2015).

Integrar toda a equipe e motivar os professores que estão chegando foram desafios também colocados pela professora de Ciências. Ela traz reflexões acerca da importância de os alunos sentirem que houve interdisciplinaridade, que não é algo que foi colocado na teoria e que não se efetivou na prática. Ela acrescentou que:

O mais importante não é a gente ter um trabalho interdisciplinar, é o aluno entender que

foi interdisciplinar. Essa é a maior preocupação que nós temos que ter. [...] A minha preocupação é a seguinte: o aluno conseguiu ver que Geografia, História, Português, Educação Física, estavam juntos? O foco era a interdisciplinaridade? Eles entraram nesse caminho junto com a gente? Então, quando eu sinto que aconteceu isso, não precisa ser cem por cento, nunca vai ser. Então, quando eu sinto que entrou nisso, eu já estou satisfeita. (Professora de Ciências, set. 2015)

Com relação aos alunos, a professora de Educação Física ressaltou que seria importante que eles fossem envolvidos no planejamento do projeto. “Então é uma coisa para pensar: que nós podemos buscar os alunos também para esses momentos de planejamento e de avaliação ao longo do processo”. Ela enfatiza que as decisões não devem ficar somente nas mãos dos professores, como foi o caso desse projeto. “Claro, tu usas uma metodologia que deixa um pouco mais livre aqui e ali, mas a decisão do caminhar da coisa foi só nossa”. A professora afirma que isso pode ser um passo adiante, pois para ela o envolvimento dos alunos nas decisões finais seria uma forma de melhorar e qualificar os projetos. (Professora de Educação Física, dez. 2015)

As colocações feitas pela professora de Ciências e pela professora de Educação Física nos põem diante de “obstáculos metodológicos”, que, segundo Fazenda (2002), estão relacionados à ausência de flexibilidade para rever e refletir quanto aos conteúdos da sua disciplina e a relação com as demais disciplinas. Essa flexibilidade está relacionada com a formação que pretendemos dar aos nossos alunos. Segundo a autora, não devem ser negligenciadas as especificidades de cada disciplina.

As dificuldades relacionadas às limitações impostas pela própria estrutura da escola, a falta de espaços físicos

adequados, a escassez de tempo para encontros e planejamento no desenvolvimento do projeto também foram levantadas pelos educadores. A diretora apontou, como um dos problemas, a falta de um auditório climatizado para encontros e ensaios com as turmas, pois, segundo ela, eram muitos estudantes em uma sala pequena, gerando muito barulho e desconforto. “Se nós tivéssemos um espaço para os ensaios, e para desenvolver a postura necessária para as apresentações, para estar em um local com mais conforto para todos, os ganhos seriam maiores” (diretora escolar, fev. 2016).

O professor de História trouxe aspectos relacionados à grade curricular e à carga horária enfrentada pelos professores em geral. Ele coloca:

No entanto, eu tenho uma certa dificuldade de trabalhar interdisciplinaridade. Por que? Por causa da estrutura em que o ensino e a escola estão colocados. Nós temos uma grade de horários, e eu acho que essa palavra “grade” diz muito como a coisa é organizada, fechada. Dentro dessa grade a gente tem poucos momentos para nos reunir enquanto professores. A grade não nos permite isso. A gente para conseguir que um professor A possa se reunir com o professor B, isso precisa ser buscado, nem sempre é possível, não é uma coisa simples. E quando se juntam mais de dois professores... então o problema fica maior ainda. Então essa é uma grande dificuldade, um empecilho para a interdisciplinaridade, a estrutura em que a gente atua. (Professor de História, set. 2015)

O professor de História ainda ressalta a questão da carga horária excessiva dos professores nas escolas estaduais e municipais do Brasil. Ele faz uma comparação com as instituições de ensino de nível federal, onde o tempo é distribuído de forma que possam ocorrer sistematicamente

reuniões de planejamento e atividades interdisciplinares. “Com os professores onde a gente trabalha, nós não temos! A gente tem que buscar esse tempo fora do horário de serviço. Então são grandes complicadores” (Professor de História, set. 2015). Com relação a esse tema, a professora da sala informatizada diz: “O que falta, às vezes, nas escolas, devido ao tempo, a correria do dia a dia, é isso, é parar, é planejar, pensar e principalmente articular os planejamentos” (professora da sala informatizada, ago. 2015).

As dificuldades e obstáculos com relação ao tempo para encontros e planejamentos foram igualmente abordados pela professora de Educação Física. Ela indica que deveríamos ter mais espaço para os projetos, pois quando o professor tem sua carga horária completa, fica muito difícil envolver-se com novas propostas de trabalho. Ela fala que poderíamos ter pelo menos dez horas para dedicação aos projetos interdisciplinares, e que dessa forma o trabalho teria outra qualidade. “Porque se tu não sentares com os teus parceiros: uma que tu te sentes isolado! Sentou no início do ano, planejou um projeto e daí? Como é que está este projeto?”. Ela destaca o trabalho da equipe pedagógica e auxiliares de ensino:

Eu vejo que a gente nunca ficou desassistido em função de que a supervisora e mesmo a diretora sempre fizeram das tripas, coração. Nós sempre contamos também com as meninas Auxiliares de Ensino, muitas vezes ficavam até dando jeito em mais de uma turma para nós podermos sentar em algum momento. (Professora de Educação Física, dez. 2015)

A professora de Ciências, igualmente, ressalta: “Eu vejo que... um jogo de cintura que tem que fazer, porque não é mole tirar o professor da sala para isso. Mas a gente sente que é mais importante estar fora da sala nesse momento do que na sala” (professora de Ciências, set. 2015). Ela destaca que essa

dinâmica para que as reuniões entre a equipe de trabalho ocorram é muito difícil, mas que é um processo. A respeito desse assunto, o professor de História relata:

Então a gente percebe o esforço feito pela equipe, em alguns momentos complicados, de ter que manejar com vários profissionais, alterar horário, acionar auxiliares de ensino, acionar um monte de pessoas para que a gente possa se reunir. (Professor de História, set. 2015)

A supervisora escolar destaca que “não basta só o professor dentro de sala, porque se não houver uma articulação fora de sala as coisas não acontecem, pois os professores não têm tempo para se verem, os professores estão cada um em horários diferentes”. Ela enfatiza a importância dessa articulação que precisa acontecer fora da sala de aula, entre os membros da equipe pedagógica, para que os professores consigam dialogar (Supervisora, ago. 2015).

Podemos identificar esses obstáculos, segundo Fazenda (2002, p. 33), como “epistemológicos e institucionais”. Para a autora, “a interdisciplinaridade torna-se possível quando se respeita a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor”. Sendo assim, é necessária a eliminação das barreiras existentes entre as disciplinas e a rigidez apresentada nas instituições de ensino que reforçam a supremacia de algumas ciências sobre as demais, aliada a interesses econômicos.

Tais dificuldades apontadas pelos educadores também fazem referência aos “obstáculos materiais” para a efetivação da interdisciplinaridade, pois é preciso uma previsão orçamentária adequada e um planejamento que considere o espaço e o tempo necessários. Segundo Fazenda (1996), muitos projetos acabam sendo fruto da improvisação, do acaso e das circunstâncias. É necessário que haja uma articulação de

espaço e tempo que favoreça os encontros de pequenos grupos de trabalho entre professores, e contatos individuais entre estudantes e professores. Os aspectos financeiros, segundo Fazenda (1996), são de fundamental importância. “A motivação para o trabalho, sem remuneração adequada é, em geral, muito pouco duradoura” (FAZENDA, 1996, p. 57). Ela ressalta que somente quando as instituições se conscientizarem do real valor da interdisciplinaridade, ela será realmente efetuada.

O professor de Geografia e a professora da sala informatizada citaram como um desafio o fato de a interdisciplinaridade ser abordada como uma teoria durante a licenciatura, mas não ser vivenciada na prática, criando uma distância entre a formação do professor e a realidade escolar. Para o professor de Geografia, o fato de estar trabalhando há pouco tempo como professor não havia proporcionado muitas oportunidades de vivências interdisciplinares; apesar de ter lido textos acerca do assunto, ele não tinha noção de como poderia acontecer na prática. A professora da sala informatizada também falou:

É um tema que... a gente tem a teoria na universidade e tudo, mas na prática eu nunca tive antes. A minha primeira experiência com a interdisciplinaridade foi na Escola Batista Pereira, com este projeto, e... a minha experiência foi ótima, porque...a gente tem o conceito, não tem na prática, e na prática durante o projeto deu pra perceber que é possível. (Professora da sala informatizada, ago. 2015)

Os aspectos apontados pelo professor de Geografia e pela professora da sala informatizada enquadram-se nos “obstáculos quanto à formação” (FAZENDA, 2002), o que implica na necessidade de um novo tipo de formação de professores. Para

isso, é necessária uma transformação na relação entre professor e aluno. A relação deixa de ser baseada na transmissão do saber e passa a ser uma relação dialógica. Torna-se necessário, segundo a autora, que além de uma formação teórica em interdisciplinaridade, sejam vivenciadas experiências reais de trabalho interdisciplinar na formação dos futuros profissionais da educação.

A professora de Educação Física relatou dificuldades que enfrentou com relação ao envolvimento da turma no projeto, pois os alunos apresentaram resistência pelo fato de trabalharem com um assunto mais teórico, e não somente fora da sala de aula: “Ah, mas nós vamos ter que fazer um trabalho?” Essa foi uma reação dos alunos. Ela colocou que precisou mudar a dinâmica do que pretendia fazer para minimizar as reclamações. A professora atribuiu essas reações ao fato de nunca ter trabalhado com essa turma, que apresentava um perfil mais acomodado, também pelo histórico que cada um vivenciou nos anos anteriores com a disciplina, trabalhando somente com movimento. Relacionou o fato também às suas próprias limitações com relação à sua pouca formação em dança, que impediu uma vivência mais aprofundada do assunto. (Professora de Educação Física, dez. 2015)

Outros obstáculos foram apontados também pela orientadora em relação à dificuldade que os profissionais apresentam, na maioria das vezes, para se envolverem com uma proposta de projeto interdisciplinar. Ela relatou uma tentativa de trabalhar com a interdisciplinaridade, que não foi possível ser concretizada, pela falta de abertura dos profissionais.

Quando eu me efetivei, em 1994, havia umas professoras que estavam planejando um projeto, era bem nessa linha assim... de um entrar na disciplina do outro e tal! A gente começou com os anos iniciais e aquilo foi depois para os anos

finais, só que não deu certo nos anos finais, justamente porque um não permitia essa entrada do trabalho com o outro, essa visão... porque para acontecer o professor tem que ter uma cabeça que queira se envolver. Podes ver! Quando tem projeto nem todo mundo consegue... porque não tem esse olhar: “Como eu posso entrar aqui?” Porque às vezes quer trabalhar muito certinho. Então o projeto morreu, justamente por causa disso... quando chegou nos anos finais, morreu! Porque sentávamos todos juntos para planejar: Geografia, História... o que cada um poderia trabalhar no projeto, mas isso não funcionou muito legal. (Orientadora, set. 2015)

Nesse tema, o professor de História ressalta o nosso individualismo, de homens e mulheres do século XXI: “cada um está no seu mundo, cada um está na sua casa, cada um tem seus próprios problemas, e o nosso trabalho é só um trabalho que a gente precisa realizar para conseguir a nossa remuneração e pagar as nossas dívidas”. Ele complementa dizendo que muitas vezes trabalhamos muitos anos com os mesmos professores e temos uma relação distante, sem qualquer tipo de troca com essas pessoas. Ele coloca suas próprias limitações para envolver-se e buscar por si mesmo uma atividade mais coletiva e integrativa como a que ocorreu no projeto. O professor narrou o seguinte:

Então, se não fosse a iniciativa da professora de Música... eu não buscaria por mim mesmo a interdisciplinaridade, eu não teria forças para buscar isso. Às vezes eu até tentei em alguns momentos: “Ah vamos fazer!” Daí essa disciplina, tem uma relação? Tem! Só que esse negócio, não é uma fala daquele momento, é preciso que os professores envolvidos naquele projeto, estejam realmente envolvidos, queiram se reunir sistematicamente, porque... são muitos

encontros, e... eu já tenho dificuldade para ficar chamando pessoas para isso... a pessoa disse um “não” eu já acho que eu estou tirando-a da situação que ela quer estar... então eu já não pergunto a segunda vez. Eu não sirvo para tomar iniciativa, para haver interdisciplinaridade eu preciso ser chamado, eu preciso encampar a ideia, porque se eu não tiver interesse... eu não entro em nada que eu não tiver interesse. (Professor de História, set. 2015)

Podemos relacionar tais situações relatadas pelos educadores com os “obstáculos psicossociológicos e culturais” mencionados por Fazenda (2002), os quais estão relacionados à falta de conhecimento do que é um projeto interdisciplinar. Esse desconhecimento pode gerar uma acomodação pessoal e coletiva, ou até a visão de que a interdisciplinaridade é uma aventura, e de que a participação em um projeto interdisciplinar significa uma rejeição à especificidade das disciplinas. Essa visão dificulta a organização de um trabalho em equipe e a busca de uma linguagem em comum.

Com relação aos desafios enfrentados na realização de um projeto interdisciplinar, Santomé (1998) fala que seu aperfeiçoamento é realizado na prática, na medida em que são feitas experiências reais de trabalho em equipe, onde são encaradas as possibilidades, os problemas e as limitações e, por isso, segundo o autor, “a interdisciplinaridade é um objetivo nunca completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado” (SANTOMÉ, 1998, p.66).

A prática do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” foi apontada por todos os educadores com suas limitações, problemas e obstáculos em diferentes níveis, enfrentados na realidade do contexto escolar. Fica claro o esforço de toda a equipe participante para que o projeto pudesse ser concluído e o fato de que a estrutura das escolas brasileiras em nada colabora com propostas pedagógicas que

exijam mais espaços para planejamentos coletivos, encontros e diálogo. As dificuldades relatadas nos remetem a duas exigências colocadas por Paulo Freire (2005) no ato de educar: “consciência do inacabamento” e “reconhecimento de ser condicionado”. O autor comenta: “gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 2005, p.53). Segundo Paulo Freire, aprender é uma aventura criadora, é construir, é constatar para mudar, e isso não pode acontecer sem abertura ao risco e sem aventura do espírito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs investigar o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, a partir da percepção dos educadores envolvidos, e teve como objetivos específicos compreender, segundo a percepção dos educadores, os efeitos do ensino curricular de música realizado no projeto interdisciplinar para os alunos envolvidos e para a escola como um todo; identificar os obstáculos e desafios enfrentados pelos educadores durante a concretização do projeto interdisciplinar. Para isso, utilizei como método a História Oral Temática, cujo principal instrumento de coleta de dados são entrevistas temáticas semiestruturadas, que versam sobre um tema que tem um assunto definido, uma função desempenhada ou uma experiência específica. Dessa forma, foram entrevistados oito educadores, sendo que cinco são professores e três, membros da equipe pedagógica. Todos os entrevistados participaram integralmente, durante todo o ano letivo de 2014, do projeto interdisciplinar, realizado com duas turmas dos sétimos anos na Escola Básica Municipal Batista Pereira, em Florianópolis.

Num primeiro momento, foram discutidos os conceitos de interdisciplinaridade, no intuito de encontrar pontos em comum entre os autores, já que o termo não possui uma única definição, mas trata-se de uma proposta metodológica que busca romper com o que está estabelecido. Dessa forma, fica claro que a interdisciplinaridade requer uma disponibilidade da equipe de trabalho para o estabelecimento de parcerias e para a abertura ao diálogo, na busca de soluções de questões ou problemas levantados, sem, contudo, abandonar a especificidade e o conhecimento das disciplinas. Segundo os autores, é necessário que haja disciplinas para que ocorra a interdisciplinaridade e que, ao contrário do que podemos achar, não é necessário que sejamos competentes em várias

áreas, o importante é que tenhamos interesse pelo que está acontecendo à nossa volta, com nossos colegas de trabalho.

Com relação à revisão de literatura, a área da educação musical mostrou-se ainda tímida com relação à interdisciplinaridade. Alguns trabalhos apontam que as discussões são realizadas na academia, nos cursos de licenciatura em música, e que foram realizadas experiências significativas entre a educação musical e outras áreas; entretanto, nas escolas da rede pública de ensino, mais especificamente nos anos finais do ensino fundamental, encontrei poucos trabalhos.

Quanto à metodologia utilizada, destaco que a abordagem qualitativa, com o método da História Oral Temática e entrevistas temáticas semiestruturadas, permitiu-me, nas funções de professora e pesquisadora, estar mais próxima de meus colegas de trabalho, ouvir suas opiniões, suas experiências e impressões, tornando-os protagonistas de uma pesquisa científica que tem como um de seus objetivos compartilhar conhecimento. O fato de ser pesquisadora e professora proponente do projeto interdisciplinar em questão exigiu-me uma constante vigilância para manter o distanciamento necessário e crítico exigidos por uma pesquisa acadêmica. Por outro lado, esse aspecto mostrou-se positivo, tanto na realização das entrevistas, como também na interpretação e análise dos dados, em função do universo do contexto escolar fazer parte da minha trajetória profissional, indo ao encontro de muitos questionamentos, angústias e conquistas que permeiam a tarefa de ser professora.

O método da História Oral Temática mostrou-se eficaz pelo fato de a proposta com o projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” ter sido vivenciada pelos educadores durante o ano letivo de 2014, um ano antes da coleta dos dados. Tal fato propiciou um resgate da memória recente, pois é durante a entrevista que as lembranças são reconstituídas e revividas dentro daquele contexto, buscando-se resgatar o significado da

experiência, sendo essa a principal característica da História Oral Temática.

As falas dos educadores entrevistados permitiram que a análise dos dados fosse dividida em dois temas, a participação no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, e a forma como aconteceu o ensino curricular de música no projeto. O primeiro tema foi dividido em três subcategorias, que trataram dos motivos que levaram os educadores a participarem da proposta interdisciplinar, da importância da troca e do diálogo que se estabeleceu entre o grupo de trabalho e do significado da experiência para cada um dos educadores. O segundo tema foi também dividido em três subcategorias, que abordaram a visão dos educadores em relação à educação musical desenvolvida com os alunos das duas turmas do sétimo ano envolvidas no projeto, os desdobramentos dessa educação musical para a escola como um todo e os obstáculos e desafios enfrentados na concretização da proposta interdisciplinar.

Dentre as principais conclusões obtidas ao final desta pesquisa, segundo análise das falas dos educadores, destaco o que considero ser uma etapa importante da prática interdisciplinar: a possibilidade dos encontros, diálogos e trocas que o projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” promoveu entre os professores e a equipe pedagógica. A reunião para socialização dos planejamentos entre os professores dos sétimos anos, realizada no início do ano letivo de 2014, organizada e coordenada pela supervisora, possibilitou o primeiro encontro e foi a oportunidade para que eu pudesse compartilhar com a equipe de professores a proposta de trabalhar com um projeto interdisciplinar. A partir desse encontro inicial, outros momentos foram conquistados pelo grupo, com muitos esforços, conforme destacaram os educadores, mas que possibilitaram a intersubjetividade necessária para que o projeto tivesse continuidade. Os professores conseguiram se inteirar dos assuntos que estavam sendo abordados em todas as disciplinas, e dessa forma

conseguiram fazer os *links*, conforme já mencionei, da sua disciplina com as demais. Essas reuniões possibilitaram a organização dos encontros e ensaios com as duas turmas dos sétimos anos e todos os educadores envolvidos no projeto, que resultaram em apresentações na escola, em eventos externos e na concretização do Dia do Artista na Escola. Fica claro que, sem o espaço para a troca e o diálogo, o projeto interdisciplinar não teria obtido nenhum dos resultados apontados.

Com relação aos alunos, o ensino curricular de música desenvolvido no projeto interdisciplinar foi descrito pelos educadores como um elemento que contribui, na área da linguagem, para a formação dos estudantes, por terem sido apontados aspectos como foco, organização, disciplina, espírito coletivo, responsabilidade, postura e respeito aos colegas e professores. Por meio do repertório trabalhado nas aulas de música, foram possibilitadas experiências com ritmos diversificados, e os estudantes conseguiram associar esse repertório com as regiões estudadas nas aulas de Geografia e com os conteúdos da maioria das disciplinas.

Ainda com relação aos alunos, os ensaios e apresentações revelaram, segundo os educadores, que alunos que apresentavam dificuldades motoras e cognitivas conseguiram participar ativamente das atividades musicais, seja por meio do canto ou da execução dos instrumentos musicais, superando as expectativas do que normalmente desempenham nas demais disciplinas. Sendo assim, o projeto interdisciplinar conseguiu um envolvimento e integração dos alunos que surpreendeu alguns educadores, pois, como foi observado, no momento das apresentações eles se tornavam os protagonistas do trabalho. O olhar dos participantes da pesquisa mostrou que os alunos, de maneira geral, se sentiam motivados e se mostravam envolvidos com as atividades musicais.

A repercussão do ensino curricular de música para a escola como um todo, durante a realização do projeto interdisciplinar, contribuiu para que houvesse uma maior

integração da equipe envolvida no trabalho, tanto na organização das diversas atividades que aconteceram na escola como nos eventos para além dela. Nos relatos, os educadores destacam que esses eventos foram fundamentais porque houve uma maior aproximação entre professores e alunos, estreitando os laços afetivos, houve valorização da escola da rede pública de ensino, valorização dos professores e a possibilidade de outros públicos apreciarem o trabalho realizado no espaço escolar. Conforme foi salientado nas falas, o Dia do Artista na Escola mobilizou, para além dos alunos dos sétimos anos envolvidos no projeto interdisciplinar, alunos de outras turmas, pois a rotina escolar foi alterada em função da presença do compositor. A recepção do artista, o seu deslocamento até a escola, a filmagem do evento, o registro com fotos, a realização da entrevista pelos alunos do projeto Rádio Escolar foram ações que proporcionaram a inclusão de professores, alunos e funcionários de toda comunidade escolar. Essas ações em conjunto contribuíram para a valorização da presença da música na escola e sua importância na formação de todas as pessoas envolvidas no trabalho.

Partindo para a análise e interpretação dos relatos que revelaram os obstáculos e desafios enfrentados pelos educadores para a concretização do projeto interdisciplinar, em conjunto com o que postulam os autores que fundamentam essa pesquisa, pude amadurecer algumas considerações acerca da prática da interdisciplinaridade na escola.

A experiência vivenciada no projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras” só foi possível em função de um grande empenho dos professores, mas principalmente da equipe pedagógica. Toda uma logística precisou ser engendrada para que cinco professores pudessem estar reunidos para dialogarem acerca do projeto, que contou com auxiliares de ensino, direção, supervisão, orientação pedagógica, movimentação de grade de horários, turmas e salas, no intuito de criar um espaço que necessitou ser arduamente conquistado.

Nesse sentido, apesar dos documentos oficiais que legislam sobre a educação básica no Brasil deixarem claro que a interdisciplinaridade deve ser almejada na busca por uma integração curricular, e que devem ser realizados projetos interdisciplinares com temas que surjam a partir de questões da comunidade articuladas com as áreas de conhecimento, concluo que a estrutura da grande maioria das escolas públicas de educação básica brasileiras em nada colaboram com propostas pedagógicas que exijam mais espaços para planejamentos coletivos, encontros e diálogo. Tal estrutura reforça muitas vezes o individualismo e as raras reuniões pedagógicas oficiais não dão conta da demanda de assuntos administrativos e pedagógicos exigidos pelas secretarias de educação.

Dessa forma, na Escola Básica Municipal Batista Pereira, mesmo prevendo em seu *Projeto Político Pedagógico* 2015 a prática de projetos interdisciplinares, contando com profissionais que já possuem por prática promover e participar de tais projetos, possuindo uma equipe pedagógica que apoia e valoriza a interdisciplinaridade, não foi fácil para o grupo levar o projeto até sua conclusão, e muitas barreiras precisaram ser transpostas.

Outro aspecto que considero bastante relevante nessa pesquisa foram as falas que destacaram dois fatos. O primeiro foi a ausência da participação dos alunos nas decisões e encaminhamentos do projeto, e o segundo foi a proposta de que o repertório musical fosse decidido em conjunto com os professores. Essas duas colocações apontam o que precisamos conquistar para que um projeto seja realmente interdisciplinar. Analisando a fundamentação teórica e a experiência de Paulo Freire no projeto “Interdisciplinaridade via tema gerador”, fica claro que a interdisciplinaridade busca a solução de um problema levantado pelo grupo e que, para o levantamento e solução da questão, é necessário que sejam envolvidas as pessoas no processo. No projeto interdisciplinar de Paulo

Freire, ficam esclarecidos os passos necessários para que todos os setores sejam envolvidos quando se trata de realizar uma proposta no contexto escolar. Nesse caso, participaram das decisões alunos, professores, equipe pedagógica, pais e a comunidade em que a escola está inserida, na busca de um tema gerador. A partir desse tema, são realizadas discussões para que uma ação coletiva possa ser engendrada por toda a equipe de trabalho no intuito de solucionar o problema ou questão levantada.

No caso do projeto interdisciplinar “Regiões brasileiras”, os alunos não participaram das decisões em nenhum momento, tampouco foi levantada uma questão ou um problema a ser resolvido. O tema das Regiões brasileiras surgiu como uma sugestão por ser um conteúdo que seria tratado no sétimo ano na disciplina de Geografia. Não houve, portanto, nenhuma discussão entre os professores a respeito da necessidade de se trabalhar um outro tema ou solucionar alguma questão pertinente ao sétimo ano ou à escola. Da mesma forma, o repertório musical foi decidido por mim, professora de música, sem que os alunos dos sétimos anos ou os professores participantes do projeto pudessem sugerir canções que estivessem relacionadas com algum conteúdo mais específico das disciplinas ou relacionado ao contexto musical dos educandos.

Considero que a riqueza desse trabalho está em poder constatar as conquistas alcançadas pelo grupo de educadores numa busca pela interdisciplinaridade e os próximos passos que necessitam ser dados no desafio de experimentar uma proposta plenamente interdisciplinar. Assim sendo, o papel do ensino de música no projeto “Regiões brasileiras” foi importante no sentido de promover experiências musicais diversificadas aos alunos e possibilitar que, por meio do repertório e das apresentações, pudessem ser ampliadas as ligações e intercâmbios entre as disciplinas, propiciar o estreitamento das relações entre professores e alunos, a

repercussão do projeto na escola e fora dela e a valorização da escola e do ensino público. Como desafio, fica a proposta de incluir todos os setores na elaboração de um próximo projeto: alunos, pais, comunidade, professores e equipe pedagógica, e buscar um tema que vá ao encontro das necessidades apontadas pelo grupo, com o objetivo de solucionar alguma questão relevante.

Por fim, ressalto a oportunidade que este estudo trouxe no sentido de pesquisar e rever a minha própria prática e apontar como um caminho para uma futura investigação, conhecer a concepção dos alunos com relação ao ensino curricular de música em um próximo projeto interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sári Knoopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria dos métodos. Trad. Maria João Alvarez *et al.* Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - Arte. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

CAMARGO, R. B. de. **Gestão democrática e nova qualidade de ensino**: o conselho de escola e o projeto da interdisciplinaridade. Vol. I. 1997, 370 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

CAMPOS, Denise Álvares; FERREIRA, Telma de Oliveira. O educador musical no contexto de uma proposta de integração das artes na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 15., out. 2006, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

CORDEIRO, Kadna Pinheiro. Sertão: “A vida aqui é assim...” In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 16., out. 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso, 2007.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FARIA, A.F. **Artes integradas**: características das práticas desenvolvidas em escolas de Goiânia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, 2009.

FARIAS, Ignez Cordeiro de. Os militares e a política: depoimento do coronel Paulo Pinto Guedes. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 135-140.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1996.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papyrus, 2014.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 2002.

FERRARI, E. L. **Interdisciplinaridade**: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes do discurso de educadores do Ciclo II do Ensino Fundamental. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.** Florianópolis, 2008.

FONTEERRADA, Marisa Trench. Diálogo interáreas: o papel da educação musical na atualidade. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.18, 2007, p.27-34.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Interdisciplinaridade, música e educação musical. **Opus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 30-47, jun. 2010.

GAUTHIER, F. A. O. *et al.* (Orgs.) **INTERdisciplinaridade – Teoria e Prática.** Florianópolis: UFSC/EGC, 2014. v. 1.

GEYER, Cynthia; PECKER, Paula. Novas perspectivas na educação infantil: Projeto Integrado de Música, Teatro e Artes. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 16., out. 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso, 2007.

GIUPATO, Shamir Jean. Interdisciplinaridade entre música e artes visuais: uma possibilidade para o ensino de música na educação básica. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20., 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: ABEM, 2011. p. 2470-2475.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JARDIM, Helen Silveira. Música e matemática: um diálogo possível na educação básica? In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 19., set. 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.

KLEBER, Magali; CACIONE, Cleusa. Uma experiência interdisciplinar no curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.23, 2010, p.75-83.

LEME, Mônica Neves; REPSOLD, Mônica; MARINHO, Vanessa. Navegando e aprendendo música no portal: uma experiência interdisciplinar no Colégio Pedro II. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ABEM, 2008.

LIMA, Sônia Albano. Interdisciplinaridade: uma prioridade para o ensino musical. **Música Hodie**, v. 7, n.1, p.51-65, 2007.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MATEIRO, T.; FERREIRA, M. S. Interdisciplinaridade na formação de professores de música e teatro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO – REGIÃO

SUL, 2013. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Fernanda de Assis. – A educação musical em atividades interdisciplinares: um relato de experiência em uma oficina. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 16., out. 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso, 2007.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Imagens orais, escritos e fotografias: registros reconstruídos por professores. **História e Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v.12, p.105-118, set. 2002.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. Caxias do Sul: Educus, 2008.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a Música na escola. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 12., Florianópolis, 2002. **Anais...** Florianópolis, 2002. Fórum 1: Políticas Públicas em Educação Musical.

PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar posições e promover o diálogo. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n.14, p. 35-43. 2006.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PRADO, Luiz A. G. **Matemática, física e música no Renascimento**: uma abordagem histórico-epistemológica para um ensino interdisciplinar. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 2010.

QUEIROZ, Cintia Carla de; CRUVINEL, Flavia Maria. O ensino de Música em uma perspectiva interdisciplinar. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 19., set. 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

SANTA ROSA, Amélia, M. D. **A construção do musical como prática artística interdisciplinar na Educação Musical**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia – Escola de Música, Salvador, 2006.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SILVA, Rose. As Regiões Brasileiras: um projeto musical interdisciplinar. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA NACIONAL COEB 2015, fev. 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2015.

SILVA, Rose. Música e Cultura Indígena na Sala de Aula: uma experiência interdisciplinar. In: FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis, 2008.

SILVA, Rose; PINHO, Ricardo; RIBEIRO, Simone. A Cultura Indígena na sala de aula: uma proposta de currículo integrado. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA NACIONAL COEB 2014, fev. 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA TEMÁTICA SEMIESTRUTURADA PARA OS PROFESSORES

Antes de iniciar a gravação das entrevistas, apresentarei fotos que foram feitas durante a realização do projeto. Também acessarei o documento correspondente ao planejamento do projeto interdisciplinar, redigido por toda a equipe no início do ano letivo de 2014, com os objetivos, justificativa e conteúdos de cada disciplina.

Formação e atuação profissional

- 1 Qual a sua formação acadêmica?
- 2 Há quanto tempo você está em sala de aula?
- 3 Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- 4 Que disciplina você leciona?

Interdisciplinaridade

- 1 Qual a sua compreensão sobre interdisciplinaridade?
- 2 O que levou você a participar de um projeto interdisciplinar?
- 3 Como foi para você trabalhar com professores de outras áreas?
- 4 Para você, qual foi o papel da música no projeto?

5 Como você viu a participação dos alunos durante a realização do projeto?

- a) com relação à música;
- b) com relação à sua disciplina;
- c) com relação às demais disciplinas.

Resultados

- 1 O que você produziu na sua disciplina a partir do projeto?
- 2 Houve alguma mudança na sua prática a partir da sua participação no projeto? Qual?
- 3 Houve alguma mudança no seu olhar sobre a música, depois do projeto?
- 4 Qual o significado dessa experiência para você?
- 5 Você tem mais alguma observação a fazer?

ANEXO 2: ROTEIRO DA ENTREVISTA TEMÁTICA SEMIESTRUTURADA PARA A EQUIPE PEDAGÓGICA

Antes de iniciar a gravação das entrevistas, apresentarei as fotos que foram feitas durante a realização do projeto. Também acessarei o documento correspondente ao planejamento do projeto interdisciplinar, redigido por toda a equipe no início do ano letivo de 2014, com os objetivos, justificativa e conteúdos de cada disciplina.

Formação e atuação profissional

- 1 Qual a sua formação acadêmica?
- 2 Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
- 3 Que função/cargo você exerce?

Interdisciplinaridade

- 1 Qual a sua compreensão sobre interdisciplinaridade?
- 2 O que levou você a participar de um projeto interdisciplinar?
- 3 Para você, qual foi o papel da música no projeto?
- 4 Como você viu a participação das demais disciplinas no projeto?
- 5 Como você viu a participação dos alunos durante a realização do projeto com relação à música e às demais disciplinas?

Resultados

- 1 Houve alguma mudança na sua prática a partir da sua participação no projeto?
- 2 Houve alguma mudança no seu olhar sobre a música, depois do projeto?
- 3 Houve alguma influência sobre os alunos com a realização do projeto?
- 4 Houve alguma influência sobre os professores com a realização do projeto?
- 5 Houve alguma influência sobre a escola com a realização do projeto?
- 6 Qual o significado dessa experiência para você?
- 7 Você tem mais alguma observação a fazer?

ANEXO 3: O PROJETO DA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR “REGIÕES BRASILEIRAS”.



ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BATISTA
PEREIRA.

“Transformando através do Saber”

PROJETO EDUCACIONAL

Regiões Brasileiras

Professores: Ricardo Pinho, Cristiano Carli, Rochele E. Vaucher, Patrícia C. S. Arcoverde, Rose Pinheiro, Elika da Silva, Raquel Matiola.

Disciplinas: História, Geografia, Educação Física, Ciências e Artes-Música.

Ano: 2014 **Turmas:** 73 e 74

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos educandos uma compreensão sobre a diversidade na linguagem científica e étnico-cultural presente nas regiões brasileiras, levando-os a refletir sobre a temática, a fim de garantir o respeito, a valorização e o interesse pelas diferentes manifestações culturais e regionais da população brasileira.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

MÚSICA: Proporcionar aos alunos do sétimo ano experiências musicais significativas, com a prática e o

conhecimento da diversidade e riqueza da musicalidade nas diferentes regiões brasileiras.

CIÊNCIAS: Conhecer, relacionar e valorizar a biodiversidade para o equilíbrio ecológico nas regiões brasileiras, e a sustentabilidade.

HISTÓRIA: Problematizar a colonização portuguesa do Brasil, discutindo as continuidades e descontinuidades, mudanças e permanências, além, especialmente, das especificidades regionais e temporais do processo. Oferecer, assim, referências para os alunos entenderem e valorizarem as diferenças econômicas e culturais existentes entre as diferentes regiões do País.

GEOGRAFIA: Propiciar ao educando o contato e a reflexão acerca da formação espacial brasileira, percebendo seus traços históricos estruturantes e suas diferentes manifestações em cada fração do território. Portanto, compreender as regiões brasileiras como diversidades contidas numa unidade, o território brasileiro.

EDUCAÇÃO FÍSICA: Conhecer as manifestações culturais de cada região do Brasil, principalmente no que se refere à cultura do movimento, como a dança, os jogos e as brincadeiras.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL: Mediar e incentivar o uso das tecnologias digitais, buscando oferecer suporte, principalmente nas pesquisas, para as disciplinas envolvidas no projeto. Participação ativa nos registros, digitalizações e divulgação do projeto.

JUSTIFICATIVA:

O termo “interdisciplinaridade” não possui ainda um sentido único e estável e, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, seu princípio é sempre o mesmo, como

escreveu Fazenda (2002, p.31): “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa”.

Um projeto interdisciplinar, segundo a autora, às vezes surge de uma pessoa e espalha-se para o grupo, e, apesar das barreiras de ordem material, pessoal, institucional, que com certeza surgirão, podem ser transpostas pelo desejo de criar e de inovar.

Com este intuito, nasceu o projeto nos sétimos anos, que visa inserir os alunos na cultura brasileira, partindo da divisão em cinco regiões, proporcionando um “passeio” através da música, da história, das ciências, da literatura e da geografia destas, fornecendo a contextualização necessária para a criação de “pontes” de entrelaçamento do conhecimento, buscando a interdisciplinaridade.

CONCEITOS/ CONTEÚDOS:

MÚSICA: Trabalho com os diferentes ritmos e estilos musicais presentes nas cinco regiões do Brasil: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Vivências musicais por meio da prática do canto, da percussão, do violão e da flauta doce com repertório que mostre a diversidade da musicalidade presente no nosso país.

CIÊNCIAS: O conteúdo de Ciências para os sétimos anos se inicia pela célula que compõe os seres bióticos. Em seguida, vem a Zoologia, os protozoários do reino protista, os vírus, ecologia e teias alimentares. Começou-se com o entendimento de que os seres bióticos sempre são formados por células: os cinco reinos. A partir daí, reconheceu-se que os seres vivos passam pelo ciclo vital: nascer, crescer, desenvolver, reproduzir e morrer. O primeiro reino que estudaremos será o protista, em que vamos conhecer pesquisadores brasileiros importantes na pesquisa da doença de Chagas e malária e seu impacto regional. Após, entraremos no

reino animal, ao qual pertencemos. No Projeto, faremos a regionalização dos animais elencados numa saída de estudos ao Museu do Homem Sambaqui. O início se dará com os parasitas que são endêmicos de algumas regiões do Brasil. Após, entramos na região Sul com o estudo de alguns exemplos de animais significativos para a população e região.

HISTÓRIA:

- a divisão do mundo e da América entre Portugal e Espanha no Tratado de Tordesilhas;
- a conquista e colonização do Brasil pelos portugueses;
- a formação da sociedade e da economia açucareiras;
- o Nordeste como centro econômico e político do Brasil;
- o escravismo, o latifúndio e a monocultura como marcas do processo colonizador do Brasil por Portugal;
- a ação dos bandeirantes no processo de interiorização do Brasil: captura de escravos indígenas e busca por minerais preciosos;
- catequização e exploração das chamadas “drogas do sertão” no norte do Brasil;
- a sociedade e a economia mineradoras;
- a escravidão na sociedade mineradora;
- interiorização e urbanização do Brasil;
- a formação da sociedade e do Estado modernos;
- a colonização portuguesa do litoral sul brasileiro;
- as missões jesuíticas no interior da América do Sul;
- a colonização açoriana do litoral catarinense;
- a fortificação da Ilha de Santa Catarina.

GEOGRAFIA: O conteúdo de Geografia nos sétimos anos se inicia com o estudo da formação territorial brasileira, buscando-se entender os condicionantes socioespaciais, desde o

período colonial, que forjaram a atual configuração do território brasileiro. Estudam-se características gerais do povo brasileiro e suas manifestações espaciais em regiões, tais como matrizes étnicas, distribuição da população, condições de vida (IDH), migrações, buscando entender esta última como reflexo das desigualdades regionais do território brasileiro. Abordam-se também as transformações no espaço rural brasileiro (transformações tecnológicas na agricultura, aumento da concentração de terras, ausência de políticas públicas eficientes para fixação da população no campo etc.) e a urbanização brasileira (“favelização” das cidades, aumento do índice de violência, degradação ambiental, vida caótica nas cidades) como componentes indissociáveis do processo de configuração atual do território brasileiro. Estas reflexões anteriores serão abordadas especificamente em cada região brasileira, percebendo particularidades e generalidades nelas presentes. Tal estudo se dará levando em conta também os aspectos naturais condicionantes da configuração espacial de cada região. A ordem de estudo será: Nordeste, Norte, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

EDUCAÇÃO FÍSICA: Danças regionais, jogos e brincadeiras populares.

RECURSOS E AMBIENTES UTILIZADOS:

Instrumentos musicais, partituras, vídeos, filmes, livros, apostilas, sala de vídeo, sala informatizada.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

Apresentação, na escola, das músicas: Lagoa da Conceição, Asa Branca e Trenzinho Caipira.

CRONOGRAMA:

Durante o ano letivo. Cada professor abordará o assunto de acordo com o planejamento de sua disciplina.

AVALIAÇÃO:

Cada professor adotará seus critérios para avaliar o envolvimento e aproveitamento dos alunos no decorrer do processo. O projeto será avaliado pelos alunos e professores ao final do mesmo, por meio de roda de conversa e registros.